

# **E ela nunca me deixou ir embora...**

**Beatriz Coelho Silva (Totó)**

Observação da Autora:

Os protagonistas desta história são inventados e não inspirados em nenhuma pessoa que existe. Já os personagens reais aparecem com seus próprios nomes. Se não viveram o que conto aqui, é porque a vida nem sempre aconteceu como eu imaginei.

O dia em que o carro da cantora Gal Costa pegou uma mulher foi um acontecimento em Inhapim, dita cidade entre Caratinga e Governador Valadares, meras casas espalhadas pelos dois lados da Rio-Bahia, ainda em Minas. A mulher – que morreu – estava bêbada, não olhou ao atravessar a estrada e, na verdade, atropelou o carro que freara quando ela se aproximou e ainda tentou desviar. Uns tiveram pena dela, outros nem isso porque Maricota ou Cota, Cotinha era bêbada e vivia por ali, quase sempre drogada, praticando prostituição, mendicância e pequenos roubos. Mas o fato de pararem naquelas lonjuras pessoas que no outro dia mesmo estavam na televisão – que só quatro ou cinco pessoas tinham em Inhapim – e nas revistas – que chegavam velhas à cidade – os colocou no mundo. Foi tão emocionante que, muitos anos depois, cada morador da cidade tinha uma história pessoal a contar sobre esse dia.

1968 terminava e, dois meses antes, Gal tinha sido o sucesso do Festival de Música da TV Record, cantando *Divino Maravilhoso*, de Caetano Veloso, que virara estrela nacional no ano anterior, com *Alegria, Alegria*. Agora tinha chegado a vez de Gal e ela voltava à Bahia, de férias, depois de três anos batalhando no Rio. Havia saído de lá cedo, num comboio de um Aerowyllis 1968, um dos primeiros carros de luxo fabricados no Brasil, e dois fuscas de 1969, que eram de luxo por serem novos. Gal voltava vencedora, estava feliz e devia estar pensando nisso quando o acidente aconteceu. O susto com o barulho e a morte da mulher não passou nem com o carinho dos moradores da cidade, afirmando que o motorista não tinha culpa, que ela entrasse no bar à beira da estrada, tomasse uma água com açúcar, um refresco ou café para todos se acalmarem e seguirem viagem.

A cantora recusou e, com calma, tomou a frente das providências, pediu para registrar a morte na delegacia – que a cidade não tinha – mas aceitou a água, o refresco e o café, assim como a oferta de deixar o Aerowyllis na oficina ao lado do bar, ambos na beira da estrada, pois a direção travara com a manobra feita para evitar o acidente. Aonde ela ia todos os olhares – e algumas pessoas mais corajosas – a seguiam como se fosse uma marciana que aterrissara na cidade. Além do cabelo absolutamente crespo, dando impressão de não ter sido penteado e num tamanho que não era curto nem comprido, mas muito maior do que as pessoas com cabelo enroscado daquele jeito usavam habitualmente naquelas paradas, suas roupas causaram sensação e estranhamento. Aquela túnica larga e com bordados vistosos, uma calça Lee (última moda), quase azul clara de tão desbotada e velha, nunca tinham sido vistas pelos moradores de Inhapim, onde raramente paravam os carros de passeio que iam para a Bahia ou mesmo os ônibus.

Estes preferiam Governador Valadares, a pouco mais de uma hora dali, onde havia postos de gasolina e restaurantes mais vistosos. Só caminhões eram atraídos pela comida

excelente do botequim, pela perícia do mecânico/borracheiro, marido da cozinheira e pai de seus nove filhos, com o décimo a caminho naquele fim de 1968. Outro atrativo do lugar eram três mangueiras de copas redondas, enormes e altas, que criavam uma sombra perfeita para a sesta após o almoço, especialmente em verões quentes como aquele, ainda no início, prometia ser. Esses caminhoneiros sustentavam os dois negócios do mesmo dono, mas nesse dia até eles foram esquecidos, diante da novidade daquela cantora famosa ali, com seus amigos esquisitos. A maior parte nem se importou de a comida demorar e os mais corajosos até trocaram algumas palavras com os homens – e só com eles – da comitiva de Gal Costa e ofereceram ajuda àquela pequena caravana. Aproveitaram para admirar o carro da cantora, que muitos ainda não tinham visto de perto, examinando tudo, por dentro e por fora. Um luxo, coisa de artista de televisão, gente muito rica, foi o comentário geral.

Quem foi mais prestativa com a cantora e sua trupe foi Maria das Dores. Oferecida, lhe diria a mãe mais tarde. Das Dor ou Dorzinha para a família, conforme o humor de quem falava com ela. Tinha 15 anos e parecia 18, não era bonita, mas entrava naquela fase em que a mulher começa a se enfeitar e chamar atenção. Era a terceira dos nove filhos do borracheiro da oficina e da cozinheira do bar e isso atrapalhava seus sonhos e planos de ser como aquelas pessoas que ela via nas revistas ou na televisão muito de vez em quando, mas só em Governador Valadares, porque a televisão só chegara à casa de dois ou três ricos de Inhapim e eles não faziam parte das relações de Dorzinha ou dos pais dela. Mas o pouco que ela vira já alimentava seus projetos para quando fosse embora daquele fim de mundo, onde nascera, mas onde não pretendia viver quando fosse adulta. Pena que sua aparência não ajudava, pois não era magra, nem clara, nem tinha cabelos lisos escorridos como aquelas moças das fotos de *O Cruzeiro*, da *Manchete* e *Revista do Rádio* ou nos programas, geralmente de música, que TV Tupi apresentava e ela vira uma ou duas vezes.

Não que fosse feia, muito pelo contrário. Em primeiro lugar, sua pele era lisa, brilhante quase, mais puxada para morena e ficava quase cor de chocolate quando tomava sol na laje em cima do restaurante, de sutiã e calcinha, para fazer a marca igual a do biquíni, embora escondido da mãe que considerava tudo aquilo indecência, ficar ao ar livre só com roupa de baixo e ter aquela marca de sol. “Pra mostrar pra quem?”, perguntava sempre que surpreendia Dorzinha na laje. Seus traços também não eram finos e a boca, carnuda, não lembrava em nada aquelas meninas que imitavam Brigitte Bardot, a musa da época. Tinha se sentido pavorosa quando pusera um batom rosa clarinho como a diva francesa. Mas tinha olhos bonitos pretos, enormes e expressivos, cílios longos e um sorriso de dentes perfeitos que tomava conta de todo rosto e

dava enorme prazer a quem o recebia. De tanto ouvir aquilo, Dorzinha sorria sempre, “até nos momentos mais impróprios”, criticava a mãe.

Até os 12 anos, tinha sido tão magra e pequena que as poucas pessoas que percebiam sua presença lhe davam menos três anos que sua verdadeira idade. Nessa época, engordou tanto que ficou disforme e, embora tivesse começado a prestar atenção nos meninos, nenhum a olhava mais de uma vez, a não ser para rir ou caçoar de seu desajeito. O que a fez desistir do assunto, inconformada com a primeira injustiça desse mundo. A primeira que a afetava pessoalmente. Por falta de ter com quem reclamar, sofreu calada. Aos 14, milagrosamente, perdeu dez quilos, os seios cresceram, a cintura afinou e os quadris ganharam contornos de um corpo de violão. Segundo um caminhoneiro comentara certa vez (longe da mãe dela, por medo, e do pai, por respeito e solidariedade masculina), era magra com carnes nos lugares certos.

Ela, no entanto, ainda pensava em si como aquela gordinha disforme e nem notava os olhares gulosos dos fregueses da oficina e do restaurante, todos muito mais velhos que ela. Eles também não passavam disso porque eram vigiados de perto pela mãe de Dorzinha, que já adivinhava o temperamento e o futuro de sua terceira filha, mas não aprovava nenhum dos dois. O cabelo pichaim (embora sedoso) era um problema a mais e daí vinha a fascinação por Gal Costa, que ela tivera a sorte de ver cantando *Divino Maravilhoso*, pois estava em Governador Valadares no dia em que o festival foi transmitido pela televisão. Tinha gostado de tudo, da música, do jeito da cantora, da roupa que ela usava, mas principalmente do penteado que, aliás, chamara atenção de todo o Brasil. Então podia aparecer na televisão com um cabelo daqueles? Se podia, ficava tudo mais fácil, pois o dela, como o da cantora, sempre parecia despenteado. Ao menos era o que sua mãe sempre reclamava.

Mas suas roupas não ajudavam. O único vestido novo, feito especialmente para ela, que tivera na vida, tinha sido o que a madrinha, dindinha Lucília, lhe dera nos seus 15 anos. Era um tubinho branco, com barra bordada em azul e vermelho como se usava, mangas cavadas e gola roulê também nessas cores, última moda há seis meses atrás, data de seu aniversário. Como era o mais chique que tinha, nem lhe passou pela cabeça que a moda podia mudar. Todo o resto de seu guarda roupa, três outros vestidos, duas saias e três blusas, havia herdado das filhas da madrinha e, geralmente quando os ganhava, estavam meio foveiros ou já fora de moda. Mas como não tinha outros, não reclamava e sonhava o dia em que poderia comprar os seus. Há poucos meses, tinha feito uma saia, com retalhos que uma costureira vizinha lhe dera. A costureira até elogiou, disse que ela tinha jeito. Dorzinha pensou que essa seria uma solução para ter vestidos bonitos, como os que via nas revistas. Só precisava arrumar pano para costurar.

Ela tinha visto o festival da Record, em que Gal cantara *Divino Maravilhoso* na casa de sua madrinha, dona Lucília Rodrigues Coelho, viúva do comerciante fundador de Governador Valadares e filha do fazendeiro que empregara os avós da menina, os paternos e os maternos. Como era afilhada, de vez em quando e a pretexto de ajudar na casa, passava uns dias lá, com um status entre as empregadas e os muitos filhos e filhas, netos, primos e sobrinhos que enchiam a casa de dindinha Lucília, como a chamavam todos da família Coelho. Dorzinha viu o festival com essa turma e Gal Costa cantando daquele jeito gritado foi uma revelação, com aquele cabelo (pichaim como o seu, só que bem tratado, havia pensado) e aquelas roupas largas, parecendo de anjo de coroação, só que coloridas. Queria aquilo, queria para sua vida, sem saber direito o que era. Por isso quase não acreditou quando Gal Costa em pessoa entrou no bar, mas recuperou o fôlego e ajudou a cantora e sua trupe, tão prestativa. Trouxe café com quitandas, água gelada para beber e morna para descansar os pés dela e ainda confessou sua admiração numa calculada ingenuidade que encantou a Gal e seus amigos.

Especialmente Genuíno José dos Santos, Genu, baiano como Gal, que tinha conseguido carona no carro do empresário da cantora, um dos fuscas. Pau para toda obra, Genu tinha vindo para o Rio com 18 anos, diploma de eletricista do Senai e muita vontade de vencer. Era filho da empregada numa casa vizinha à de Gal Costa, na Bahia. Ele veio com recomendação da mãe da cantora e a procurou assim que deixou suas coisas numa pensão do centro. A cantora lembrava daquele menino engraçado e despachado, poucos anos mais novo, mas incrivelmente criança para a adolescente que ela fora quando eram vizinhos. Estava mesmo precisando de alguém para ajudar nos poucos shows que apareciam. Só não tinha como pagar bem porque ela também não ganhava muito, o que era mero detalhe para Genu. Isso tinha acontecido um ano e meio antes e o sucesso de Gal Costa no festival clareou também o futuro de Genu.

Genu não era um rapaz bonito para os padrões da época, que exigiam cabelos lisos e traços angelicais como os cantores de rock ingleses, mas fazia seu sucesso porque era quase alto, tinha os músculos bem desenhados de tanto carregar sacolas na feira livre (onde tinha sido ajudante até sair de Salvador) e gelo nas barracas da praia do Farol da Barra (idem, idem). Como seu trabalho no Rio era carregar equipamento e se pendurar em tetos para montar luz e som de shows, o físico só melhorou. Tinha aquele andar macio de quem joga capoeira, que aprendera com vizinhos de sua mãe, preocupada em dar alguma disciplina àquele menino criado sem pai. Era bem moreno, mas o cabelo era um sarará que chegava a louro escuro no fim do verão. Tinha nariz fino, olhos espertos, mas os dentes eram sua tristeza. Encavalados, enormes, saltados para fora, atrapalhavam toda a cara especialmente quando ele estava sério. Por isso, Genu também vivia sorrindo e era difícil alguém ter um pedido negado por ele. Essas duas qualidades haviam

conquistado Gal Costa, que acolhera aquele vizinho pobre por uma mistura de pena com simpatia e nunca parava de surpreender-se com sua disposição e tino para o trabalho de produção de shows. E sempre agradecia a Deus ter-lhe colocado aquele anjo da guarda em seu caminho, embora reconhecesse que um dia ele iria cuidar da própria vida, pois via-se que era profissional de muito futuro. Mas naquela época, ser contra-regra (ainda não se falava road) de uma cantora que estava fazendo sucesso no momento era, para Genu, o ápice de sua vida, mais do que acreditava que podia lhe acontecer quando saiu da Bahia.

Ele notou o corpo de cabocla de Dorzinha e viu-a empinar-se quando percebeu seu interesse. Conversaram um pouquinho e Genu adorou o nome. “Parece uma mistura do bom e do ruim, mas é mais pra bom”, galanteou pensando em dar uns beijos naquela boca sorridente. Dentes lindos, alinhados, perfeitos, pensou guloso, ao contrário dos dele, a primeira coisa que consertaria assim que chegasse à Bahia vitorioso e com algum dinheiro, fruto do sucesso de Gal. Queria também alisar aquele corpo e quem sabe até ver aqueles peitos espremidos e sobrando um pouco no vestido que já estava gasto e pequeno em Dorzinha. Por isso – e também por dever de ofício, sejamos justos – ele ofereceu-se para ficar em Inhapim quando o grupo decidiu ir para Governador Valadares, onde havia hotel, delegacia para registrar o acidente fatal e tudo mais.

A desculpa era tomar conta do Aerowillis para evitar algum roubo, precaução absolutamente desnecessária até hoje, em Inhapim, imagina naquele tempo, quando as pessoas saíam de casa e deixavam janelas e portas abertas. Ainda bem, porque Genu deve ter sido a única pessoa da cidade que não pensou no carro naquela noite. Era o mais moderno e luxuoso que já tinha parado ali em muitos anos e não houve morador que não passasse em frente à oficina para dar uma olhada e conferir. Genu tinha outras preocupações naquela noite. Sua cabeça e seu corpo se ocuparam de Dorzinha e de encontrar uma forma de vencer as resistências da menina. Para ser justa, novamente, é preciso dizer que ele reconheceu a competência do mecânico e do pai de Dorzinha, chamado para ajudar nessa urgência, já que Gal ia esperar o conserto para seguir viagem até a Bahia, certamente no dia seguinte.

Os dois nem viram quando todo mundo foi embora, continuaram naquela conversa e ela, prestativa (oferecida, dada demais, dizia a mãe), arrumou-lhe a cama e o banho, enquanto ele pensava como seria bom deitá-la ali mesmo, já! Mas foram ver o por do sol no alto no morro e começar os beijos e abraços lá mesmo foi decorrência. Até acabar a luz da cidade (lá pelas dez horas), ficaram naquele embate em que o homem avança e a mulher se nega, com vontade de ceder. Dorzinha já tinha tido paqueras, olhares, mas nunca um beijo de verdade, de língua como no cinema e muito menos aquela agarrção, aquela respiração arfante, como a que às

vezes vazava do quarto dos pais. Era bom e dava medo, mas acabou lá pelas 10 da noite, assim que as luzes da cidade se apagaram e a mãe a chamou, desconfiada daquela amizade repentina com o cabeludo dentuço e esquisito.

No dia seguinte, de manhã, o carro, que pena!, o carro estava pronto e Genu ia dirigindo para Governador Valadares. Ele queria chegar cedo, mas não se esqueceu de dar o endereço no Rio para Dorzinha e dizer-lhe para aparecer lá. Com os muitos shows que Gal estava fazendo e o aumento do seu cachê, ele tinha realizado seu primeiro sonho carioca. Havia deixado o conjugado que alugava com mais quatro amigos no Catete e tinha um só seu, em Copacabana. Sentia-se praticamente rico e, da primeira vez que ficou sozinho em casa, dois ou três dias depois da mudança, achou que ia se perder naquele enorme espaço de 25 metros quadrados, a duas quadras da praia e perto das boates da moda, como o Le Bateau e o Ruy Bar Bossa, onde se apresentavam os grandes artistas da música e onde ele só tinha entrado, até então, para carregar equipamento dos artistas que se apresentavam lá. Anos depois Genu contaria que, nessas ocasiões, ficava imaginando como e se conseguiria, um dia, chegar de carro como os cabeludos que via entrar no meio da noite, com lindas meninas no banco do carona ou então sozinhos, sem nunca saírem desacompanhados.

Genu se sentira animado um ano antes, quando Milton Nascimento fez uma temporada no Ruy Bar Bossa, pouco depois de ter estourado no Festival Internacional da Canção com *Travessia*. Ele havia trabalhado como contra-regra e faz tudo por indicação de Gal ao pianista Wagner Tiso, que acompanhava Milton. Tinha sido o primeiro dinheiro de verdade ganho desde a chegada da Bahia, mas o que o encantou foi ter sido tratado como mais um da turma dos mineiros e ver que o compositor de *Travessia*, negro retinto, era tratado como grande estrela. Genu sabia como a sociedade brasileira era preconceituosa e já sentira isso em Salvador, como menino pobre, bolsista em colégio de filhos da classe média, e no Rio, onde era tratado com displicência ou menosprezo por porteiros, vendedores e motoristas de alguns artistas, devido a seu cabelo sarará, seu sotaque baiano e a suas roupas baratas (nesta ordem, imaginava ele). Mas viu que as mulheres se derretiam para Milton e seu baterista Robertinho Silva, também negro, mas falante, ao contrário do tímido Milton. Fosse pelo atrativo da fama, pelo charme de ambos ou os dois motivos.

A partir daí, acreditou que um dia também teria sua chance com as mulheres que apareciam nas revistas, mas não se preocupou em saber quando nem como. Decidiu, sim, que viveria naquele mundo, pois adorou estar na equipe de um show de sucesso, que lotava todas as noites e quis aprender o que precisava ser feito para um cantor agradar tanto ao público que as pessoas iam ouvi-lo dias seguidos como acontecia com Milton Nascimento e seu grupo

naquela temporada. Wagner Tiso era poucos anos mais velho que Genu, tomou-o sob sua proteção e o chamou também para trabalhar como contra-regra em gravações à tarde. Genu não era musical e era totalmente desafinado, sabia disso e raramente cantava, mesmo em coro. Mas aprendera também a ser imprescindível. Resolvia os problemas antes de as pessoas perceberem que eles existiam e estava sempre de bom humor. Logo começou a ser chamado para os dois trabalhos, nos shows à noite e nas gravações à tarde. O dinheiro era curto, mas dava para viver e até ter um canto seu, mas as moças continuavam prestando pouca atenção nele, com raras exceções que ele valorizava muito.

Por isso, era tão importante ter um lugar só seu. Tinha sido criado no quatinho de empregada com a mãe até vir para o Rio, onde foi morar numa pensão no centro, um salão não muito grande com mais de dez beliches espremidos lado a lado. Logo fez amizade com outros rapazes na sua situação e passou a dividir um conjugado no Catete com mais quatro amigos. Portanto, ter um só para si era quase desperdício de espaço, mas era uma necessidade para sua nova vida. Quem o conheceu naquela época conta que, já então, ele tinha um jeito de agradar sem bajular. Seu interlocutor ficava convencido de ser uma pessoa inteligente, interessante e que Genu havia descoberto suas melhores qualidades. As moças, especialmente as que já deixavam de sê-lo e as que já tinham definitivamente se tornado senhoras, descobriam-se sexies, lindas como ninguém as via há muito tempo. Invariavelmente demoravam-se conversando com aquele rapaz que prometia agradá-las, com o maior respeito. Muitas se insinuavam e ele estava pronto para sexo, abraços e beijos ou só paquera. Dependia da vontade e da disposição da moça.

Genu não tinha cultura erudita, mas ótima conversa, pois geralmente mais ouvia que falava e isso agradava muito aos homens e às mulheres de todas as idades e status sociais. “As pessoas geralmente não querem ouvir, querem ser ouvidas. Então, porque desagrada-las?”, iria ele ensinar, anos mais tarde, a quem tentava descobrir os segredos do poderoso produtor que ele viria a ser. Mas naquele momento, recém chegado ao Rio e desejando logo ter mulheres interessantes e interessadas nele, exatamente como sonhava desde Salvador, precisava de um lugar para ter mais intimidade com elas, Não pensou nisso enquanto vivia na pensão, mas no conjugado do Catete começou a se incomodar, pois se convenciu uma delas a ficar mais à vontade não tinha para onde leva-la, nem dinheiro para pagar o hotel. A não ser quando era alguma daquelas ricas de Copacabana e Ipanema, geralmente separadas de um marido generoso ou vencedoras em suas profissões, que o levavam para casa e, às vezes, o convidavam para ficar definitivamente ou por uns dias. Mas elas não eram as únicas mulheres do mundo e Genu sabia, por experiência, como uma mulher mais velha e apaixonada podia ser ciumenta.

Certa vez, ainda em Salvador, quando ele tinha 16 anos, a mãe precisara intervir porque uma amiga da patroa, armou um escândalo e acusou-o de seduzi-la quando o viu com uma menina de sua idade. Alguma coisa deve ter havido entre ele e a mulher, cujo filho, começando a se tornar adolescente, estava aprendendo capoeira com Genu, a quem idolatrava. Mas o caso tinha muitas versões que não se fechavam e nunca foi esclarecido até porque houve interferência da patroa da mãe de Genu, que chamou a amiga às falas e a fez ver o ridículo de se apaixonar por um adolescente pobre, sem eira nem beira, e o risco que ela corria ao tornar aquela paixão pública, numa sociedade machista e patriarcal como a baiana dos anos 60. Mas, no fundo, ela achou graça. A mãe dele ficou mais furiosa que com medo de alguma retaliação do marido traído (de início e só publicamente) e orgulhosa (depois da confusão, mas sem confessá-lo a ninguém). A história virou piada que o perseguiu até o fim da vida da mãe dele e da patroa dela, mas foi o impulso para Genu querer sair de Salvador, pois aquele caso o tornou adulto para as duas. Por isso tudo isso, o conjugado de Copacabana resolvia todos os seus problemas, sem que ele dependesse de uma mulher generosa, mas ciumenta.

Na primeira noite, sozinho em casa, deitou-se no chão (até porque não tinha cama ainda, só o colchonete, mas de casado, aliás, seu único móvel), rolava de um lado para o outro e dava gargalhadas de felicidade, tão grande achava o apartamento de menos de 25 metros quadrados, mas só seu. Mal teve tempo de por suas poucas coisas lá, chamar uma ou duas amigas mais constantes para conhecê-lo (em dias diferentes). Na semana seguinte à mudança Gal Costa ofereceu-lhe carona até a Bahia, com chance de fazer alguns shows até o carnaval. Proposta irrecusável que adiou os planos de orgias naquele imenso conjugado, como pensava então. “Naquela época, eu achava que era muito espaço para uma pessoa”, contaria ele, anos mais tarde. “Por isso chamei Dorzinha para inaugurá-lo. Eu sabia que aquelas mulheres chiques e perfumadas que via entrando nas boates perto da minha casa não eram para meu bico. Já a Dorzinha ia achar o máximo ficar comigo. Não parecia daquelas garotas de revista ou cinema, mas eu também não era um pão, um galã como os homens que apareciam com as granfinas, nem tinha dinheiro para sair com as gatinhas do Le Bateau. Só não acreditava que a Dorzinha ia mesmo ter coragem de vir para o Rio.”

Ela prometeu aparecer sabendo que nunca poderia ir, mas tentando imaginar um jeito de cumprir. Quando o carro sumiu na lombada da Rio-Bahia, só sobrou aquela sensação gostosa de tremor e medo que as mãos dele lhe provocavam, especialmente nas partes que a gente esconde sempre (ele não viu, mas sentiu-lhe os peitos, até porque eram grandes demais para a moda da época e ela tinha vergonha deles). Agora era voltar à pasmaceira de sempre. Mal sabia ela que, à tarde, Célia, a filha de dindinha Lucília ia aparecer para buscá-la. Precisavam dela

para ajudar na festa de 60 anos da matriarca, dali a dois dias. “Vem um povo enorme e precisa de gente extra na cozinha e na arrumação dos quartos”, explicou à mãe de Dorzinha, que ainda insistiu que ela levasse a mais velha, Çãozinha, que teria mais utilidade por ser mais ajuizada e trabalhadeira. Não tinha mania de se meter no meio dos padrões e dos adultos. Mas Célia argumentou que Dorzinha era a afilhada e ia participar da festa da madrinha.

Ir à festa de aniversário da Dindinha Lucília era bom demais para ser verdade, mas tinha mais. Célia contou que Gal e seu grupo iam ter que ficar mais três dias em Governador Valadares porque a morte da mendiga ia ter inquérito policial, para evitar futuras amolações, havia explicado o delegado. Por insistência dos filhos e sobrinhos, dindinha Lucília tinha convidado todo mundo para a festa. Genu também, bom demais. E tinha mais ainda. Como ela ia trabalhar, ganharia também um dinheirinho e, como ia à festa, tinha vestido para ela, o mesmo que tinha sido usado pela irmã mais nova de Célia na formatura de normalista no ano passado. “Não se preocupe, ainda está na moda. E a gente dá um jeito nesse seu cabelo para você ficar bem bonita”, garantiu-lhe a filha de Dindinha Lucília. “De dia você ajuda e de noite você fica com o pessoal da festa.”

Rever Genu três dias, ir com ele e os filhos e netos da dindinha Lucília ao Minas Clube e ao Ilusão era mais do que ela tinha tido coragem de sonhar. De dia ela deu duro, arrumando as muitas camas e quartos daquele batalhão que se hospedou no casarão ou lavando as vasilhas das refeições intermináveis daquela gente toda. O café da manhã começava às 7 horas e ia até por volta de 11, quando os retardatários acordavam, geralmente de ressaca. Um primo que começava a estudar Sociologia em Belo Horizonte, quis fazer a estatística de quantas pessoas comiam ali, mas nunca conseguiu contá-las, pois embalava na conversa e esquecia em que número estava. “Mas várias vezes cheguei até 40, sem contar as crianças”, comentava sempre ele. Com tanta gente, era preciso renovar o leite, o café, os ovos mexidos ou cozidos, queijo frito, sucos de laranja, manga e goiaba e ainda os biscoitos e bolos, além dos frios, de copa importada à mortadela feita na fazenda. Dorzinha acordava antes das 6 horas e cuidava dessa parte, sem esquecer o gosto pessoal de cada um, o jeito de preparar o ovo frito ou cozido para aquele tio, o suco mais ou menos aguado para aquela outra tia, e o café fresquinho, renovado de hora em hora. “Ser despachada e prestativa é sua maior qualidade”, costumava dizer-lhe a madrinha. “Você vai longe e conta comigo pra isso.”

De noite, ela era da turma. Os mais velhos, irmãos e irmãs de dona Lucília, os primos de sua idade e os filhos dela já casados, ficavam na ampla copa conversando sobre o passado, contando piadas e casos engraçados e bebendo razoavelmente. De vez em quando, explodia uma gargalhada geral, provocada por uma história que alguém contava. Ali todo mundo era

comerciante ou fazendeiro, ou trabalhava para uns ou outros, além de haver um ou outro funcionário público ou dos Bancos do Brasil, Crédito Real e de Minas, empregos de muito prestígio no interior. É claro que havia discordâncias políticas, quem aprovava ou não Costa e Silva, quem achava certo ou errado censurar peças de teatro ou músicas, quem era contra ou a favor das passeatas no Brasil e na França, gente que apoiava e gente que protestava contra os Estados Unidos no Vietnã, mas política era assunto quase proibido, por medo da repressão política, que tinha sido violenta quatro anos antes, em 1964, e, principalmente, para evitar discussões que empanassem a festa. Dona Lucília, ouvia muito e falava quase nada, até porque começava a perder a audição. “Mamãe tem uma surdez seletiva”, brincava Célia. Mas, como boa matriarca, não saía da sala enquanto o último convidado não se dispusesse a ir embora – os que moravam em Governador Valadares mesmo – ou para seus quartos – os de fora que geralmente se hospedavam em sua enorme casa.

Os sobrinhos de Dona Lucília, o filho e as duas filhas mais novas, além da neta e do neto mais velhos, adolescentes como Dorzinha, ficavam com os primos no amplo quintal, dominado por uma mangueira que refrescava a noite já quente de novembro. Alguns já faziam universidade em Belo Horizonte (a maioria), Rio de Janeiro ou São Paulo; outros se preparavam para o vestibular e um pequeno grupo estudava ali mesmo, na esperança de que se abrisse a faculdade prometida pelo governador e pelo prefeito. Embora alguns deles já tivessem envolvimento com política estudantil, participassem daquelas infundáveis reuniões nos Diretório Acadêmicos de suas faculdades, Governador Valadares era o oásis para aquela situação – cuja gravidade ninguém ignorava – e mesmo primos de grupos contrários, opositores ferrenhos em Belo Horizonte ou onde estudassem, evitavam falar do assunto nas festas que aconteciam todos os dias. Tudo que queriam era dança e paquera entre primos e primas. Na vitrola tocava Mutantes, Beatles, Renato e Seus Blue Caps e Roberto Carlos, alguma coisa de Stones e, o tempo todo, Gilberto Gil (*Bat Macumba* era o hit), Caetano Veloso (*Soy Loco por ti América*, pois todos tinham Che Guevara como ídolo), Chico Buarque e, é claro, *Divino Maravilhoso*, em homenagem a Gal, que apareceu lá no primeiro dia, gentil, mas tímida com aquela gente toda e ainda sob impacto do atropelamento. Como os jovens sabiam quem era ela, dindinha Lucília concedeu que todos fossem convidados, embora os achasse muito estranhos. Mas só um pouquinho mais que os meninos que já tinham ido estudar no Rio ou São Paulo.

Gal ganhou a simpatia da dona da casa e dos convidados mais velhos no fim da primeira noite, com a música. Sem muito jeito e intimidada com a atenção que chamava, refugiou-se atrás de um violão encontrado num canto da sala. Uma prima, já quarentona perguntou se ela tocava, além de cantar, e logo Gal começou a desfiar um repertório pré-bossa nova, Ângela

Maria, Elizeth Cardoso, Dalva de Oliveira, Araci de Almeida e até de Orlando Silva, que ninguém esperava que ela conhecesse. Logo dona Lucília pediu para lhe trazerem o bandolim (que ela tocava com alguma maestria e muita bossa, apoiado na barriga quase avantajada dos oito filhos que tivera) e as duas passaram um bom par de horas tocando, Gal no violão e na voz e dindinha Lucília nos floreios do bandolim. Sua voz perfeita e suave, com uma emoção intensa e contida, conquistou aquele público mais chegado ao samba canção e à Bossa Nova que à recém surgida Tropicália, mas o que os agradou mais foi saber que aquela menina de roupas e aparência meio maluca tinha a mesma sintonia musical da dona da casa. Que logo adotou-a como mais uma sobrinha.

O dueto de Gal Costa (violão e voz) e dindinha Lucília durou bem duas horas, duas e meia. Quando dona Lucília cansou-se de tocar, Gal deu a música por encerrada e voltou à timidez habitual. Por isso, ficou mais com Genu e de Dorzinha que não se largavam. Quando começaram a dizer que as duas até que pareciam irmãs, a menina sentiu o gostinho de ser estrela, ou estar perto o suficiente para ser notada também. A festa durou de quinta a domingo, com direito a baile de gala, no sábado, no Minas Clube, com o grupo Rancho, vindo de São Paulo. Gal não foi ao baile, alegando não ter trazido roupa adequada, mas Genu montou um terno emprestado de dois ou três sobrinhos de dona Lucília. Quando o viu vestido para a festa, Gal quase lhe disse que parecia um espantalho, que estava claro que aquela roupa não era sua, mas ele estava se sentindo tão elegante que ela até começou a concordar com ele. Não era por falta de roupa que ia perder uma festa grandiosa daquela, a primeira que ia como convidado. Foi também para bancar namorado Dorzinha e foi perfeito. Cavaleiro, trazia bebida, puxava a cadeira para ela sentar, ficava de mão dada e remexia seus cachos.

De início, alguns convidados estranharam aquele rapaz com um terno que, estava evidente, pertencia a várias pessoas. As sobrinhas mais novas de dindinha Lucília até riram um pouco dele, mas Genu nem ligou, estava acostumado ao jeito boboca de menininhas ricas que nunca prestavam atenção nele de imediato, desde quando morava em Salvador. Nunca achara graça nelas e quase sempre fora correspondido. E depois, seu interesse era mesmo Dorzinha, que não tinha olhos senão para ele. Ela estava linda, com os cabelos quase alisados, puxados para traz numa faixa no mesmo tom prateado do tubinho que tinha reformado às pressas para ficar justo e curtinho como era moda. Ele não sabia que aquele vestido tinha sido da formatura de Luizinha, filha mais nova de dindinha Lucília no ano anterior e achou-a muito mais bem vestida que aquelas meninas bobocas que só sabiam andar juntas pelo salão, apontando para os outros e dando risadinhas. Mas Genu logo fez camaradagem com os primos, que gostaram de

saber que ele já vivia no Rio, trabalhava com artistas e conhecia os bastidores de boates que ali ninguém tinha dinheiro e/ou idade para conhecer, mesmo os mais abonados que viviam no Rio.

Os mais velhos ficaram seduzidos no início da festa, quando o grosso dos convidados chegava. Genu havia sido um dos primeiros a entrar no clube, porque queria aproveitar tudo, e ajudou Dona Maricas a subir a escada para o salão onde o baile acontecia. Maricas era quase centenária, tia de minha mãe e de dindinha Lucília, e não caminhava bem, mas foi ao baile porque seu marido tinha sido sócio de Tio Jair, marido de dindinha Lucília, e as duas, embora de idades diferentes, tinham sido íntimas a vida inteira. Genu, que estava no alto da escada, já dentro do clube, para apreciar a chegada daqueles convidados tão chiques, viu que ela chegava com uma filha, percebeu que teria dificuldade para enfrentar a escada e desceu para ajudá-la. Cortesmente deu-lhe o braço, como fazia com sua avó, que morava num morro na Bahia, semi-entrevada, dependendo do neto para ir a qualquer canto.

Aquela gentileza discreta, com a matriarca da família, pôs Genu da lista de convidados de honra. Dona Maricas lhe perguntou de quem ele era filho e ele, meio sem graça, sentindo-se descoberto e com medo de ser mandado embora da festa (como já ocorrera algumas vezes em Salvador), explicou que não era parente, mas trabalhava com a cantora Gal Costa e havia sido convidado. “Então esses baianos cabeludos da televisão são mais bem educados que meus netos e bisnetos”, comentou dona Maricas bem humorada e bem informada. “Vocês precisam ficar aqui uns dias para eles aprenderem bons modos com esses artistas da Bahia.”

Com essa cena e o discurso de dona Maricas, os convidados mais velhos prestaram atenção em Genu e decidiram que ele deveria ser tratado com simpatia, o que não era regra quando chegava um jovem que ninguém conhecia, ainda mais se fosse quase mulato e estivesse vestido espalhafatosamente, como Genu. Os netos citados como mal educados nem viram a cena, tão preocupados que estavam em olhar as primas e parecer inteligentes. Só Dorzinha inflou-se de orgulho com a boa figura que seu... seu... (namorado, seria?) havia feito logo no início do baile. Ela experimentou álcool pela primeira vez, porque a mãe não a deixava beber e apontava a finada Cotinha como mau exemplo. Tomou cerveja e não gostou, deu um gole na batida, ficou meio embrulhada e preferiu frescos e refrigerante. Os dois dançaram juntos, de rosto colado, como faziam os namorados e andaram de mão dada, como Dorzinha sempre sonhou. Mas, quando dava, Genu a puxava para um canto deserto e continuava o embate, ela cedendo um pouquinho de cada vez. Demais, na sua opinião, quase nada, na dele.

Se a festa durasse mais uns dias, ela corria o risco de acabar como a filha do dono do bar, patrão de seus pais, que ficou esperando menino sem ser casada. Dorzinha sabia que isso acontecia, mas não tinha muito idéia de como, nem de quanto se podia ceder às vontades de um

homem (e satisfazer a própria) sem correr perigo. Educação sexual não existia na escola, que ela já tinha deixado com 11 anos, quando terminou o Primário. E a mãe mal tinha tempo de falar com ela, ocupada entre a cozinha do bar, os outros nove filhos (inclusive o que estava para chegar) e o serviço de casa. Também ia dizer que isso era pouca vergonha, coisa de mulher de rua, que essa Das Dores (era assim, corretamente, no plural, que a chamava quando ralhava), dada e oferecida como era, ia acabar assim. Melhor a ignorância que a acusação (de que mesmo?)

Ainda bem que a festa acabou antes da resistência de Dorzinha. Na segunda-feira, quando voltou para Inhapim à tardinha, depois arrumar a desordem da casa da madrinha, ela era mais sabida, mas tão virgem quanto antes. Além do vestido da festa e outro menos chic, já usado, mas ultra na moda, Dindinha Lucília lhe deu tanto dinheiro como ela nunca tinha visto, com a recomendação de não gastá-lo todo, guardar um pouquinho para alguma coisa importante, que ela ainda ia descobrir o que era.

Mas Dorzinha já sabia. Na manhã de segunda-feira, quando se despediu de Genu, era sincera ao prometer que ia encontrá-lo no Rio dali a alguns tempos. Ele assustou-se a disposição da garota, mas galante, na frente dos outros, disse que só voltaria depois do carnaval, que passaria na Bahia. Ela não gastou um tostão porque o plano estava formado. Assim que tivesse o dinheiro da passagem e mais algum para os primeiros dias, ia para o Rio. Não para passear, mas para viver lá, não sabia como mas de alguma forma. Não lhe passava pela cabeça que a mãe ia impedir, que era menor de idade e não poderia viajar sozinha, que a vida no Rio ia ser muito mais dura e cara do que ela imaginava.

Nem que Genu tinha uma namorada como ela em cada cidade em que passava. Isso quem lhe contou foi Dudu (Eduardo Coelho de Mattos), sobrinho da dindinha Lucília e meu primo, que morava em Belo Horizonte e não gostou nada de ver seu par constante nas festas de Governador Valadares com outro namorado. Ele tinha 17 anos e os dois tinham ficado juntos o tempo todo nas últimas três férias. Alguns adultos diziam que eles eram namorados, mas não tinha havido nem beijo, só rosto colado, quando dançavam. Dudu pretendia, um dia, ser o namorado de Dorzinha, mas sempre adiava para as férias seguintes, já que não havia concorrência à vista e ia ser difícil convencer o pai, com arroubos de aristocrata, de que podia namorar a filha da cozinheira de bar de estrada. Inclusive porque ele correspondia ao padrão de beleza da época. Magro, alto, cabelos lisos e louros quando voltava da temporada na praia de Guarapari. Tinha sido um bebê Johnson e mesmo às vésperas da adolescência, essa beleza não se perdera, pelo contrário, só ficava mais bonito e mais com cara de ator ou roqueiro inglês a cada vez que aparecia em Governador Valadares, nas férias ou em festas como aquela. Não

ligava para roupas, mas andava na moda porque sua mãe, irmã da minha, como dindinha Lucília, queria vê-lo sempre bem vestido e não economizava neste item. “É meu galã. Nem precisa ter olho azul”, brincava ela, enquanto ele morria de vergonha do elogio que considerava sem pé nem cabeça.

Além de bonito e gentil com todos, crianças, jovens e adultos, Dudu era estudioso, às vezes primeiro aluno da classe, e o pai inflava-se de orgulho ao falar de seus sucessos. Sonhava um futuro de grande capitalista para o filho e, para se antecipar, já juntava um bom dinheiro, pois sua empresa de engenharia começava a ganhar contratos do governo militar que prometia uma era de fartura e crescimento econômico. Não via com bons olhos aquela proximidade de seu filho com a filha do borracheiro e da cozinheira de beira de estrada, sem dinheiro e estudo e menos aparência ainda, quase negra (nem tanto na cor da pele, mas o cabelo e as feições traíam essa origem), evidentemente a menos adequada para o grande empresário que Dudu seria em seus sonhos. Mas não queria atizar a pouca rebeldia do rapaz fazendo oposição ao flerte, namoro, o que fosse. Até porque, no seu entendimento, era natural que meninas pobres como Dorzinha fizessem a iniciação sexual de meninos ricos e bem nascidos como seu filho. Melhor que ter que levá-lo na zona para começar com uma prostituta, coisa que teria que fazer escondido da mulher, ao menos oficialmente. Desde que essas meninas não engravidassem, é claro, mas pelo que notara, ela era direita e controlada pelos pais. Por tudo isso, ia fingindo que não via o interesse do filho pela filha do borracheiro, enquanto Dudu fingia que nada acontecia entre ele e Dorzinha. Assim ninguém se aborrecia.

Ela também não cobrava nada de Dudu, apesar de estar sempre disposta e alegre em sua companhia. Por isso, vê-la com aquele cara esquisito, cheia da atenção que sempre merecera despertou nele ciúme e desalento. Pela primeira vez na vida, começou a pensar se não era um bobo de acreditar no pai e na mãe, que o tinham como o rapaz mais bonito, inteligente e com futuro mais promissor, ou seja, irresistível a qualquer mulher. Que nunca precisaria dar-se ao trabalho de cortejá-las, pois elas cairiam em cima dele (como às vezes acontecia mesmo).

Mas Dudu não deu sinal do baque. Diplomático (a família dizia que ele ia fazer o Itamaraty e ser embaixador e a idéia não lhe desgostava, tanto que em 1970 ia tentar o vestibular de Direito), fez amizade com Genu, até porque acreditou que, quem conseguia a atenção de Dorzinha e ainda era bem recebido por aquelas tias e primas que sempre tinham alguma crítica para quem não era da família, devia saber mais que ele. Genu gostou da camaradagem, de sentir-se aceito por um daqueles rapazes ricos e estudantes. Sem qualquer maldade ou intuito fortuito e sem saber da história de Dudu com Dorzinha, Genu lhe confidenciou sobre as namoradas, ressaltando que ela era melhor que todas, até porque era dura na queda. “Até beijo é difícil, com

ela, foi um custo conseguir”, reclamou feliz, deixando Dudu com dor física de tanto ciúme, pois nunca havia beijado Dorzinha de verdade.

Ela, é claro, não acreditou em Dudu e ficou feliz com a ponta de ciúme (na verdade um iceberg) que sentiu na voz e no relato dele, no dia seguinte da festa, quando os baianos tinham seguido caminho. Ela alegou que ia para o Rio porque queria aquela vida entrevista com Gal e sua trupe. Genu era o melhor jeito de chegar lá. Claro que seus beijos e agarros eram uma parte boa do trato, mas não a principal. Essa parte nem entrou nas conversas dos dois. Pelo contrário, ela disse que nem pensava em ficar na casa dele, mas arrumar um lugar para morar. Se dormia com os três irmãos menores num colchonete de casal que ocupava todo o quartinho do barracão atrás da oficina, ia se acostumar a dividir um quarto com outras pessoas no Rio. Quanto a Genu, estava apaixonada pela paixão dele (ou que acreditava ter despertado) e pela vida que imaginava a seu lado, apesar de ninguém ter falado em compromisso. Claro que esta parte também não entrou na conversa dos dois.

A Dudu restara dançar com aquela amiga das primas de Juiz de Fora, que se engraçara com ele. Dorzinha não tinha gostado nem um pouco de vê-los juntos e até deixou Genu um pouco para dançar com Dudu. Mas, se ele nunca se resolvia, enquanto Genu era tão positivo e empenhado em resolver logo seu futuro? Sim ela iria para o Rio, ia trabalhar de doméstica, babá, costureira, o que fosse para conseguir o dinheiro para viajar depois do carnaval. E antes da Semana Santa.

Eu soube de tudo isso em janeiro de 1969, em Guarapari, quando fui com meus pais passar temporada anual de praia. Minha mãe, irmã caçula e também afilhada de dindinha Lucília, trouxe Dorzinha para ajudar no serviço de casa e eu, dois anos mais nova que ela, a achei mais sabida ainda que nos anos anteriores. Éramos amigas de infância, com longas temporadas de afastamento, mas sempre confidentes. Embora eu tivesse continuado a estudar, já estivesse no 3º ginásio e começado a ter meus amigos e festinhas, sempre achava Dorzinha muito esperta, sabichona e desta vez, pensei que ela tinha se superado. Afinal, tinha arrumado um namorado artista (ou que conhecia artistas da televisão, como Gal Costa, o que era praticamente a mesma coisa) e até beijado na boca, de verdade. Eu não tinha a menor dúvida de que ela ia para o Rio logo depois das férias.

Assim como Dorzinha pretendia ir embora, eu também já fazia planos de ir para o Rio de Janeiro, mas só quando acabasse de estudar. Dudu também passava aquele janeiro em Guarapari e sua amizade com Dorzinha prosseguiu, mas ela só falava na sua partida para o Rio, nos amigos que faria com Genu, deixando meu primo desolado, mas ainda sem coragem de

declarar-se. Quando ele veio chorar as mágoas comigo, a prima-confidente, contou-me sua versão da festa, falou do ciúme e da dor de cotovelo e eu fiquei com pena, mas ri dele: “crocodilo que vacila, vira bolsa de madame”, dizia-se. Aconselhei-o a declarar-se pedir Dorzinha em namoro, mas ele alegou a possível oposição dos pais, a distância entre Belo Horizonte, onde ele morava, e Inhapim, a pouca idade dos dois e muitos outros etcéteras que mal escondiam seu medo de ser rejeitado e enfrentar o pai e minha tia também, que era a esnobe da família.

O mundo veio abaixo quando mamãe ouviu Dorzinha me contar, pela centésima vez, seus planos de ir para o Rio. Sentindo-se responsável por ela, contou para dindinha Lucília que, mesmo sem acreditar muito, falou com a mãe dela. Foi um escarcéu. A mãe a queria de volta no meio das férias e só não conseguiu porque minha mãe ficaria sem ninguém para ajudá-la e prometeu mantê-la sob vigilância. Dudu ficou triste, mas criou coragem e pediu a mão de Dorzinha em namoro. Ia enfrentar o pai desde que ela desistisse e esperasse um pouco, mas Dorzinha já estava decidida. Não ia ficar em Inhapim esperando uma vida inteira que ele se formasse, tivesse dinheiro para casar-se para levá-la para Belo Horizonte. Além do mais, se a família de Dudu não a aprovava como namorada dele, como ia ser? Quanto tempo ia ter que esperar para se tornar a namorada oficial? E, se ele demorou tanto a decidir-se, é porque não ia enfrentar o pai. Ela queria o Rio de Janeiro, a vida da Gal Costa e sua trupe e, se fosse preciso, aceitava com agrado os abraços e beijos de Genu. Não disse isto a ele, só a mim. Aliás, esta parte do quase namoro de Dudu e Dorzinha virou segredo dos adolescentes. Nenhum adulto tomou conhecimento oficial, mas os pais deles deram graças a Deus quando souberam do fora que ele levou. “Ainda em que não houve nada com essa menina mulatinha de beira de estrada. Logo ele esquece essa história de crianças. Bonito como é e rico como vai ser, vai namorar e fazer tudo mais com quantas mulheres quiser e até algumas que vão insistir muito”, profetizava o pai, longe da mãe, é claro. E o namorico dos dois nem entrou para o folclore da família.

Só quando fui a Belo Horizonte na Semana Santa, Dudu me contou que Dorzinha havia fugido para o Rio. Em janeiro trabalhou para meus pais, em fevereiro para outra família e, em março tinha o dinheiro da passagem de ida e de volta e outro tanto igual para os primeiros dias. Sentia-se rica, nunca tivera tanto dinheiro na mão. Literalmente porque abrir conta em banco estava fora de seu repertório. Além de não haver agência em Inhapim, não tinha a menor idéia de como se fazia isso. Na verdade, ela foi com o consentimento contrariado dos pais e a interferência de dindinha Lucília, que a recomendou a seus parentes, donos de uma grande loja de departamentos no Rio. O pai de Dorzinha, ao saber de seus planos tentou resolver o problema com uma surra, mas dindinha Lucília o fez ver que esse método só acentuaria a vontade. A mãe

xingou, chorou, implorou, ameaçou, mas Dorzinha estava decidida. Por fim, proibiram porque era preciso autorização dos pais para viajar, mas ela resolveu fugir. Não diziam sempre que ela parecia ter 18, 20 anos e não só seus 15?

Dudu me contou que, no dia da fuga, a mãe foi avisada que Dorzinha estava com uma malinha esperando o ônibus que ia para o Rio passar e largou o almoço do bar pelo meio. De novo implorou, ameaçou, mas no fim consentiu que a filha fosse, abençoou e pediu que ela voltasse se desse alguma coisa errada. Mesmo que fosse algo que a envergonhasse (mas que ela não tinha coragem de dizer o quê). Quando soube que Dorzinha tinha ido mesmo para o Rio, Dudu decidiu que ia fazer Direito na Faculdade Nacional de lá, muito melhor que qualquer outra de Belo Horizonte. A mãe dele foi contra, mas o pai gostou da idéia. O Rio não era mais capital federal, mas os melhores advogados e as melhores faculdades ainda estavam lá. E seu filho ia estudar com os rapazes das melhores famílias do Brasil, filhos dos donos das maiores bancas do país, de desembargadores e até ministros. “É na escola que se fazem as amizades da vida inteira”, justificava para minha tia, sem convencê-la de todo.

Para Dudu, na verdade, tanto fazia Rio, Belo Horizonte, Governador Valadares, Inhapim ou o quinto dos infernos. Quando soube que Genu havia ganhado a disputa e que ia ficar com Dorzinha, descobriu-se apaixonado e arquitetou estratégias para reconquistá-la. Tinha ficado amigo de Genu e estaria por perto. Pena que ainda tinha que esperar mais um ano, quase. Mas estava convencendo o pai de que fazer o cursinho no Rio no segundo semestre ia prepará-lo melhor para o vestibular. Estava conseguindo e já tinha até mandado uma carta para Genu. Mas não falou de Dorzinha nem soube nada dela na resposta que recebeu quase um mês depois.

Só voltei a ver Dorzinha no fim de 1972, no festival de música popular de Juiz de Fora, aquele em que Zé Rodrix venceu com *Casa de Campo*, que depois viraria sucesso de Elis Regina. Este foi um festival de resistência à ditadura, como outros do início dos anos 70. O regime militar se fechara a um limite sufocante, quase insuportável, e discordar de suas premissas, ou mesmo não concordar explicitamente, era um risco, para quem fosse famoso, como os músicos que apareceram lá, ou meros mortais, como o irmão de uma amiga, que ficou preso três dias na Penitenciária de Linhares, em Juiz de Fora, só porque havia criticado o general Antônio Bandeira, comandante da 4ª Região Militar, quando passou em frente a casa dele.

Naquele ano, grandes astros da música brasileira que haviam aparecido com os festivais dos anos 60, como Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso, estavam exilados por problemas políticos. Outros como Luiz Gonzaga Júnior, Milton Nascimento, os filhos de Dorival Caymmi, Nana, Dori e Danilo, estavam praticamente calados pela censura, que havia

batido feio no primeiro, Gonzaguinha, no ano anterior. Ele fizera sucesso no festival de 1971 com uma música esquisita, *O Trem*, gravara um disco, mas não estava conseguindo lançá-lo devido à censura. Raul Seixas, que chegaria com um novo tipo de rebeldia, mais rock'n roll que política explícita e os Novos Baianos, que iam por alegria naquele protesto ainda não tinham acontecido, tinham público restrito. Gutenberg Guarabira, que vencera um Festival Internacional da Canção com *Apareceu a Margarida*, era padrinho do que acontecia em Juiz de Fora. Ele fazia enorme sucesso com o tal do rock rural, que criara com Luiz Carlos Sá e Zé Rodrix, o compositor de *Casa de Campo*. Nem tanto quanto os festivais de São Paulo ou o Festival Internacional da Canção, mas o festival de Juiz de Fora era também um palco de protesto político, um dos poucos possíveis naquele ano.

Não era permitida qualquer manifestação contra o regime militar, reuniões políticas (ou agrupamentos que lembrassem isso), a política estudantil estava estraçalhada, com os diretórios acadêmicos proibidos de funcionar, e a televisão, rádio e imprensa eram censurados. Nas universidades, mais de três estudantes conversando era quase considerado um comício e olhado de soslaio. A música era o refúgio de quem queria ir contra a corrente. Mesmo aplaudi-la, como público comum, num grande evento como aquele era uma forma de protesto político. Não que não a música escapasse à perseguição e à censura, mas por ser uma arte quase abstrata, com letras que permitiam dizer-se tudo por metáforas, abria brechas nesse desejo de ser contra, comum nos jovens e adolescentes e necessário naquele momento. Por isso, os festivais tinham um público tão ávido e, no caso de Juiz de Fora, com uma enorme massa de estudantes universitários, todos corriam para participar, torcer por esta ou aquela música, discutir as decisões do júri e, principalmente, paquerar aquela gente exótica e chique que vinha do Rio de Janeiro (principalmente) e de São Paulo para concorrer, acompanhar os concorrentes, trabalhar na produção, na cobertura jornalística ou só para passar um fim de semana prolongado de mordomias, muita farra e alguma música.

Os shows do Festival de Música aconteciam à noite, no Cine Teatro Central, um prédio antigo, até hoje a principal casa de espetáculos da cidade, com três mil lugares e acústica perfeita. A vida acontecia nas redondezas, durante aqueles dias em que a cidade se enchia de músicos famosos e/ou charmosos, completamente disponíveis para conhecer melhor as nativas, também elas afoitas para travar relações muito amigáveis. Logo, os visitantes aprenderam que, por volta das 5 da tarde, era necessário ir à Rua Halfeld, a principal da cidade, que ficava a poucos metros do teatro, para apreciar as meninas que saíam do colégio ou da universidade e promover aquele jogo de encaixar peças, que se chama também paquera em grupo. Logo, o nome da rua virou piada entre nativos e visitantes e uma forma de aproximação. Um músico

paulista perdeu-se na cidade porque procurou a Ralfeld (mostrando que falava bem alemão) e todo mundo só sabia da Aufed (sem o H aspirado e sem o segundo L, como se pronunciava na cidade).

Depois do show, quase todos passavam pelo J. Chope, que ficava numa outra rua, exatamente atrás do teatro (era pouco mais que um corredor, mas cabia todo mundo que interessava), uma das primeiras boates da cidade com música mecânica (os hits internacionais e os nacionais, Mutantes e Steve Wonder, Rolling Stones, Gilberto Gil e Caetano Veloso predominando), para o Barbarella, mais charmoso e caro, na mesma rua, mesma quadra, alguns metros adiante. Boa parte ia comer no Faisão Dourado, restaurante dos boêmios que ficava numa galeria ao lado do teatro. Os mais tradicionais iam para o Rafa's, onde havia música ao vivo, de excelente qualidade, noutra galeria da Rua Halfed, também a poucos metros. Havia os que iam direto para o K2, bordel na BR-3, já na periferia da cidade, mas a maioria preferia fazer um aquecimento com as meninas da cidade. As moças que vinham de fora para o Festival, curiosamente, não se interessavam pelos rapazes locais, com uma ou outra exceção, que lavava a honra de nossos briosos nativos e evitava conflitos entre *Aufeds* e *Ralfelds*, como se apelidaram mutuamente moradores e forasteiros.

Vi Dorzinha de longe, no primeiro dia do festival, saindo de uma porta lateral que dava para o palco, conversando com um rapaz muito bonito, cabelos longos, fartos e bem tratados (ao contrário da maioria dos cabeludos do festival), que depois tocou teclado na orquestra que acompanhava as músicas concorrentes. Levei um tempo para reconhecê-la porque ela se vestia como os baianos tropicalistas, com uma túnica vermelha e bordada, largona até os pés, cheia de pulseiras e colares e o cabelo mais rebelde e enorme, um emaranhado que ficava esquisito, mas a tornava até bonita. Dorzinha não me viu no show e eu não consegui chegar até as cadeiras reservadas aos artistas e seus acompanhantes. Mas ela me fez a maior festa assim que chegou no J. Chope, com o tal cabeludo bonito, Rafa, seu atual namorado, com quem estava morando.

No dia seguinte, eles apareceram lá em casa. Ela vestia outra túnica até os pés, meio transparente demais e ele estava de bata, como as que estavam na moda para nós, mulheres. Ambos usavam um perfume adocicado, quase enjoativo. Era patchouli, ela me explicou quando me deu um vidro. Minha mãe não gostou do jeito dela e detestou o músico. Ficou escandalizada quando Dorzinha disse que morava no apartamento dele e com a conversa de Rafa, um protesto contra a carece burguesa, que impedia as mulheres de ter seu prazer (sexual estava implícito e, acredito que, se ele falasse essa palavra aquela visita ia ser um Deus nos acuda). Reclamou também contra o governo e artistas que se vendiam ao poder por uns trocados. Chegou até a dizer que não via nada de mais na maconha e só não insinuou que ele e Dorzinha fumavam

porque ela mudou de assunto apavorada, pois sabia que ele queria chocar e tinha conseguido, mas era bom não abusar. Minha mãe os tratou com cortesia, convidou para almoçar e, depois que eles foram embora, me recomendou evitá-la, pois boa coisa não teria virado.

Claro que desobedeci a recomendação de minha mãe. O aviso vinha tarde, pois, na noite anterior, tinha ficado no J. Chope com Júlio, outro músico da orquestra, amigo do Rafa, e ainda emendara jantando no Faisão Dourado. Era a primeira vez que eu caía na boemia e estava encantada com aquela conversa de a música ser a última resistência democrática, da enorme responsabilidade que os músicos que ficaram tinham de não deixar heróis como Chico, Caetano e Gil se sacrificando em vão, no exílio, pela liberdade de expressão e, especialmente, não cair no lamentável erro de talentos como Ivan Lins, que se vendera à TV Globo, sinônimo da ditadura, para tornar a música popular brasileira mais palatável para os milicos; ou Milton Nascimento, que dispensara intermediários e se vendera direto aos americanos. Abandonara o Brasil por um punhado de dólares e um disco nos Estados Unidos, pensando em ir embora e virar crioulo americano e milionário. Isso sem contar com Wagner Tiso, que deixara a música brasileira pelo rock, no tal de Som Imaginário, grupo que criara para acompanhar Milton, mas que se desgrudara dele para imitar os Beatles e aquela porcaria de rock progressivo inglês. Como se não bastasse, para isso, Roberto Carlos e aquela turma da Jovem Guarda, graças a Deus em baixa desde a Tropicália.

Isso quem dizia era Rafa, enquanto Dorzinha cochichava, orgulhosa, que ele era de uma família de esquerdistas de Mato Grosso, com ramificações em Brasília desde o tempo de Juscelino. Tinha até um tio exilado, proibido de voltar ao Brasil. Esqueci essa conversa, quando o pianista Wagner Tiso, o próprio, o galã do Som Imaginário que tocava com Milton Nascimento, passou pela mesa. Admirei seus longos cabelos negros, caindo nos ombros e sua bata bordada muito decotada. Pouco antes, no show, ele havia sido aplaudidíssimo tocando Tom Jobim ao piano, sozinho, e depois emendando com músicas que tinham muito de jazz e de congadas mineiras. Mas o que me impressionou foi a reação de Rafa. Tiso sentou-se uns 15 minutos na mesa, porque precisava combinar com o namorado de Dorzinha um trabalho na gravadora Odeon, onde era músico contratado. Era uma série de discos que ele não poderia fazer porque embarcava para a Europa, com Paulo Moura e pretendia ficar uns tempos, quem sabe até chegar à Europa Oriental, de onde vinham seus antepassados. Rafa agradeceu muito, disse que ele era um amigão, que estava mesmo precisando de uns trabalhos mais fixos, desejou-lhe boa sorte, mas foi só Tiso levantar-se e sair do J. Chope, para ele voltar ao ataque. “Está vendo, está vendido, em vez de ficar aqui lutando contra a ditadura, vai lá ganhar dólares

sujos. Essa história de ir para a Europa é puro despiste. E acho que ele nem consegue entrar em país comunista, depois de puxar tanto o saco dos americanos.”

Dorzinha ficou quieta, como quem não entendia daquele assunto, mas Júlio, que até então ouvia sem muito interesse, ou melhor, muito mais interessado em ter mais intimidade comigo e também porque discordava, falou pela primeira vez do assunto. “Ô Rafa, você fala do cara que te arruma um trabalho como se ele fosse um dedo duro! Dá um *time*, bicho! A gente precisa trabalhar e o Wagner te abriu uma porta que nem todo mundo abriria. E ele não tem nada desse entreguismo que você fala, pô!”. Júlio contou que também pensava em sair do Brasil, mas para os Estados Unidos ou para onde desse. Ouvia umas histórias de cachês milionários lá e de mulheres muito fáceis na Europa e queria experimentar ambos. Mas lembrou de pedir a uma produtora que passava para arrumar um jeito de eu entrar no teatro no outro dia de tarde, para o ensaio.

No dia seguinte, enquanto Rafa e Júlio ensaiavam, Dorzinha tudo que lhe acontecera até então. Tim tim por tim tim.

O Rio de Janeiro foi muito melhor e muito pior do que Dorzinha pensara. Depois de um dia inteiro de viagem, chegou suja, suada e cansada à casa de Genu. “Não era casa, nem um apartamento. Na verdade, um quarto com uma cozinha que em que só cabia um fogão de duas bocas e uma janela a um metro de uma parede do vizinho. Um conjugado, como eles dizem lá. O corredor era comprido e tinha pelo menos umas 30 portas cada uma dando para um quatinho como aquele”, contou. “A geladeira, pequena, quase do tamanho de um criado mudo, ficava na sala/quarto e servia também de mesa. Não tinha cama, só um colchonete no chão e ele tinha uns cabides pregados na parede para pendurar as roupas. Mas ficava em Copacabana, pertinho da praia e ele ficou alegre com minha chegada. O cheiro que vem do mar é uma delícia, mas às vezes até enjoa de tão forte. E deixa tudo meio molhado, o chão e as roupas da gente.”

Passearam por ali, mas ela estava tão cansada que nem agüentou ir ao show de Gal Costa com ele, apesar da insistência. Não era a primeira vez que Dorzinha via o mar, mas como havia chegado de noite, não deu para ver muita coisa de Copacabana, só sentiu o cheiro, muito mais forte que em Guarapari, e adorou. Viu muita gente andando na Avenida Atlântica, que naquela época ainda tinha uma só pista, os bares lotados, com mesas e cadeiras na calçada, ao ar livre. Todo mundo tomando chope que, segundo ela, era cerveja, mas vinha em copos altos, em vez de garrafas, como em todo lugar em Minas. “Tinha uns turistas, todo mundo muito bem arrumado, com um jeito largado, muito bacana, diferente de tudo que eu já tinha visto. Em Inhapim e em Governador Valadares não tem ninguém assim”, contou-me ela, rindo. “Mas

também não tem ninguém no Rio ou em qualquer outro lugar que seja como o povo de Inhapim. Isso eu notei logo e tratei de ir mudando.”

Naquele primeiro dia, comeram um cachorro quente numa carrocinha, Dorzinha achou tudo caríssimo, mas não comentou nada e achou ótimo ele pagar. Genu foi trabalhar e ela voltou para casa, ou melhor, o quartinho que ele chamava de conjugado. Dormia profundamente quando ele chegou, de madrugada, cheirando a cerveja e cigarro. Respondeu mal e mal a seu beijo, mas não aos afagos por seu corpo. Estava cansada até para resistir e também para lembrar-se que era a primeira vez que dormia com um homem (seus irmãos menores não contavam). Genu entendeu e respeitou.

Quando acordaram, no dia seguinte, foram à praia em Ipanema e ela, a princípio não entendeu por que, com Copacabana tão grande e bonita, eles pegavam o ônibus para ir a Ipanema, onde uma obra dentro do mar atrapalhava a paisagem. Mas era ali que todo mundo ficava e chamava de píer. Ela não sabia o que era píer, mas passou a se referir ao lugar do mesmo jeito porque não queria que percebessem como era caipira. Devido à obra na praia, havia também montes enormes de areia, que todo mundo chamava as dunas da Gal, porque Gal Costa, a patroa de Genu, ia sempre ali com os amigos, os mesmos que haviam passado por Inhapim ou muito parecidos. Ela levou um tempão para distinguir quem era quem, porque todo mundo usava cabelão comprido e despenteado e os homens, barbas também grandes e mal cortadas. Gal apareceu no fim da tarde, chamou Genu para conversar e reconheceu Dorzinha, que não se conteve de alegria. “Qualquer sacrifício valia estar ali no meio daquele povo todo. Depois que a Gal me tratou com intimidade, todo mundo pareceu me perceber e passou a rir para mim, me tratar bem. Adorei...”

Dorzinha adorou também a água fria, mas teve medo das ondas, muito maiores que em Guarapari ou Nova Almeida, as únicas praias que conhecia. Como não sabia nadar, ficou só na beiradinha, com a água até o joelho e deitando-se mesmo na areia para molhar o corpo todo. Tinham lhe oferecido maconha, mas ela não quis, pois já tinha fumado e não tinha gostado, quando um caminhoneiro ofereceu a ela e a Cotinha, em Inhapim. E todo mundo achou sua carapina linda. “Ao contrário do que sempre ouvi. Quase não acreditei”, contou. Da praia, foram comer numa lanchonete, novamente cachorro quente, batata frita e sorvete com coca-cola (“a tal da vaca preta. Tem vaca dourada, que é com guaraná”, me ensinou) de sobremesa. As meninas que estavam lá eram todas lindas, meio alouradas e de cabelos lisos, mas Dorzinha nem ligou porque Genu parecia não vê-las. Só tinha olhos para ela, parecia apressado para ir para casa e queria pegá-la ali mesmo, beijar e abraçar na frente de todo mundo. Chegaram em casa de noite e ela não resistiu aos avanços de Genu, gostou de sexo desde essa primeira vez.

Ele é que ficou assustado quando notou sua virgindade e apavorado quando soube que era menor de idade. Tinha só 15 anos.

Ao descobrir que Dorzinha era virgem e menor de idade – depois de dormir com ela – Genu esbravejou, chamou-a de doida, ameaçou dizer que ela não era virgem e terminou garantindo que ia mandá-la de volta no dia seguinte, pois não queria ser preso. Mas apareceu uma gravação de Gal Costa, inesperada, no dia seguinte e ele teve que trabalhar o dia inteiro.

De noite, ao chegar cansado, o apartamento estava limpo, suas roupas lavadas e a cozinha cheirosa de arroz, feijão carne e ovo, trivial caseiro. Parecia um lar e ele, cansado, só lembrou de comer muito, tomar um banho e sentir de novo vontade de levá-la para a cama. Alguma coisa ela tinha feito, além da comida e da faxina, que estava mais gostosa, provocante. O mal já estava feito e ele adiou para o fim da temporada de Gal a providência de mandar Dorzinha embora, especialmente depois que ela contou que os pais a tinham deixado vir. “Ele nem quis saber se era verdade ou não e a gente ficou morando junto. Minha sorte foi que uma vizinha de apartamento me avisou que eu tinha que tomar pílula para não ficar esperando menino”, contou ela. “Fomos felizes uns bons dois anos.” No fim de 1971, Genu foi passar o verão em Salvador, voltou em março de 1972 com uma namorada antiga grávida e disse a Dorzinha que precisava do apartamento. Ela teria que sair dali a alguns dias, quando a mãe de seu filho chegasse.

Dorzinha não tinha ficado na carona de Genu esse tempo todo. Nas primeiras semanas, logo que chegou, descobriu que não ia conseguir emprego só com seu curso primário de Inhapim, que a tornara semi-alfabetizada, e com seu sotaque mineiro abaianado, que fazia todo mundo rir. Ofereceram-lhe faxina, emprego de doméstica, mas ela recusou. “Para isso, ficava em Governador Valadares ou Guarapari”, justificou. Genu alardeou seus dotes culinários e ela virou banqueteira de artistas e amigos dele. Também consertava roupas e fazia algumas. No fim do primeiro ano, tinha comprado sua máquina de costura e Genu quase não tinha despesas com a casa, além do aluguel. Também não perguntava de onde vinha a comida que encontrava pronta todo dia, o sabonete ou quem pagava a conta de luz, gás etc.

“Mas ele não era mesquinho, só desligado. Sempre me levou nos shows e festas que era convidado, me apresentava como namorada, pagava a conta nos bares e restaurantes, mesmo os caros, me dava presentes e a gente se dava muito bem na cama”, contou ela. “Tinha vez que ele não me convidava, inventava uma história comprida e chegava em casa mais tarde, cheirando a outra mulher ou de banho tomado, com os cabelos ainda úmidos. Eu fingia que não percebia porque ele sempre voltava, né?”

Dudu se aproveitava dessas ausências que começaram a ficar mais freqüentes, quase semanais, conforme me contou numa das vezes que passou por Juiz de Fora, indo ou voltando de Belo Horizonte para o Rio. Ele havia chegado lá em 1970, como calouro de direito, e a primeira coisa que fez foi procurar Genu (para ver Dorzinha). Não ficaram amigos de imediato, mas se freqüentavam de vez em quando e ele os encontrava na praia e até iam todos juntos (às vezes em dois casais, pois Dudu levava uma amiga, paquera ou namorada) a alguns shows. Nessas ocasiões, Dorzinha ficava muito simpática com a moça e meio fria com Dudu, a ponto de Genu achar que ela não ia muito com a cara dele. Como Dudu tinha dinheiro farto, ótimo papo e melhor caráter (não nessa ordem de importância, é preciso esclarecer), a amizade dos dois foi se solidificando e muitas vezes eles saíam só os dois para beber muito, olhar as mulheres. Algumas vezes, levaram duas para o apartamento em que Dudu morava sozinho, um quarto e uma sala e um banheiro, também em Copacabana, mas mais para o lado de Ipanema. Mas Genu nunca dormia lá, sempre voltava para Dorzinha, de quem pouco falava, até porque acreditava que os dois não se davam muito bem.

Para Dudu, foi fácil entrosar-se com aquela turma de artistas ou candidatos a tal porque já andara metido com pessoal de teatro e música em Belo Horizonte e tinha se tornado um belo rapaz, alto, magro, com longas e cheirosas madeixas, que lhe valeram alguns convites para se tornar cantor de rock ou de música romântica e também ator. Ele recusava porque não tinha talento nem interesse. Queria mesmo se tornar diplomata e estudava a sério para isso. Mas gostava daquela turma. Com a mesada polpuda que o pai lhe mandava e um apartamento perto da praia em Copacabana, era fácil ser generoso. Com sua simpatia natural e a atenção que dava a qualquer pessoa com quem conversasse, tornara-se popular. As mulheres, de idades e condições sociais diferentes, faziam tudo para serem notadas, algumas queriam mais que atenção. Dudu cortejava a todas, causava frisson, mas não era visto com nenhuma delas mais de duas ou três vezes. Dizia-se que ele tinha uma noiva em Belo Horizonte e esperava só formar-se para casar. Ninguém o ligava a Dorzinha, nem mesmo Genu que os conhecera na mesma ocasião e na mesma cidade (praticamente), embora uma ou outra pretendente mais afoita tivesse notado que ele a tratava com cerimônia demais e a olhava mais do que seria agradável para a mulher que estivesse a seu lado.

Certa vez, poucos meses depois de sua chegada, Dorzinha telefonou tarde da noite, chorosa porque Genu tinha havia feito tudo para que ela não fosse a um recital de Wally Sailormoon, em que ele era contra regra. Apesar de ela estar convidadíssima pelo próprio. “Tem mulher nessa história”, vaticinou. Dudu adorou. Foi à casa dela, ofereceu o ombro amigo e uns beijos ardentes.

Dudu e Dorzinha chegaram, quase, às vias de fato, quando já fazia quase um ano que ele morava no Rio de Janeiro. Numa de suas idas a Belo Horizonte, para ver a família, parou em Juiz de Fora e, quando eu perguntei por Dorzinha, ele respondeu que a via pouco, pois vivia para os estudos. Contou que ela vivia com Genu e este era o motivo de se encontrarem pouco e nunca sozinhos. A não ser num dia, quando Genu foi a um show sozinho e Dorzinha ligou para ele toda chorosa, enciumada. Contou que os dois se agarraram e quase acabaram na cama, mas pararam antes. “Ela me disse que tinha vontade, mas não poderia fazer isso comigo na cama e na casa do Genu”, contou Dudu. “Acho que foi o dia mais feliz da minha vida. Saber que a Dorzinha me queria e era tão correta. Cabia a mim conquistá-la. Só que, depois disso ela cortou qualquer possibilidade e só se abriu comigo de novo quando Genu engravidou a namorada baiana”

Durante o festival, em Juiz de Fora, Dorzinha me contou outra versão. Ela reconheceu que se sentia atraída, mas não ia trair Genu e exigiu: se Dudu quisesse ser amigo deles, tinha que reprimir seus impulsos (sentimentos nas palavras dele). Mas ele estava sempre ali, à espreita de uma brecha, uma ausência de Genu. Quase tinha conseguido duas vezes. A segunda foi quando Genu lhe comunicou que ia passar o carnaval na Bahia sem levá-la. Era a quebra de uma promessa porque, nos carnavais de 1970 e 1971, eles não tinham dinheiro para a viagem dos dois, só a dele e, em 1972, depois de passarem o ano anterior fazendo planos e economia, ele chegou em casa com uma daquelas histórias compridas. Só aí ela se lembrou da carta que havia chegado do dia anterior, com letra feminina no envelope, falou no assunto, mas ele desconversou e disse que tinha uma gravação à noite. Dessa vez, Dorzinha chegou à casa de Dudu sem avisar e não foi preciso muito para os dois se beijarem loucamente. Mais uma vez, ela resistiu, pediu desculpas e foi embora. Dudu ficou com raiva, brigou com ela e disse para não aparecer mais se não era para ficar com ele. Arrependeu-se porque ela levou a sério e não o procurou mais. Nem nos três meses que Genu passou na Bahia e sem mandar notícias ou o dinheiro do aluguel. Ele adoraria socorrê-la nesta situação, mas também não teve coragem de procurá-la.

Depois do carnaval, quando Genu pediu para Dorzinha sair do apartamento, ela chorou, mas prática, foi até a casa de Dudu e lhe propôs um acordo. Um ano antes, ele havia convencido o pai da necessidade de ter um apartamento maior, para quando os pais e os irmãos resolvessem visitá-lo no Rio e tinha alugado um quarto e sala, com dependências, perto de Dorzinha e Genu. Ela propôs morar ali, cuidar da casa e dele e viver o romance tão ensaiado e adiado. Dudu hesitou. Há meses, na volta das férias de julho, tinha engatado namoro com Helena, uma colega de classe, que tinha passado o Natal e o réveillon em Belo Horizonte. O namoro estava ficando

firme. Ela era ligada à política estudantil, mais liberada e praticamente obrigou-o a livrá-la da virgindade, mas logo declarou, com uma solenidade meio insegura, que ele esse fato não o tornava responsável por ela. “Isso é coisa de miss, pequeno príncipe”, riu para sentir mais firmeza no que falava. Isso o fascinou e assustou. Não estava preparado para ter sexo com namorada. Na sua cabeça mineira, namorada esperava até o casamento, ao menos até o noivado. Sexo tinha-se na rua, com prostitutas ou com ....mulheres como Dorzinha. “Ele não falou isso, mas eu entendi”, contou ela.

A separação nas férias de janeiro e fevereiro tinha esfriado a paixão entre Helena e Dudu, mas a retomada das aulas repôs lenha nessa fogueira. Apesar de achá-lo alienado, de ele não fazer muito sucesso com seu grupo político, ela gostava dele e de saber que tinha conquistado um dos homens mais cobiçados do Píer de Ipanema. Era o seu “desvio pequeno burguês”, como às vezes se referia a ele. Dudu ficou entre a paixão antiga e a nova, mas Dorzinha resolveu o problema. O apartamento era pequeno, mas tinha quarto de empregada e ela propôs ficar lá, dividindo as contas com ele, que aceitou a primeira parte e recusou a segunda, pois a mesada do pai dava para os dois. Ficou combinado que não haveria qualquer relação de namoro ou romance. Acordo rompido no fim de semana seguinte à mudança dela, depois da primeira praia de domingo que os dois pegaram juntos, sem Helena, que tinha uma reunião de seu grupo político.

Naquele ano de 1972, até o início do segundo semestre, Dudu dividiu-se entre Dorzinha e Helena. “Cheguei a pensar se não devia ter me arrependido de ter ficado com Genu em vez de Dudu logo de cara”, confessou Dorzinha anos depois, quando relembra essa época. “A gente teria dado muito certo, mas teria que enfrentar o pai e a mãe dele, que não queriam que Dudu se casasse com a filha da cozinheira de beira de estrada. E eu certamente teria ficado em Inhapim esperando ele se formar e se fartar dessas moças fáceis daqui do Rio.” Helena fingiu muito bem não saber de nada, até porque, afora uns olhares e um não sei quê no ar, era a namorada oficial e Dorzinha uma amiga recebida de favor, quase uma empregada da casa. Por influência de Helena, Dudu, começou a freqüentar reuniões de estudos, de resistência à ditadura, onde invariavelmente ficava calado, ou só se manifestava quando a pergunta lhe era explicitamente dirigida. O que lhe deu fama de muito culto e inteligente. Chegou a participar de uma pichação, morrendo de medo de a polícia chegar e sem ver muito sentido no risco que corria. Mas preferia mesmo sair com Dorzinha e os amigos que ela fizera naqueles dois anos de Rio de Janeiro. Gente alienada, desbundada, reclamava Helena enciumada. Ficavam se drogando em vez de resistir à ditadura e fazer a revolução. Mesmo assim, quando eram presos, apanhavam como os subversivos, amigos dela.

O mundo despencou no 7 de setembro de 1972. Dudu havia ganhado um fusca Zero Km do pai e resolveu ir de carro para o feriado em Belo Horizonte, levando Helena que insistia em ser apresentada como namorada oficial (no verão anterior passara por amiga e toda a família de Dudu fingiu não notar o clima de namoro entre os dois). Deram carona a um amigo dela, muito metido em mistérios de política, e quando eles foram parados numa blitz na BR-3, Dudu ficou sabendo que o rapaz, na verdade, era procurado pela repressão política, que estava armado e que Helena levava panfletos em sua mala, em vez de roupas. Todo mundo foi preso e levado para Juiz de Fora, mas Dudu conseguiu avisar minha mãe, graças a um soldado, um rapaz do interior que servia Exército ali. Tinha ficado com pena de Dudu que, segundo ele, “não se parecia nada com outros rapazes que chegavam presos e apanhavam muito para contar o que sabiam”, segundo disse ele a minha mãe.

O rapaz não teve dificuldade para encontrar o endereço de nossa casa, embora só soubesse os nomes da rua e de minha mãe. Estava morrendo de medo de ser preso ou ter alguma punição porque aquela ajuda não só era totalmente irregular, mas também significava um gesto de apoio aos subversivos que combatiam os militares. Ele chegou, deu a notícia e recusou-se a dar seu nome ou endereço e pediu, pelo amor de Deus, que ninguém dissesse que era ele quem tinha trazido o recado. Minha mãe ainda queria pedir detalhes, se haviam batido em Dudu, ou se ele estava sendo bem tratado, mas o rapaz foi embora, quase fugindo.

Nem bem ele tinha saído, meu pai – chamado em seu trabalho diante da gravidade da situação – ligou para o comando da 4ª Região Militar do Exército, para o quartel onde o rapaz servia, para a delegacia de polícia, para um advogado amigo dele e, de novo, para o quartel, mas não conseguiu falar com o coronel que comandava aquela unidade onde ficavam os presos políticos nem saber se Dudu estava mesmo ali. Só soube o nome do coronel e, para sorte de Dudu, a filha dele estudava no meu colégio, no mesmo ano, mas em outra classe. Embora o oficial do dia negasse a prisão de Dudu, a notícia correu como um rastilho de pólvora e logo todas as mães da nossa rua se juntaram em torno da minha para decidir o que fazer. Uma mais corajosa, conseguiu o telefone da casa do coronel na secretaria do colégio e ligou para a mulher dele, que não soube o que responder, até porque o marido não estava em casa. No dia seguinte, além das mães da vizinhança, tinham aparecido algumas de alunas do colégio. A mãe de Dudu, que tinha vindo às pressas de Belo Horizonte, criou coragem e bateu na porta da casa do coronel. A mulher dele disse que ele não estava, mas minha tia avisou que só saía de lá quando falasse com ele e soubesse do filho. Nisso foi apoiada pelas outras mães. Duas até se prontificaram a fazer-lhe companhia.

Não foi preciso muito tempo, pois o coronel chegou logo depois (foi avisado pela filha, que era nossa colega. Ela contaria essa história, sentindo-se, com razão, meio heroína, durante muitos anos) e assumiu que Dudu estava preso lá. Avisou também que não havia cadastro dele no Serviço Nacional de Informações, o famigerado SNI, mas o rapaz que estava no carro era um subversivo perigoso, fichado e estava armado. Era difícil acreditar em sua inocência. Contou também que Helena, embora ainda não tivesse cometido nenhum crime, já era fichada por estar entrando nessa “vida de subversiva”, como explicou. “Não deve nem ser mais virgem, porque tinha pílula na bolsa”, disse ele, segundo contaram escandalizadas as mães assim que voltaram de lá e enquanto planejavam a estratégia do dia seguinte.

Voltaram todas menos minha tia, que ficou lá na porta da casa do coronel, na calçada, recusando-se a voltar para casa sem notícias de seu filho.

Minha tia não ficou sozinha na porta da casa do coronel, à espera de notícias da Dudu, preso em algum quartel ou prisão da 4ª Região Militar. Pelo contrário, logo, uma vizinha em frente ofereceu-lhe uma cadeira e café passado na hora. Ela tinha pena de mulheres que, volta e meia, passavam o dia inteiro ali, a procura de notícias de seus filhos, maridos, pais, sobrinhos, amigos – ou que fossem – desaparecidos, certamente presos e, na maior parte das vezes, sendo torturados. Mas minha tia não queria saber dos outros presos, nem mesmo da namorada de Dudu e o amigo dela. E só sossegou um pouco (ou melhor, só deu sossego ao coronel), quando recebeu um bilhete de Dudu, dali a dois dias, dizendo que estava tudo bem, que fora preso, não sofrera muito além disso. O bilhete, para ela enigmático, não esclarecia se ele estava sendo torturado, se havia apanhado ou coisa parecida. Deixou algumas mães apreensivas e outras apavoradas. “A gente ouve coisas horríveis desses milicos, mas eu tenho certeza de que meu filho não é comunista. Por que seria, se ele tem tudo, a gente lhe dá dinheiro, ele está muito bem na faculdade, vai ser diplomata? Dudu é um menino direito, estudioso, bonito... Não precisa ser subversivo. Isso deve ser influência daquela namorada dele, que eu nunca achei muita graça nela. Eu também acho que eles andaram comendo a merenda antes do recreio”, cochichou para minha mãe.

Para todas as outras pessoas, inclusive a mulher do coronel, declarou que a notícia era insuficiente para tranquilizá-la e que não ia embora. Disse que só voltava para Belo Horizonte com o filho e prometeu acampar em frente à casa do coronel até conseguir libertar Dudu. Algumas mães do colégio e da rua se dispuseram a acompanhá-la e uma até lembrou que outra senhora, de Três Rios, tinha pedido ajuda para encontrar o filho que também estava desaparecido. De início, o coronel não gostou de ter aquele grupo de mulheres em frente a sua casa, pensou em chamar uma tropa de choque para dispersá-las (“por bem ou por mal”,

praguejou), mas a mulher lembrou que a filha poderia ficar embarçada diante das colegas de se isso acontecesse ou se o rapaz sofresse alguma coisa no quartel sob sua jurisdição. Afinal, não seria ele quem daria razão a quem falava de torturas nas prisões. O coronel reclamou que as mulheres não deviam se meter em política, que bom era quando elas cuidavam apenas da casa e dos filhos, sem se lembrar que era exatamente isso que minha tia estava fazendo naquele momento. Mas atendeu ao pedido de sua mulher e não tentou impedir a concentração de mãos na porta de sua casa. Essa parte também foi contada durante muitos anos por nossa colega, filha dele.

Em poucos dias, as negociações do pai de Dudu com o general comandante da 4ª Região Militar e a vigília das mães em frente a casa do coronel conseguiram liberá-lo com a promessa de que ele deixaria o País imediatamente, sob pena de voltar para o cárcere. Certamente a vinda da mãe de Três Rios atrás de notícias do filho desaparecido e o anúncio de que outras mães em situação igual estavam para chegar apressaram esta decisão. Com a libertação de Dudu, minha tia, minha mãe e as vizinhas dela se desinteressaram do assunto e a mãe de Três Rios, embora continuasse sem notícias do filho, ficou sem coragem de permanecer sozinha na vigília. Ou foi desencorajada pelas ameaças que o coronel fez. Até hoje não se sabe direito. O fato é que ela voltou para sua cidade, a 100 quilômetros de Juiz de Fora, no Estado do Rio, chorosa e desconfiada de que o filho estava ali. Ao menos foi o que contaram as senhoras que a levaram à estação rodoviária, bem perto da casa do coronel.

As versões sobre a prisão de Dudu, que durou menos de uma semana, vão de torturas horríveis a tratamento, respeitoso, porque o coronel responsável pelo batalhão realmente temia os comentários no colégio da filha. Nesta versão, o coronel sabia de casos em que os filhos de militares estavam sendo boicotados devido a denúncias de tortura e não quis correr o risco. Dizia-se, inclusive, que qualquer pessoa que tivesse ligação com moradores de Juiz de Fora tinham a prisão atenuada se fosse levado para lá. Dudu nunca comentou o que aconteceu ali dentro, mas ganhou fama de durão e aumentou a de bom caráter porque não entregou ninguém. “Nem podia, porque não conhecia ninguém, nem de nome ou codinome”, costumava desconversar, nas poucas vezes em que dava prosseguimento ao assunto.

Nunca se soube quem era o soldado que avisou da prisão de Dudu. Meu tio ainda o procurou durante muito tempo, para tentar recompensá-lo de alguma maneira. Com a prisão e o exílio do filho, tomou consciência das barbaridades que vinham sendo cometidas pela polícia da ditadura e tornou-se mais grato ao rapaz pela coragem e desprendimento de salvar alguém que nem conhecia. Ainda tentou durante um ano e ouviu muitas evasivas, mas só desistiu quando um dia, em seu escritório, em Belo Horizonte, recebeu a visita de um homem à paisana,

dizendo ser capitão da Polícia do Exército, a temível PE, e querendo saber que informações meu tio tinha obtido sobre aquele soldado que liberara Dudu, a subversiva e o guerrilheiro. “É bom que o senhor conte porque este rapaz deve ser um deles. O senhor sabe que quem os ajuda tem o mesmo tratamento, não é mesmo?”, disse o homem. Meu tio alegou que não era obrigado legalmente a contar o que sabia e o homem abriu um sorriso. “Ora, meu amigo, eu sou a lei. Vocês não nos chamam de os homens da lei? A gente é que decide o que é legal ou não.” A partir de então, meu tio deu graças a Deus por não ter qualquer informação sobre o rapaz. “Fiquei com tanto medo que contaria tudo que sabia e ele, certamente, ia ser preso, talvez torturado, só por ter ajudado meu filho”, comentou meu tio quando contou a história para meus pais, sem tentar parecer herói. “Graças a Deus, Dudu está longe daqui e ninguém mais, além dele, foi prejudicado com essa história.”

Não era verdade. Sobrou para Dorzinha, é claro, porque o apartamento de Dudu no Rio foi invadido e ela só não foi presa porque uma vizinha a esperou na rua para evitar sua entrada no prédio. Não podia recorrer aos primos de dindinha Lucília e mamãe a quem fora recomendada quando chegara porque eles nem sabiam que ela morava com Dudu e também não tinha mais o telefone deles, nunca os havia procurado. Sem ter para onde ir, só com a roupa do corpo e sem dinheiro, só lhe ocorreu procurar Genu. Ele já vivia num apartamento maior, chateado com a namorada baiana, então esposa e mãe de sua filha ainda bebê, e a recebeu de braços abertos. Entre a convivência monótona e reviver os bons tempos, sem compromissos, com Dorzinha, Genu ficou com as duas opções. Mas a mulher não aceitou o arranjo e Genu, agora produtor numa gravadora multinacional, a apresentou a Rafa, músico contratado da empresa. Era seu amigo e sabia eles iam se entender. Melhor de tudo, não a perderia de vista. Recomendou a Dorzinha tomar muito cuidado com a polícia. E lembrou que gente como eles, sem família importante a quem recorrer, sem dinheiro para advogado, sempre apanhava muito da polícia se fosse para a cadeia. Era assim antes da ditadura, continuava sendo durante e nunca ia deixar de ser, mesmo quando a ditadura acabasse. Ela só ficou tranqüila quando Rafa disse que ia protegê-la desses e outros perigos.

Dudu foi embora para a Europa na época do festival de Juiz de Fora, depois de passar um mês sem poder sair da casa dos pais em Belo Horizonte, vigiado pela polícia, que também ouvia os seus telefonemas para descobrir se ele ainda mantinha contato com outros subversivos e pegá-los. Quando Dudu ligou para um colega da faculdade de Direito pedindo para avisar que faltaria às aulas, mesmo sem dizer o motivo, o rapaz teve que ir explicar-se à no Dops, na Lapa, onde passou uma tarde inteira. Por isso, não deu para Dudu despedir-se de Dorzinha, que se sentiu abandonada ao saber que ele tinha partido no mesmo avião que Helena, que saiu do País.

O amigo dela ficou preso mais uns dois anos, primeiro esquecido em Juiz de Fora e depois na Ilha Grande. Como era descendente de italianos, conseguiu um passaporte de estrangeiro, interferência dos tios que viviam lá e acabou se exilando, mas não teve mais contato com Dudu, que também não quis mais saber de Helena. Não adiantou contar para Dorzinha que eles haviam sido expulsos do Brasil. Ela acreditava que iam viver um grande amor na Europa, como ele contava que pretendia, só que com ela. Doeu, mas Rafa estava ali para ser cuidado e havia muita festa, show e trabalho para ela ter tempo de sofrer muito.

Em 1977, quando cheguei recém formada no Rio, atrás de emprego, procurei Dorzinha. Ela parecia outra pessoa, não a cabocla de Inhapim, mas uma sofisticada carioca. Estava muito magra, com os cabelos rebeldes caindo abaixo dos ombros e usava saias curtíssimas ou vestidos longos, sempre com decotes que revelavam seu busto farto, coisa rara naquele tempo em que as mulheres faziam plástica para diminuir os seios.

Dorzinha parecia perfeitamente adaptada à vida carioca e, feliz da vida, achava que tinha seu lugar nos bastidores do showbizz nacional. Contou-me, no início, quando ainda vivia com Genu, começou a fazer seus vestidos, que pareciam de griffes caras até porque alguns tinham a etiqueta da loja famosa, como Bibba, Lelé da Cuca, Company, Yes Brasil e outras. “Eu ia lá, experimentava, fazia igual e comprava a etiqueta numa lojinha do centro da cidade, numa rua que só tem loja de turcos e que por isso apelidaram de Saara. É uma confusão danada, mas procurando a gente acha de tudo. Ainda faço assim e todo mundo gosta. Só não pode dizer que é de lá”, contou-me em confidência. Às vezes, fazia as mesmas roupas de griffe para as melhores amigas, cobrando um preço camarada. Para mim, fez uma do Cantão que até uma vendedora de Ipanema, quando passei na loja, acreditou que eu era cliente antiga.

Também os assuntos e o jeito de falar haviam mudado. Dorzinha tinha agora um longe de sotaque mineiro abaianado que lhe acrescentava charme, quando ela conversava sobre a abertura política, as movimentações em torno da Anistia. Ia a reuniões dos ativistas, sempre acompanhando amigos, e chegou a emprestar alguns vestidos que fizera a cantoras que se apresentavam em shows para arrecadar fundos para o movimento, que, naquela época, já era grande e estava saindo da clandestinidade. “Arrumei um monte de novas clientes. Todo mundo viu e muita gente veio me encomendar outros iguais. Mal dou conta dos pedidos”, contou-me. Falava também sobre a situação da cultura brasileira sob censura e das novelas da televisão, que agora era moda ver, mesmo entre os intelectuais. Estas últimas eram seu assunto predileto, até porque ela misturava a história dos personagens com a vida pessoal dos atores, da qual sabia

por ler sempre revistas de fofoca como *Amiga* e *Sétimo Céu*, suas leituras preferidas, se não únicas.

Dorzinha não tinha estudado formalmente, mas aprendera com Rafa que ler jornal dava base para muita conversa e passava os olhos por pelo menos dois deles por dia, embora achasse muito chato ler qualquer coisa que não fosse sobre artistas ou novelas de televisão, conforme me contou na primeira conversa que tivemos. Como sabia que eu tinha me formado em Jornalismo, prometeu gostar do que eu escrevesse. E lia também sobre música, assunto que começava a se tornar importante nos cadernos culturais e que ela dizia ler para saber dos amigos. “E também para não ficar por fora. A gente tem que saber quem está na onda e quem já saiu dela”, me ensinou certa vez. “Mas só quem é bobo e fingido muda o tratamento. Até porque esse mundo vira muito. Quem hoje está por cima, amanhã pode estar lá em baixo e o contrário também acontece”

Continuava fazendo banquetes para os amigos da época em que viveu com Genu e boa parte deles tinha ficado bem de vida com shows e discos que aconteciam aos montes. Ela cobrava bem pelo serviço, pois seu tempero já tinha ficado famoso no meio musical. Quase uma griffe, dar uma festa e chamar Dorzinha para cozinhar, especialmente comida mineira e baiana, era sucesso garantido e pegava bem. E ela fazia com prazer, refeições fartas, variadas e deliciosas: entradas, pratos principais e sobremesas que, embora condimentadas, não pesavam, mas lembravam as que se comiam nos dois Estados. Seu feijão tropeiro se rivalizava com o bobó de camarão e ela conseguia milagres gastando pouco, embora cobrasse muito. “Afinal, nasci pobre, no meio do caminho entre Minas e Bahia”, costumava brincar ela. Tinha também uma confecção (com uma ajudante) de roupa hippie de butique, que vendia para suas clientes culinárias, sem contar que as de butique também eram feitas por ela. Ainda era semi-alfabetizada, só tinha aquele curso primário de Inhapim, embora tivesse plano de tirar pelo menos o Ginásio, quando sobrasse tempo. Mas dizia para todo mundo que aprendera a cozinhar no restaurante da mãe, em Governador Valadares, e as roupas, quem lhe sugerira como fazer fora Gal Costa, a primeira pessoa a acolhê-la no Rio.

E havia Nina, sua filha de três anos, com Rafa, que a abandonara pouco antes do nascimento da menina porque desistira da música para se casar com uma namorada fazendeira de Mato Grosso, sua terra natal.

Dorzinha deixara Nina com os pais, porque os banquetes e as roupas não lhe davam tempo nem segurança para se manter e à filha no Rio de Janeiro. Foi para Inhapim para ter a menina e deixou-a com os pais poucos meses depois de seu nascimento. Lá as despesas eram menores e a Nina teria quem ficasse tomando conta o tempo todo. Mandava dinheiro todo mês,

telefonava toda semana e foi lá uma vez a cada ano. Um ano depois da fuga de Rafa (como ela o denunciava) e pouco depois de voltar para o Rio, ela conheceu Enrique, tecladista argentino que fugia da repressão de lá. Viera logo depois do golpe de Estado, em 1976, e dizia ser filho de um sindicalista ligado ao presidente Perón, por isso desaparecido, como o resto da família dele, o irmão, a irmã e o cunhado. Só sobrara a mãe que se exilara na Europa. Mas ele resolvera ficar no Brasil, segundo disse, porque aqui, como músico, teria uma visibilidade que impediria sua prisão. “Yo no me quedo lejos de mi tierra”, acrescentava num castelhano dramático e tão portenho quanto um tango de Piazzolla. Em pouco tempo moravam junto. Ele era substituto de Rafa na banda e herdou-lhe também o apartamento e a namorada.

Tempos depois, ela me contou que a transição não havia sido tão fácil. Rafa, segundo Dorzinha, se chamava Rafael Mourão da Cunha Neto, porque seu avô era o famoso Mourão da Cunha, o governador de Mato Grosso que abrigara a Coluna Prestes e por isso fora perseguido por Getúlio Vargas, logo após a Revolução de 30 e, principalmente, depois da Intentona Comunista, em 1935. Chegou a ser preso na Ilha Grande, junto com Graciliano Ramos – que o cita em suas *Memórias do Cárcere* – mas após 1945 retomou sua carreira política e foi eleito deputado seguidamente até 1960. Aliado de Juscelino e amigo de Darcy Ribeiro era entusiasta da mudança da capital para perto de sua área de influência – Mato Grosso, não Goiás) e foi também fundador da Universidade de Brasília, da qual fora afastado por ter sido cassado junto com Juscelino Kubtischek e Carlos Lacerda, em 1966. Apesar de não seguir a mesma linha do segundo, também articulava a Frente Ampla e sofrera as conseqüências dessa tentativa de reagir à ditadura recém nascida. Sua cassação foi um castigo duro demais porque, num primeiro momento, apoiara o golpe de 1964.

Logo depois adoeceu gravemente. Um derrame o deixou preso a uma cadeira de rodas e com dificuldade até para falar, mas lúcido e, de alguma forma participante, embora por pouco tempo porque morreu dois anos depois, exilado em suas terras espalhadas entre o Mato Grosso e a Bolívia, no imenso e então inalcançável Pantanal. Enquanto estava vivo, seu nome ficou proibido nos meios de comunicação, tal como o de Dom Helder Câmara, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Francisco Julião ou do próprio Juscelino. Mas ele ainda era influente, uma biografia mimeografada sua circulava entre os estudantes universitários e ele até virara personagem de uma novela de Dias Gomes, lá pelo início dos anos 70. Havia o Cunha, ex-general derrotado em muitas batalhas que, embora entrevado, saía do leito à noite para corrigir as mazelas da cidadezinha mergulhada em situações meio mágicas e muito ambíguas. O personagem, é claro, durou poucos capítulos, logo foi censurado, mas virou mote e, durante muitos anos, quando uma situação errada tinha conserto difícil, dizia-se que era caso para o general Cunha, o único

capaz de resolvê-la. “Chama o Cunha”, era a senha para dizer que um problema não tinha solução, ou que acontecia por falta de vergonha na cara dos responsáveis. Era considerado mártir da resistência à ditadura, até porque morreria uma semana depois da decretação do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968 e, tanto a família quanto os correligionários, gostavam de dizer que este fora a causa direta de sua morte.

Além de político, Mourão da Cunha nascera rico e aumentara a fortuna. Rafa era o neto mais velho e herdara o nome, que evitava usar, por achar que era uma faca de dois gumes naqueles anos 70. De sua morte em 1968 até aquele momento, os cinco filhos e três filhas, 50 netos e alguns bisnetos, ainda crianças, ainda não haviam conseguido gastar toda a fortuna que o antepassado amealhara. Os filhos e filhas dividiam-se entre os que não trabalhavam na fazenda, os que tinham alguma sinecura no governo federal ou do Estado de Mato Grosso, embora ninguém tivesse herdado a vocação política do patriarca e muito menos o talento financeiro. O dinheiro ainda era muito, mas não o suficiente para o alto padrão de vida que levavam e sempre havia terra para vender quando os bancos ameaçavam cortar-lhes o crédito. Os netos haviam recebido dos pais a inaptidão para o trabalho e para a política e se dividiam entre os que levavam vida de classe alta e os que aproveitavam os restos da nobreza do avô para manter a pose e desprezar a plebe. Rafa era o artista da família. “Ele veio para o Rio para fugir de tudo isso e, acredito, da briga da mãe com o pai”, contou-me Dorzinha. O pai vivia com outra mulher numa cidadezinha da Bolívia, onde dizia ter uma fazenda há muito vendida. Segundo Rafa havia contado a Dorzinha a mãe fingia que acreditava e não se separava oficialmente para não ser uma divorciada em Corumbá, onde morava toda a família. E também porque um divórcio ia dividir a herança já insuficiente para tanta gente viver como milionário.

Dorzinha contou que a família nunca apareceu na casa deles. Três vezes, em todo o tempo em que viveram juntos, ele saiu para visitar uma irmã ou o pai que estavam de passagem pelo Rio. Nunca a convidou para ir junto nem aceitou a sugestão dela de eles virem comer na casa em que moravam. Afinal, ela não era uma grande banqueteira? “Só depois vi que eles fingiam que eu não existia”, contou Dorzinha.

Na época em que vivia com Dorzinha e, especialmente quando ela engravidou, Rafa estava com pouco trabalho, pois a música discotêque invadira de vez as casas noturnas, e pagar música ao vivo ficara muito caro. Até os bailes, último refúgio do músico, escasseavam. Embora fosse excelente pianista e se interessasse pela música eletrônica, ele se recusava a gravar com sintetizadores, uma novidade que substituía músicos no estúdio e encurtava o orçamento dos discos, e não aceitava aquele repertório para o qual era convidado. Não que faltassem convites, entre eles de Júlio, aquele amigo que tinha ficado comigo no festival e que,

após uma temporada nos Estados Unidos, tinha virado produtor e o chamava sempre para acompanhar cantoras em shows ou gravações. Mas Rafa estava envolvido em discussões políticas, shows para anistia, para as greves dos operários do ABC paulista, para Sombras (sociedade arrecadadora criada por músicos como Maurício Tapajós, João Bosco, Aldir Blanc e Chico Buarque), para os exilados que estavam em situação difícil na Europa e para várias outras causas contra a ditadura. Dinheiro que era bom quem trazia para casa era Dorzinha, com suas roupas e banquetes, criticados por ele, porque feitos para a burguesia.

“Uma vez que eu fui preparar um jantar para 40 pessoas na casa de um deputado da Arena, dono de uma construtora que estava desmanchando as casas de Ipanema e construindo prédios para o pessoal que queria mudar do subúrbio para a zona sul, quase fui linchada. Era um dinheiro que dava para viver bem um mês, mas Rafa veio com uma história de que era dinheiro sujo, de simpatizantes da ditadura que eu não deveria aceitar. Mas ele não entrava com nenhum, pelo contrário. Numa das vezes em que a mulher do deputado esteve aqui para tratar do jantar e soube que ele era músico, ela o convidou para fazer a música ao vivo, nos intervalos do discotecário. Ele respondeu de nariz empinado que sua música tinha dignidade e ele se recusava a ser cooptado por uns trocados. Fiquei sem graça, pus panos quentes na conversa, e achei que ele tinha até razão, era um artista e sofreria e violentando daquela maneira. Cozinhar para a direita não doía tanto quanto dar-lhe a sua arte, pensei na época. E afinal, fazer comida nem é arte, né?”

A gravidez precipitou tudo. Não foi programada, mas inesperada mesmo foi a reação da família de Rafa e, principalmente, a dele. Num rasgo da tal dignidade, ele disse que se casaria com Dorzinha, mas foi adiando as providências até ela chegar ao sexto mês. Um belo dia, a família inteira baixou no Rio. “Acho que até a amante veio. Pelo menos, a mãe, o pai e uma irmã”, contou Dorzinha. Ela os convidou para vir em sua casa e preparou um autêntico almoço mineiro, com arroz branco, lombo assado, tutu e farofa de torresmo, seu hit que agradava aos paladares mais refinados da cidade, os da direita, os da esquerda e os desbundados. O pai, mal chegou, fechou-se no quarto com o filho. A mãe, depois de vistoriar os dois quartos, o deles e o de empregada, comentou que ninguém vivia decentemente em espaço tão apertado e reclamou que a cozinha era pequena e, por isso, o cheiro de comida se entranhava na casa e nas roupas das pessoas. “Ele dizia que a mãe era linda, parecia mais sua namorada ou irmã. E ela deve ter sido muito bonita mesmo, mas há uns 20 ou 30 anos porque agora, tinha uma cara esticada e supermaquiada, um cabelo pintado de preto e uma cara de peidaram aqui que eu me espanto em pensar que ainda tentei agradá-la”, contou Dorzinha.

A irmã foi mais simpática, mas ficou pouco porque ia encontrar-se com amigas do internato em que estudara até o ano passado. “Só então soube que Rafa tinha uma irmã morando no Rio”, lembrou Dorzinha. “Durante o almoço, eles não quiseram falar sobre o casamento, alegaram que havia tempo para pensar nos detalhes, e foram embora com uma despedida muito formal. Só então me dei conta que os dois beijinhos do carioca não foram dados e que minha sogra mal tocara no feijão tropeiro. Rafa disse que a mãe vivia de dieta e só comia carne grelhada e saladas, coisas que, segundo ele, eu não sabia fazer direito.”

No dia seguinte, Rafa saiu cedo e chegou muito tarde, dizendo que no outro dia eles precisavam conversar. Criticou a mania de Dorzinha andar descalça dentro de casa (até então, achava sexy), o cardápio do almoço (que eram seus pratos preferidos), sua túnica transparente (inadequada para um barrigão daquele) que era presente dele mesmo quando soube de sua gravidez. E arrematou a conversa dizendo que, para se tornar uma Mourão da Cunha teria que mudar muito do seu jeito de ser. A começar por aquele cabelo rebelde, que ninguém mais usava. “Fui dormir triste, pensando mesmo que uma roceira como eu precisava de aprender muita coisa.”

No terceiro dia, Rafa levou-a ao hotel onde os pais e a irmã se hoppedavam. A irmã, assim que ela chegou, foi avisando. “Não concordo com essa conversa, então não vou ficar aqui como testemunha.” A mãe, de cara, perguntou se ela pretendia mesmo ter aquele filho (“como se eu não estivesse com aquele barrigão, de seis meses”, lembrou Dorzinha), se sabia que a família tinha muito mais nome e posição social que dinheiro e que não sobraria nada para aquele bisneto do Mourão da Cunha. Dorzinha ainda tentou explicar que dinheiro não era problema, que até ganhava o suficiente para os dois viverem enquanto o Rafa não conseguia um trabalho de acordo com seu talento e suas posições políticas e que o filho ia ser muito bem vindo para os dois. “Não temos vida de rico, mas bem melhor que a que eu tinha em Minas”, foi sua alegação. Aí a mãe entrou de sola no assunto principal. “Pois é, minha filha, olha a diferença social de vocês. Isso aqui está ótimo para você, que saiu da beira da estrada, do fundo de uma oficina suja, ao lado de uma cozinha num fim de mundo. Mas o meu filho, o Rafaelzinho, vem de outro meio, de outra classe social, tem berço de ouro. Como vocês pretendem educar essa criança, numa escola pública, sendo colega do filho do porteiro? Isso não é vida para um Mourão da Cunha. E o Rafa poderia ter um herdeiro muito mais nobre, ou pelo menos sustentá-lo mais de acordo com nossa posição social. Já temos até a pretendente.”

Foi quando o pai perdeu as estribeiras e o respeito pela mulher. “Eu te avisei, Rafaelzinho. Não se faz filho em amante. Para isso, a gente se casa com alguém da nossa condição e você já tem uma candidata. Vamos fazer o seguinte. Vocês se mudam para Coxin,

você se casa com a Marieta, que não tem nome mas tem dinheiro de sobra, e essa mulher, essa Dorzinha vai viver em Puerto Soares, na Bolívia, onde temos a fazenda”, propôs. Atordoada, Dorzinha ainda perguntou se eles iam se casar ou ao menos o filho seria registrado no nome do pai. “Claro que não, minha filha. Não vou ter neto crioulo, filho de cozinheira ou neto de borracheiro com outra cozinheira. E quem garante que esse menino é dele? Quem garante que você só cozinha para esses ricos daqui, não presta serviços mais específicos?”

Dorzinha nem quis mais ouvir a conversa, saiu passando mal e pegou um táxi para casa, onde Rafa só apareceu no dia seguinte. Implorou para que ela aceitasse aquela proposta, ao menos por enquanto, pois quando a criança nascesse os pais se apaixonariam pelo neto e até a aceitariam. Enquanto isso, ela ia aprendendo a se comportar como a família achava correto. Garantiu que não ia se casar de forma alguma com a tal Marieta, embora tivesse que fazer uma cena de namoro para acalmar os pais. Era o que a irmã vinha fazendo, embora pretendesse sair do País de vez. Isso só ia durar até o bebê nascer porque aí ele assumiria os dois, ela e o filho. “Olha, não sei se fiz certo ou não, mas disse a ele que se era para ficar como a mãe dele, com cara de dona de puteiro chique e fingindo que tinha marido, eu preferia não casar, ser mãe solteira mesmo. E se era para meu filho ser criado com aquelas idéias, era melhor não ter pai. Ele disse que eu o estava expulsando da minha vida e foi embora, nunca mais me procurou, nem quando Nina nasceu. Até hoje não sei se fiz certo, se teria sido melhor tentar convencer aquela família de que eu era uma esposa à altura do Rafa. Mas Deus me livre de me tornar uma mulher como minha ex-futura-sogra. Eu achava que só existia gente assim em novela.”

Dorzinha foi para Inhapim dar Nina à luz, e só voltou quando ela já tinha quase um ano. Soube então que Rafa tinha deixado a banda e sido substituído por Enrique, um argentino que fugia da ditadura de lá, que acabara de ser instalada com um golpe militar. A mulher de um dos músicos, Ângela, fez-se de cupido, assumiu o caso quando viu que ele tinha se interessado por Dorzinha, promoveu um almoço e pediu a Dorzinha para preparar. Enrique, encantado, elogiou a comida e quis saber os segredos da cozinheira e foi ajudá-la a arrumar tudo. Ou seja, não descolou dela até de noite e ainda foi levá-la até o apartamento, em Botafogo, na casa de uma amiga, onde Dorzinha ocupava o quarto de empregada provisoriamente. Como ela não tinha onde morar, Ângela sugeriu que os dois dividissem o apartamento, até para ajudar Enrique nas despesas. E assim, começaram a viver juntos.

Também em 1977, Genu tinha se formado em Administração de Empresas, era diretor de selo de uma gravadora multinacional e produtor requisitado. Poder e dinheiro dão charme e Genu acrescentou esse detalhe a seu encanto natural, o mesmo que tinha conquistado a amizade

de Gal Costa e o coração (e o corpo) de Dorzinha. Tinha consertado os dentes, mas o que mais encantava nele era a segurança com que conversava, sem impor nenhuma idéia, mas parecendo que todos os problemas eram menores do que aparentavam e que estavam prestes a se resolver. Apesar de não ser músico (“desafino até dublando”, brincava) nenhuma cantora ou cantor abria mão de tê-lo na produção porque ele acalmava a equipe, do arranjador ao boy que trazia água e café e fazia o disco sair mais depressa e mais barato, o que agradava também aos diretores da multinacional. Era também um homem elegante, com aquele físico de capoeirista e carregador de gelo. Não fazia mais esforço físico para ganhar a vida, só para manter-se em forma, embora parecesse também não dar muita importância a isso. Seu tipo moreno de cabelo sarará entrava na moda e suas roupas, sem etiqueta aparente, em nada lembravam a daquele menino que juntou peças de três ternos diferentes para fazer um só e ficou com jeito de espantalho em Governador Valadares. Parecia ter nascido dentro de um jeans Pierre Cardin e de uma camisa Lacoste, então na moda, mas que só se encontravam importadas no Brasil.

Graças Dorzinha, consegui uma entrevista com Genu, a primeira que ele dava em muitos anos, que me garantiu meu emprego de repórter num grande jornal. Ao saber de nossa ligação, ele contou-me, pedindo segredo, que se sentia responsável por ela, pois se não fosse sua passagem por Inhapi era teria sido uma roceira feliz, casada e cheia de filhos, como a mães dela e milhares de mulheres do interior do Brasil. Por isso, arrependia-se de tê-la deixado sozinha (“jogada na rua”, disse para corrigir-se logo) quando a namorada baiana engravidou. Procurava ajudá-la, mas era sempre rechaçado. A mãe baiana de sua filha tinha voltado para lá, mas ele e Dorzinha não haviam se acertado. “Já lhe ofereci emprego aqui, mesada, mas ela recusa, prefere ser sustentada por esses músicos sem grana, em apartamentos apertados”, reclamou sabendo que eu completei mentalmente “como você, quando vivia com ela.” Quando lhe perguntei por que ele não se casava com ela, já que tinha tanto carinho. Ele sorriu canalha e sedutor. “Mas eu já sou casado e no Brasil não há divórcio.”

Quando eu falei da filha de Dorzinha, ele disse que fora uma de suas burradas com ela. Contou que sabia há muito tempo da situação de Rafa (“um chato que parou no tempo, não estudava mais e dizia que só não tinha trabalho porque não se vendia à ditadura. Mas na verdade desaprendeu a tocar. E ainda criticava os outros músicos que fazem sucesso, dizendo que eles se vendiam”, criticou). Soube que ela tinha se separado e foi procurá-la. Encontrou-a aos prantos, sentindo-se inferior, pensando até em aceitar a proposta indecorosa da família dele. Foi um trabalhão convencê-la do contrário e uma missão impossível e frustrada tentar uma solução comum para os dois. Ele lhe montaria uma casa, mas sem casamento oficial, até porque Genu continuava casado. Por isso também não morariam juntos nem ele ia registrar aquela criança

que não era dele. Ela agradeceu e disse que a proposta era a mesma do Rafa, só que ele era o pai da criança. Genu ficou sem ver Dorzinha por muito tempo. “Soube depois que aquele argentino miserável tinha entrado na vida dela para explorá-la”, contou. “Sabia que tudo nele era mentira, porque o pessoal da gravadora na Argentina o conhecia e garantiu que o filho do tal sindicalista, realmente morto, vivia em Paris com a mãe. Realmente os dois são os únicos sobreviventes da família, mas Enrique não era da família. Apenas tinha estudado na mesma escola que o rapaz, o verdadeiro filho do sindicalista. Tentei avisar, mas adia sempre essa conversa. Afinal, ela não ia acreditar mesmo.”

Ser casado oficialmente, não impediu Genu de ser um dos homens mais cobiçados da cidade. Estava ficando rico e poderoso e esbanjava charme com as mulheres, embora não se fixasse em nenhuma. Aliás, raramente assumia ter uma relação especial com alguma delas e, quando isso acontecia, não durava mais que algumas semanas. Mas ficava amigo dessas moças com quem aparecia nas festas e estréias de shows. E todas tinham uma história contar suas gentilezas. Quem não tinha, inventava. Só Dorzinha resistia a seus encantos – assim garantia ela – porque não era de trair a confiança de ninguém e não faria isso com seu argentino. Só se referia assim ao atual companheiro. E não seria uma a mais na vida de Genu, de quem raramente falava em público a ponto de pouquíssimas pessoas saberem que eles se conheciam. Mas um dia confessou que dormiu com ele algumas vezes para matar saudades, quando o argentino estava viajando a trabalho, o que eram muito frequente. Então, juravam amor eterno, fidelidade absoluta, uma vida em comum, mas esqueciam essas promessas na primeira discussão, antes mesmo de sair do quarto.

Contei para ela que Dudu desistira do direito e agora fazia cinema na França, chegou a trabalhar como segundo assistente de direção num filme de François Truffaut, mas preferia documentários e estava pensando em mudar-se para Londres, tentar um estágio na BBC. Mas o que ele queria mesmo era voltar para o Brasil. Nas cartas que mandou, mais ou menos duas por ano, sempre perguntou por Dorzinha com saudade e só então ela acreditou que o namoro com Helena terminou com a prisão e eles embarcaram juntos para a Europa obrigados pela polícia. Mal se falavam no primeiro ano e fizeram questão de perder o contato nos anos seguintes. “Como ele não foi processado e nunca se envolveu em política aqui ou lá, talvez consiga voltar ao Brasil em breve. Até porque dizem que haverá Anistia, mas não se sabe quando nem como”, tentei animá-la. Ela me contou que, uma vez, quando estava em Inhapim para ter Nina, didinha Lucília fora visitá-la e lhe contara que Dudu tinha perguntado por ela. “Quando soube que você tinha tido uma filhinha disse que queria ter sido pai dessa criança.

Que história é essa, Dorzinha?”, havia perguntado espantada. Dorzinha não contou, mas ficou sabendo que ele ainda pensava nela e gostou.

Genu contou também que voltando de sua primeira viagem à Europa, alguns meses atrás, quando fora a um congresso da multinacional que o contratava, encontrou-se com Dudu em Paris. Ele o procurara no hotel, com saudades do Brasil e os dois almoçaram juntos duas vezes, refeições encharcadas de vinho e de lembranças de Dorzinha. Longe dela e de seu mundo, os dois não tiveram pudores de confessar a paixão mal resolvida e comum. Deixaram a rivalidade de lado, como doentes que sofrem do mesmo mal e se agregam em busca de consolo e alívio para seus sintomas, jamais a cura. Genu só não contou que, de vez em quando, ainda a tinha. “Para quê? Ia atrapalhar nossa amizade e quase ninguém sabe disso”, me explicou, com um ar superior.

Ainda em 1977, ganhei uma bolsa para os Estados Unidos e só voltei ao Brasil dois anos depois, no início de 1980, quase junto com os exilados. O Rio vivia uma época de esperança e conflito. Ainda havia a ditadura, alguma censura a músicas, peças de teatro, televisão e imprensa, mas as pessoas desafiavam estas ordens e pareciam não ter mais medo da repressão. Havia também uma liberalidade nos costumes, fruto de uma evolução natural, mas também das idéias que os exilados haviam aprendido no exterior. Feminismo, ecologia, pluralidade, associações de classe e novos partidos políticos, tudo isso era batalhado, como se estivesse na hora de realizar um plano de longa elaboração. Principalmente no quesito liberdade sexual, as pessoas aproveitavam como se soubessem que tudo ia mudar dali a pouco. Como disse o Beatle George Harrison, quem foi jovem entre a criação da pílula anticoncepcional e o aparecimento da Aids podia tudo. A farra estava para acabar e a vida parecia estar num baile de terça-feira gorda de antigamente. “É hoje só, amanhã não tem mais”, parecia ser a idéia geral.

Ao menos naquele ano de 1980, todo mundo aproveitou o que pode e um pouco mais. Surgiam novas cantoras, os programas e novelas de televisão ficavam mais ousados e as questões políticas, afetivas e sexuais eram sempre discutidas abertamente, como se tudo pertencesse à mesma esfera pública. Falava-se em casamento aberto, amizade colorida e sexo sem compromisso, produção independente de filhos, famílias formadas por irmãos que tinham só o pai ou a mãe em comum... Todo mundo queria experimentar tudo, as drogas, o vislumbre de abertura política e a enorme liberdade sexual. Tudo isso freqüentava as conversas, os jornais impressos e os da televisão, os debates nas emissoras de rádio e até a ficção televisiva, em forma de novelas e/ou seriados como *Malu Mulher* (em que Regina Duarte era socióloga, balzaquiana e recém-separada), *Amizade Colorida* (Antônio Fagundes como fotógrafo, machão e perplexo

com os novos padrões morais e sexuais) ou *Ciranda, Cirandinha* (Lucélia Santos, Jorge Fernando e Fábio Júnior eram jovens que deixavam a casa dos pais, antes do casamento, para experimentar a vida e as liberdades). As trilhas sonoras desses programas viravam discos que vendiam aos montes e o nome de Genu sempre aparecia na ficha técnica, seja como consultor, produtor ou como mero agradecimento.

Recém chegada ao Rio, tentei encontrar Dorzinha, mas soube que ela contraíra tuberculose e voltara para a casa dos pais, em Inhapim. Liguei para dindinha Lucília e ela me contou que a doença regredira, mas exigia tratamento prolongado e tão cedo minha amiga não sairia de Inhapim. “Até porque tem a filha para criar e já aproveitou muito a boa vida no Rio, está na hora de criar juízo”, reclamou. “Tem uma boa freguesia de costura aqui e, se tiver juízo, esquece esse Rio de Janeiro.”

Genu era diretor artístico da gravadora multinacional e praticamente inacessível, até porque nunca tínhamos aprofundado a amizade. Soube que se casara com uma atriz famosa, Rita Silveira, que fazia as mocinhas das novelas, e os dois tinham um filho pequeno, mas dizia-se que ele continuava infiel e cobiçado. A atriz era protagonista de novelas praticamente desde a adolescência, na primeira metade dos anos 60, quando todas eram de época e continuava vivendo a mocinha ingênua em tramas atuais. Se bem que, em 1980, sua personagem já começava a história com uma filhinha de cinco anos. Mas ela ainda era a heroína e uma vez fui entrevistá-la para fazer um contraste entre a mãe da ficção e a da realidade. Era mais bonita e aparentava mais idade ao vivo que na telinha. Perguntei por Genu e ela me respondeu evasivamente, certamente pensando que eu era mais uma que andava atrás dele. No jornal me contaram que era muito ciumenta, às vezes aprontava confusão por causa disso, mas eles acabavam sempre se entendendo.

Rita jurava ter 25 anos, embora tivesse feito personagens adolescentes desde o início dos anos 60, quando as novelas nem eram diárias. Eles haviam se conhecido numa festa que a TV Globo havia dado para comemorar a venda 250 mil cópias do disco com a trilha sonora da novela que ela estrelava e que tinha duas faixas com cantores da gravadora de Genu. Sua simpatia meio esnobe agradou a Genu e, quando ela soube que ele era um poderoso executivo de gravadora, cedeu a seus encantos publicamente. Em poucos meses estavam morando juntos e Genu, logo depois que ela engravidou, separou-se oficialmente da ex-mulher baiana para casar-se com Rita. Eles eram considerados um casal exemplo do showbizz, com um filho lindo, cada um tendo sucesso em sua carreira. Dizia-se que ele tinha casos fora do casamento, mas nunca apareceu em público com ninguém e, quando saía com Rita (o que acontecia pouco, pois os dois estavam sempre trabalhando muito, um para cada lado), portava-se como um marido

apaixonado. Se ele ia a bares, festas ou estréias sem ela, o que era muito freqüente, sempre chegava e saía sozinho.

Dudu tinha voltado na anistia e ia trabalhar numa emissora recém fundada, produzindo e dirigindo documentários que aprendera a fazer na BBC. Também ele falava em ecologia, em preservar a natureza, em direitos femininos e tinha até um financiamento para um filme sobre as mulheres ribeirinhas da Amazônia e do Rio São Francisco. Mas estava interessado mesmo era em videoclipes, um mercado que emergia no mundo e praticamente inexistia no Brasil. Trouxera consigo uma inglesa, Fiona. A pronúncia certa era *Faiouna*, mas não houve meio de os brasileiros aprenderem e ela virou Fiona mesmo, ou pior ainda, Filhona, para o porteiro do prédio e as empregadas domésticas deles, para os amigos de Dudu e, às vezes, entre eles mesmo. Inclusive porque ela era grandona, quase tão alta quanto Dudu, mas um pouco mais cheia de corpo, com cara meio infantil, parecia uma menina grande demais para sua idade. Eles tinham um filho de dois anos, lindo, anjinho louro como ela, de olhos pretos como ele. Aparentemente, Dudu não se comoveu com a tuberculose de Dorzinha e com a falta de notícias dela, mas surpreendeu todo mundo em meados do ano, quando disse que precisava ir a Governador Valadares, onde, diziam, havia a melhor rampa para vôo livre, esporte que praticara na Europa.

Deixou a inglesa aqui e voltou sabendo pouco do vôo livre e muito de Dorzinha. Ela já estava boa, mas sem dinheiro não tinha como voltar ao Rio. Estava gorda e meio sem viço, mais triste que feia, mas a filha era linda. Nina era uma miniatura dela, melhorada. Contou que oferecera sua casa para abrigá-la enquanto não se estabelecesse de novo no Rio. “Ela se animou, retomou aquele brilho de olhar que a gente conhece, mas desistiu quando soube que eu estava casado, com filho pequeno. Mesmo assim, deu um jeito de aparecer em Governador Valadares e nós passamos a noite juntos. É incrível. Aquela roceira gorda, envelhecida e apagada, desleixada do dia anterior reapareceu chique, charmosa, muito mais que a nossa Dorzinha. Agora eu não sei o que fazer com aquela inglesa que eu tenho lá em casa.”

Se Fiona se importava com aquele passado do marido, não dava nenhuma dica e olímpicamente aceitava que ele passasse algumas horas no telefone, semanalmente, falando com Inhapim. Colocava seus discos de rock progressivo ou punk no último volume e assim fingia que não sabia com quem ou o que Dudu falava durante tanto tempo. Ela era de Cambridge e seus pais eram ex-alunos e eram professores da escola secundária para os filhos dos funcionários da universidade que, segundo ela dizia, formava os governantes do mundo. Conhecera Dudu em 1977, poucos meses depois que ele se mudara para Londres e a solidão e a saudade do Brasil o incomodavam mais que o mau tempo da Inglaterra (ou eram agravadas por este detalhe). Ela se apaixonou de imediato por aquele rapaz alegre e carente e ele adorou

ter alguém que o amasse sem reservas, além de ter sido adotado por sua família. Menos de um mês depois de se conhecerem ele mudou-se para seu apartamento.

Os dois viveram felizes durante dois anos, ele sonhando com a volta ao Brasil com tanta ansiedade que ela também passou a desejar morar nesse País ensolarado, meio paraíso terrestre para os ingleses. Poucos meses depois de estarem morando juntos, eles se casaram porque ela estava grávida e muito feliz. Já tinha 32 anos (era mais velha que ele) e muito medo de nunca ser mãe. Dudu havia conquistado até a família dela que, de início, torcera o nariz para aquele casamento misto porque a escolha certa seria um inglês, professor de Cambridge, como vinha acontecendo com as mulheres da família há muitas gerações. Os pais de Dudu foram ao casamento e trouxeram fotos da cerimônia extremamente tradicional. Ele e os outros homens de fraque, a noiva chegando numa carruagem com os pais (o vestido era meio pérola, contou-me a mãe de Dudu, porque ela não era mais virgem e, por isso, não usaria branco puro), os convidados de meio fraque e todas as mulheres de chapéu. O pai de Dudu aprovou tudo, feliz porque o filho finalmente tornara-se cidadão do primeiro mundo. A mãe gostou menos, tinha medo que aquele casamento afastasse seu menino definitivamente do Brasil. Tudo ficou perfeito quando nasceu o bebê e não era tão moreno quanto os pais de Fiona temiam (isso Dudu me contou por carta). Era tão louro e claro quanto Fiona – afora os olhos negros – e Dudu revelou-se um marido e um pai muito mais carinhoso que um inglês seria e também um profissional de sucesso. A família adotou-o sem reservas.

Enquanto viveram lá, parecia que Dudu tinha esquecido Dorzinha, nem perguntava muito por ela nas cartas que me mandava, com mais frequência, mais ou menos uma por mês. Nem nos telefonemas, quatro ou cinco por ano, em que perguntava de tudo e de todos. Mas bastou descer no Galeão, deixar sua mulher, seu filho e suas coisas em casa para me chamar para um chope e perguntar sobre sua paixão de infância. Conteí o que sabia e ele resolveu conhecer a rampa de vôo livre em Governador Valadares, sem lembrar que subira e descera o Ibituruna praticamente todo ano, pois este era o passeio que os primos faziam nas férias de julho, quando o sol não era inclemente como nas férias de janeiro.

Para Fiona, os primeiros meses de Brasil foram o céu, mas logo depois tudo virou um inferno. Eles chegaram logo depois da Semana Santa de 1979, poucos meses antes da Anistia ser decretada, e o inverno carioca lhe pareceu a temperatura mais agradável do mundo, com dias quentes (para uma inglesa) e noites frescas (que os cariocas achavam frias), gente simpática e uma mordomia doméstica que ela custou a acreditar que existisse. Quando poderia imaginar que aqui teria empregada até para arrumar-lhe a cama, por e tirar a mesa de café e, por uns trocados, ficar com o filho dela, cuidando com o maior carinho? Contratava este extra com

freqüência, praticamente dia sim, dia não. Para sair à noite, tomar cerveja nos bares do Baixo Leblon e conversar até quase de manhã (as vezes voltar já com o dia claro). O assunto era sempre política, banalidades, piadas cruéis ou non sense sobre tudo e todos, mas sempre com um entusiasmo e empenho que parecia que o destino do mundo se resolvia nos bares cariocas, onde todo mundo conversava com todo mundo, mesmo sem ser apresentado, o oposto do que acontecia nos pubs ingleses, onde as pessoas tomavam cerveja lado a lado, diariamente, durante anos, sem se falarem.

Sua família morava em Cambridge, uma das universidades mais tradicionais da Europa, mas seu pai fora do partido comunista até os anos 50, era autor de alguns livros sobre a classe operária inglesa e continuava ligado aos sindicatos, embora discordasse quase integralmente do Partido Trabalhista, a quem culpava pelo recente êxito dos Conservadores e de Margareth Thatcher. Ficara famoso, no fim dos anos 40, quando deixara seu posto de professor na aristocrática escola Etton, muito bem pago num país arrasado pela guerra, para dar aula em cursos noturnos para adultos e para os filhos deles durante o dia. Na época, alegara que aquelas crianças e adultos pobres precisavam muito mais de um professor que os burgueses de Etton. Nos fins de semana, com a mulher, professora alfabetizadora, visitava os bairros operários de cidades como Liverpool ou os povoados dos mineiros. Desde bebê, Fiona era levada àquelas excursões, das quais participava também outro professor, amigo de seu pai, o hoje lendário historiador Edward P. Thompson. Os dois passavam horas a conversar com os futuros personagens de seus livros de história política e social. Os filhos desses operários eram os amigos de Fiona naquela época.

Ao chegar ao Brasil, soube que Dudu era quase um herói da luta armada por ter sido preso e expulso do País no início da década, embora ele insistisse sempre que não tivera qualquer participação naquilo e se recusasse, como na época de sua prisão, comentar o que passara no quartel em Juiz de Fora. Mesmo assim, ia aos shows, passeatas e reuniões pela Anistia e era recebido com honrarias, pois a lenda dizia que, embora preso e torturado durante alguns dias, nunca entregara os companheiros. Nessas reuniões, Fiona entusiasmou-se ao conhecer pessoas que falavam em fundar, no Brasil, um partido de trabalhadores e chegou a viajar a São Paulo para conhecer os sindicalistas que estavam à frente da movimentação para isso.

Sentiu-se mais à vontade em São Paulo e adorou quando foi a São Bernardo do Campo, numa festa na casa do tal de Lula, de quem já tinha ouvido falar na Inglaterra devido às greves que ele comandara poucos anos antes. Lá voltou à infância (“lembra Liverpool e outras cidades operárias, antes do rock, é claro”, comentava), quando ia visitar os operários ingleses sobre

quem seu pai escrevera. Seu sotaque carregado e a intimidade que parecia ter com aqueles operários a tornaram popular e, numa dessas viagens, voltou encantada com “o tal do Lula”, como dizia. “Ainda vai governar este país”, profetizou ao voltar ao Rio. De vez em quando voltava lá. Explicava que o Rio tinha excesso de beleza, sol e alegria, precisava, de vez em quando respirar aquele ambiente operário, quase sufocante a que fora acostumada na Inglaterra. “É para compensar a falta que meu país me faz.” Dudu brincava que São Bernardo era o remédio para suas crises de banzo, quando ela começava a sentir-se estrangeira demais no Rio.

Mas Fiona adorava a vida carioca. Como aprendera razoavelmente português, fazia sucesso entre os amigos de Dudu devido a seu humor essencialmente britânico e também ao sotaque, que frequentemente degenerava em trocadilhos. Primeiro com Dudu, depois, algumas vezes só e, finalmente, com freqüência sem ele, ela tornou-se assídua dos bares do baixo Leblon, dividindo-se pelo triângulo Real Astória, Diagonal e Pizzaria Guanabara. O primeiro era seu preferido devido ao piano bar. Ia ao segundo após shows ou cinema e invariavelmente ficava na turma de Alceu Valença, que havia estourado com a música *Coração Bobo*. Ela o conhecera numa viagem a Paris com Dudu porque os dois tinham planos de programas de televisão ou fazer um documentário de um show, como o dos Rolling Stones, *Gimme Shelter*. Ficara amiga de Anelisa Alvin, mulher e empresária de Alceu, que foi sua cicerone nos primeiros dias de Rio de Janeiro e a convidava para programas cariocas, como bailes ao ar livre na Cinelândia, roda de samba em Oswaldo Cruz, na casa de Surica, pastora da Velha Guarda da Portela e exímia cozinheira, ou shows de uma garotada universitária que cantava em coro (como o Boca Livre, o Céu da Boca ou Cobra Coral, de ex-alunos da Cultura Inglesa) ou tentava carreira solo. Fiona raramente ia à Pizzaria Guanabara e só aparecia lá altas horas, quase de manhã. Domingo, se chovia, almoçava cedo no Degrau, com Dudu e David, o filho pequeno. Se o tempo estava bom preferia o Caneco 70, mas só depois da praia, que freqüentava em frente o hotel Sol Ipanema, onde David brincava com a prole de Baby Consuelo e Pepeu Gomes.

Na primeira vez que parou por ali, quase provocou um incidente. Ainda não era meio dia e o sol de outono acariciava os corpos em biquines que ela considerou escandalosos, de tão pequenos. “Só tampa – e muito mal – o bico do peito. É mais decente estar pelada, sem nada”, comentaria mais tarde. A praia ainda não estava lotada e ela sentou-se, como toda a tralha do filho (baldinho, guarda-sol, banheirinha inflável, chapeuzinho, fraldas etc etc), armou sua cadeira de praia e preparou-se para o sol que vinha, tirando o sutiã do biquine, como sempre fizera nas praias européias que frequentara (pouco) até então. Foi um reboliço no pedaço que se considerava a vanguarda do pensamento brasileiro. Não sei direito o que ocorreu, só me lembro de, ainda na calçada, em frente do Sol Ipanema, ter visto um ajuntamento do qual saiu

um menino, de seus 12 anos, correndo atrás da mãe. Ele comentava: “Uma dona grandona, branquelona, com uns peitões enormes de fora está lá na praia. Tá fazendo top less. Nunca vi tanto peito na minha vida. Vou lá de novo pra ver de perto”, disse antes de dar meia volta em direção ao ajuntamento.

Só quando cheguei mais perto vi que a dona com peitões de fora era Fiona, que candidamente brincava com o filho, sem perceber a comoção que causava. Seu corpo bonito, diferente das brasileiras que eram mais mignons, fez sucesso entre os homens também que não estavam acostumados a ver seios tão grandes e tão expostos, com tanta inocência e tranqüilidade. Foi o que me explicou um amigo que comentava a cena com um vendedor de mate e limão. “Se praia de gringo é assim, vou lá pra gringolândia”, ouvi comentar o vendedor de limão, que parara para descansar dos 40 quilos que carregava nos dois barris ainda cheios por ser muito cedo. Queria também um posto para apreciar melhor o espetáculo inusitado. A cena só parou quando cheguei junto a Fiona (com quem marcara uma praia) e fiz-lhe ver que ela era o assunto da praia. “Why??!!”, surpreendeu-se e foi difícil para ela entender que aqui não se fazia topless tão normalmente. “Mas estes sutiãs não escondem nada. Não é mais decente ficar sem?”, perguntou tentando achar alguma lógica. Logo ele entenderia que a moral e a lógica brasileiras eram bem diferentes daquela ilha de onde viera. Inconformada, ela colocou o sutiã (que parecia uma mini blusa, de tão grande) para o desapontamento de todos os homens em volta. Dos meninos imberbes aos velhotes, dos que vinham da favela ou dos ônibus suburbanos aos que moravam ali mesmo, na Vieira Souto.

Depois disso, ela não tirou mais a parte de cima do biquine na praia. O incidente virou folclore e Fiona tornou-se amiga e professora de inglês (nesta ordem) de vários músicos que a convidavam para shows, adorou de cara a música brasileira e, embora fosse meio durona, fazia sucesso com seu samba no pé. De início, Dudu parecia ansioso por lhe mostrar o lado bom do Brasil e do Rio, os dois iam dançar na Gafieira Estudantina, no Centro, ou no Forró Forrado, no Catete, mas foi ela quem descobriu o choro do Suvaco de Cobra, no longínquo subúrbio da Penha (para os cariocas da Zona Sul), ou quase ali do lado (para uma inglesa acostumada a atravessar Londres todos os dias para trabalhar). Nos fins de semana, os dois faziam caminhadas pela Floresta da Tijuca e, de vez em quando passavam o fim de semana em Arraial do Cabo, distrito de Cabo Frio, onde o tempo parecia ter parado no século XVI, quando Américo Vespúcio andara por aquelas paragens.

Mas durou pouco aquela vida no paraíso, que aos poucos foi virando um inferno quando o verão chegou antes do tempo (para ela), ali por meados de outubro. “Dois meses antes, como é possível?”, reclamava da falta de pontualidade até do clima brasileiro. Os dias frescos viraram

manhãs e tardes calorentas, com o agravante que Fiona tinha a pele branca demais para o sol do Rio, era mais gorda que as magérrimas cariocas e não conseguia vestir-se tão pouco como elas. Bem que tentou usar vestidinhos sem sutiã, mas seus seios eram enormes se comparados com os minúsculos das brasileiras e, como há estava próxima dos 35 anos, começavam a cair. E, também por falta de hábito, sentia-se nua quando saía na rua sem sutiã (embora o abominasse na praia, quando tomava sol), sem casaco (que ninguém no Rio usava) e de sapato sem meia (que as cariocas só vestiam nos dias muito frios de inverno, ou seja, poucas vezes no ano). Sair de casa com o cabelo molhado, como era hábito aqui, era outro sacrifício, pois sentia-se desleixada, assim como minissaia sem meia ou shortinhos do tamanho dos biquínis que usava na Europa, sandália sem salto, mesmo em situações formais. Não se acostumava a nada disso. E geralmente errava no tom. Estava sempre, ou elegante demais ou muito desarrumada, simples demais para a ocasião. Errava também na quantidade de sol que tomava. Ou nenhum e então ficava tão branca que se destacava em qualquer lugar que chegasse, ou se excedia (mais de meia hora na praia) e ficava vermelha, causando o mesmo efeito na multidão de mulheres e homens morenos.

Também não conseguia se acostumar com o hábito carioca de pessoas que mal se conhecem se tratarem como íntimos, com a farta distribuição de abraços e a mania de todos se beijarem na boca, mesmo sem a menor intimidade ou tesão. Da primeira vez que acontecera, ela deu uma bronca no rapaz que ficou sem graça e depois saiu falando que ela era tarada, pois entendera mal um simples cumprimento informal. Mas o pior para Fiona era o descompromisso. Para quem vinha de uma cidade onde um almoço ou um jantar era marcado com semanas de antecedência, faltar a um encontro previamente agendado ou desmarcar em cima da hora era uma grosseria impensável. Não para os cariocas, que achavam perfeitamente normal não aparecer no local combinado, mas também não se importavam em levar um bolo. Para quem, na Inglaterra, ia a festas com hora certa de começar a acabar, indicadas no convite (quase sempre escrito), também era incompreensível a mania carioca de nunca chegar com menos de duas horas de atraso a qualquer compromisso social.

Da primeira vez que fora convidada, chegou a um meio termo depois de uma discussão com Dudu e apareceu às 2 da tarde para um almoço marcado para 1 hora. A dona da casa chegou da feira pouco depois para começar a preparar a comida. Quando ela e Dudu receberam convidados, Fiona marcou 16 horas no convite que enviou por escrito (e todo mundo achou formalíssimo, excentricidade de uma inglesa). Calculou que ninguém se atrasaria para um almoço tão tarde. Mas deu um lindo sol e as pessoas começaram a chegar depois das 19, já de noite, quando Fiona, desanimada e sentindo-se rejeitada, acabara de guardar a comida na

geladeira. E dois convidados apareceram com outras três pessoas, sem avisar. Ainda bem que outros três que haviam confirmado não apareceram e a comida foi suficiente para todos.

Outra questão era onde encontrar as pessoas. Em Cambridge, ela visitava os amigos em casa e foi terrível passar a vê-los só em bares e boates (que ela adorava frequentar), ou na praia (que ela começou a evitar para não queimar a pele). Duas vezes tentou visitar amigas, mas elas a receberam constrangidas, como se fosse um acontecimento fora do comum uma pessoa íntima visitar outra. Quando fora à casa de um amigo, ele entendera que ela estava atrás de sexo. Foi também constrangedor.

Mas Fiona era apaixonada por Dudu e queria viver com ele aqui, em Londres, onde ele decidisse. Se ele tinha uma paixão antiga, isso não tinha a menor importância porque, em sua cabeça européia, paixão é uma coisa e casamento é outra e ambos não andam juntos. Achava mesmo que seus problemas conjugais vinham de sua paixão por ele, sentimento tão impróprio numa relação duradoura como um casamento deve ser. A não ser por aqueles longos telefonemas e a viagem que Dudu fizera, ele era bom marido. Só não tinha mais aquele entusiasmo na cama e a atenção que lhe dispensava quando moravam na Inglaterra e ela era sua tábua de salvação. Mas Fiona atribuía esse esfriamento muito mais à convivência, ao veneno do cotidiano, como seus pais diziam, que a uma possível crise no seu casamento. Estóica, pensava que a lua de mel acabara e eles se tornavam um casal comum, sem muitos arroubos, mas ainda com planos juntos e cumplicidade, no que tinha razão, pois Dudu, embora não escondesse de mim a paixão por Dorzinha, sempre incluía Fiona em seu futuro. Creio que nunca pensou que ter as duas seria impossível e que, certamente, uma delas sairia magoada daquela história, se não as duas.

Lá pelo carnaval de 1980, Fiona sentia falta da chuva e do frio inglês, já estava farta de tantos dias ensolarados, às vezes ficava dias em casa, sem querer sair, mas Dudu lhe dizia que era banzo, uma doença que os escravos tinham, causada pela saudade de sua terra. Chegou a sugerir que ela fosse para lá por uns tempos, mas ela recusou a oferta. Fiquei escandalizada quando ele me contou a proposta, mas Dudu jurou que nem tinha pensado em Dorzinha ao fazê-la, só no bem estar da mulher e do filho que, se ficassem um ou dois meses longe lhe dariam mais liberdade de movimentos. Ele reconheceu que isso era verdade, mas continuou jurando (cinicamente, na minha opinião), que nem tinha pensado nessa possibilidade.

Sem se sentir feliz como quando morava na Inglaterra, Fiona não pensava, até aquele momento, em mudar sua vida. E deixar Dudu (ou ser deixava por ele) era uma idéia que não existia para ela. “O jeito é esperar o inverno chegar de novo e aí tudo volta ao normal”, filosofou

comigo certa vez, lá para o início de abril de 1980, quando a temperatura ainda chegava a 40° e ela ansiava que pelo menos o clima brasileiro não conspirasse contra sua felicidade.

Em novembro de 1980, quando fui de carro a Governador Valadares para o aniversário de dindinha Lucília, parei em Inhapim para ver Dorzinha e ela pediu carona. Ia ajudar na festa. Contou-me que o argentino tinha ficado com ela durante mais dois anos. Era uma verdadeira mentira. “Nem argentino era, muito menos perseguido político, mas gaúcho da fronteira, por isso tinha um espanhol muito bom. Pelo menos aprendi a falar essa língua com ele. Alguma coisa sempre de ganha.” Acabou com todas as suas economias e a levou-a a contrair dívidas, coisa que nunca tivera na vida. “Fazer o quê? ele era viciado em jogo e gastava tudo, mas eu o adorava. Ou melhor, para mim ele era o homem perfeito, não fosse o problema do jogo, e era ponto de honra fazê-lo vencer esse vício. Não queria deixá-lo antes de vê-lo curado e comemorava como uma vitória cada dia que conseguia afastado de uma mesa de carteados, da loteria ou do jogo do bicho. Foi ele quem me deixou quando eu não tinha mais onde conseguir dinheiro e estava sem meus clientes de banquetes e de roupas. Na loucura de tirá-lo do jogo, perdi prazos, deixei gente na mão e os trabalhos escassearam. Quando ele me trocou por uma ricaça gaúcha achei que só uma doença grave me restituiria a dignidade. Então, peguei tuberculose e estou aqui há quase um ano. Seis meses para sarar e outros seis para conseguir dinheiro para volta ao Rio.”

Quando perguntei por que recusou a oferta de Dudu, ela riu sem amargura. “Ele e o Genu me querem como mulher da rua. Têm uma certa razão, são homens importantes e não fica bem aparecer com uma roceira desajeitada e feia como eu. Mas se não for para me ter como a oficial não aceito, não sou mulher de ficar na regra três, como diria Vinícius.” Ela me contou também que Genu, ao contrário do que pensávamos eu e Dudu, tinha aparecido, mandado dinheiro para os remédios, a educação da menina e tinha pensado em montar-lhe uma casa em Governador Valadares para que Nina pudesse estudar em bons colégios. “Mas na hora de casar, escolheu a estrela da novela. Até entendo, mas recusei a casa e há dois meses parei de aceitar o dinheiro dele. Estou costurando para o povo aqui em Governador e dá para viver e guardar um dinheirinho. Pode deixar que eu volto para o Rio logo, no máximo em seis meses.”

Não foi em tão pouco tempo. Só no início de 1985, ela reapareceu. Ia começar o Rock in Rio e Dorzinha estava casada com Grey, o empresário de uma das bandas heavy metal que se apresentariam no festival. Ao contrário de outras como Iron Maiden, White Snake ou Scorpions, cuja música ninguém, além dos metaleiros, tinha ouvido até então e cujo nome, só

alguns poucos pais dessa tribo conheciam, a Black Glory era quase popular no Brasil porque uma faixa de seu elepê de 1984 havia entrado a trilha sonora de uma novela da Rede Manchete, como tema de um personagem rebelde e carente. E a novela fora um sucesso, com a música tocando muito nas FMs e festas, onde pares dançavam de rosto colado, e não balançando a cabeça, como metaleiros. Estes não ouviam mais a Black Glory. Torciam o nariz para aquele metal farofa que agradava até a avó deles, como diziam. Mas a matriz gravadora de Genu, responsável pela música estar na novela, estava muito satisfeita com aquela popularidade dos rapazes, todos cabeludíssimos, com longas madeixas cuidadosamente despenteadas e vestindo jeans apertadíssimos e rasgados, coisa que ninguém ainda pensava em usar no Brasil. O grupo foi um dos primeiros a confirmar a participação no Rock in Rio e sua popularidade cresceu mais ainda, assim como o cartaz de Genu com a multinacional que, parecia, acabara de descobrir o Brasil.

Dorzinha vinha dos Estados Unidos com um inglês bem razoável e contou que conhecera o marido em Governador Valadares, numa ocasião em que fora ajudar numa festa de casamento de uma neta de dindinha Lucília. Grey apareceu lá para voar de asa delta e pediu informação sobre um guia para subir o Ibituruna. “Eu precisava de dinheiro e me ofereci. Antes de chegar lá em cima já estávamos apaixonados e eu o levei na festa para ele pensar que eu tinha uma família importante aqui no Brasil”, contou-me ela, sem remorso da “mentirinha branca”, como definiu. Se ele acreditou ou não, nunca perguntei a Dorinha ou ao rapaz. Mas uma cena da festa entrou no folclore do casal, como ela gostava de contar, sempre rindo. Era fim de outubro e o inverno, naquele ano de 1982 havia sido particularmente seco, como costuma ocorrer na região de Governador Valadares. Na noite da véspera do casamento, a família se reuniu na casa de dindinha Lucília, espalhada pela sala (os mais velhos) e pelo pátio sob a mangueira (os jovens), contando casos e matando as saudades de uma longa ausência. O dia estivera quente e abafado, mas a falta de vento era normal naquela época. Por volta das 10 da noite, quando a cerveja e o uísque já soltara as falas e as gargalhadas, veio uma trovoadas ensurdecadora, seguida da tempestade, verdadeiro dilúvio, com raios e trovões. Como qualquer gringo faria, Grey tratou de encaminhar-se para a sala, aos primeiros pingos, mas o que viu o surpreendeu para toda a vida. “Tudo ao contrário, naquela cidade”, comentaria sempre com os amigos. “Em vez as pessoas que estavam no pátio se abrigarem dentro de casa, os que estavam lá dentro saíram e começaram a dançar e a pular na chuva. Um verdadeiro ritual. Mulheres, crianças, adultos e velhos, todos pulando debaixo da tempestade, com raios, trovões e tanta água como nunca vi cair do céu.”

Criado entre Manhattan e Boston e envolvido com o showbizz desde a adolescência, ele sabia que o leite e o queijo vêm da vaca, as frutas dão em árvores e chás são folhas de plantas rasteiras, mas nunca prestara atenção em nenhum pomar ou jardim dos poucos que vira. E fazenda era coisa de filmes de caubói, que detestava. Chuva era excelente ambientação para videoclipes e péssimo tempo para shows de rock, seu maior e quase único interesse. Não lembrava que a chuva é o elemento fundamental para a agropecuária, principal atividade de uma região onde a única fonte de água era o Rio Doce (que ele achou lindo, com suas corredeiras, ótimo para descer de caiaque). Por isso, demorou a entender (mesmo depois de Dorzinha traduzir com seu parco inglês) porque circunspectos senhores e suas mulheres recatadas acompanharam os convidados já animados pela bebida e pela música e saíram dançando e gritando. “Esta chuva é ouro!! Esta chuva é ouro!!” Era mais um hábito estranho desse povo com quem ele já tivera contato em Boston. Gente que trabalhava demais, juntava dinheiro e voltava para comprar uma terrinha naquela cidade e pular de alegria quando chovia. Gostava de contratá-los para o trabalho pesado da montagem de shows e tinha vindo a Governador Valadares por indicação deles, que diziam haver lá um morro muito alto, com ótimos ventos e uma paisagem de tirar o fôlego. Constatou que o Ibituruna era tudo isso e Dorzinha foi o brinde surpresa para ele.

“Poucos dias depois, nós dois fomos embora, direto de Governador para Boston onde encontrei um monte conhecidos. Sabia que muita gente de Governador Valadares vai para lá, ganha dinheiro e volta rico?”, me disse assim que chegou. Então ela traíra a música brasileira com o rock? “Nada disso. Esses meninos estudaram música na universidade e eu até já cantei uns sambinhas pra eles. Mas só conhecem mesmo João Gilberto e Tom Jobim, que eles acham um gênio, mas meio chato, música de elevador. Quase tive uma briga com eles quando me disseram isso”, esclareceu.

Dorzinha contou que Grey pagava todas as contas e ainda lhe dava uma mesada, mas ela já sabia que depender de um homem é caminho andado para perdê-lo. Começou a cozinhar para os brasileiros e logo fazia banquetes para os americanos também, adaptando a culinária brasileira ao gosto aristocrata da Nova Inglaterra. O dinheiro dava para mandar para a filha, mesada para os pais e ajudar nos estudos dos irmãos menores que ela queria ver formados em universidade. E ainda sobrava algum para ajudar seus conterrâneos, sempre passando aperto. Quando a imigração implicou com seu visto de turista, Grey pediu-a em casamento e eles viviam felizes, entre Boston e Nova York, onde ficava o escritório de Grey, embora ele e os metaleiros morassem em Massachusetts, com pretensões a aristocratas, como se descendessem dos primeiros imigrantes ingleses que fundaram os Estados Unidos, no século 17. Ele queria

filhos, tinha adorado a menina dela numa vez que tinha vindo ao Brasil, mas ela não pensava em tê-los novamente. “Nina foi um acidente, maravilhoso, mas minha vida é muito incerta, não sei como será no mês que vem e filho é projeto para toda a vida. Vou enrolando o Grey, faço cara de triste a cada menstruação e ele finge que acredita.”

Apesar de Grey ter ouvido grandes elogios a Genu, da parte dos executivos da matriz da gravadora, os dois se detestaram à primeira vista. Primeiro, o americano queria que seu grupo tivesse um estúdio exclusivo, embora a companhia tivesse mais dois artistas internacionais no festival, inclusive um com música estourada na novela das oito na TV Globo e, em Hollywood, candidata ao Oscar de melhor canção. Mesmo assim, Grey queria um estúdio à disposição do grupo durante três dias, embora só fosse ensaiar uma vez, e nenhum brasileiro poderia entrar lá, pois não queria que imitassem o estilo heavy metal ou gravassem o ensaio para vender como disco pirata. Quando Genu lhe informou que nos outros dias estavam previstos ensaios dos grupos nacionais de sua gravadora, Grey ameaçou levar todo mundo embora se esta condição não fosse cumprida, mas Genu lembrou-lhe que a exigência não estava no contrato para o Rock in Rio e que, havia uma multa do mesmo valor do cachê caso o grupo não se apresentasse. Grey bufou, ameaçou, mas acabou cedendo quando Genu lhe garantiu só os técnicos americanos se aproximariam do equipamento e do estúdio durante o ensaio do grupo. E lembrou-se que os técnicos brasileiros adorariam aquele dia de folga.

Até aí, a conversa tinha sido amena, pois Genu contava com o jogo duro dos gringos. Já os conhecia o suficiente para saber que eles chegam cheios de exigências, formalidades e precisam ser amaciados com algumas caipirinhas e um bom show de mulatas. “Aí perdem a pose e soltam a franga, ficam até inconvenientes, tentando se comportar como brasileiros”, ensinou-me quando contou o caso. Por isso, propôs uma ida à Plataforma, churrascaria do Leblon famosa pela qualidade do churrasco servido e pelo show de mulatas que acontecia diariamente no andar de cima. Toda a equipe, músicos e técnicos, foi ao jantar e os gringos se esbaldaram com quantidade de carne para comer (no térreo) e para ser vista (no segundo andar) e também porque encontraram Tom Jobim (como dissera Dorzinha, o único músico brasileiro do qual já tinham ouvido falar, mas do qual tinham lembrança só das fotos dos anos 60 e não aquele senhor quase gordo, que se dizia sócia de Luíza Erundina, ativista de esquerda que pouco depois seria a primeira mulher prefeita de São paulo. O maestro estava sentado com sua turma num canto da churrascaria, perto da porta e os americanos concluíram que, se estavam no lugar freqüentado pelo *Composer of Girl from Ipanema* (título do disco de Tom que eles conheciam), tinham prestígio aqui no Brasil. Genu sugeriu também um tour pelas boates e inferninhos da

Prado Júnior e surpreendeu-se com a resposta. Os cinco rapazes do grupo, o engenheiro de som e os três roads aceitaram alegremente, pediram duas acompanhantes para cada um e foram entusiasmados conhecer tudo que o Rio podia oferecer em termos de prazer dos sentidos (para falar de uma forma menos grosseira). Mas Grey declinou o convite. Contou-lhe que já tinha sua brasileira, que ela era bem quente e que se divertia com ela, enquanto não encontrava uma americana direita para lhe dar filhos.

Genu estava absolutamente puto, quase fora de si, quando me contou a conversa com o gringo na festa que ofereceu ao grupo em sua casa cinematográfica em São Conrado, pois era praxe, quase obrigação, receber em casa grandes estrelas internacionais. Até a excursão do grupo pela noite boêmia carioca, tinha achado o tal do Grey/gringo apenas babaca, mas ficou possesso ao ser apresentado a Dorzinha como a tal brasileira quente. E em sua própria casa. Aí não houve mais acordo. Sem saber dessa entrelinha do enredo, Rita Silveira, a estrela global, mulher dele e mãe de seu segundo filho, reclamava que o gringo não fazia o menor esforço para ser gentil ou simpático. Mas Genu não estava disposto a se entender com o homem que levava Dorzinha para longe do Brasil (ou melhor, para fora de sua jurisdição), fazia pouco dela e ainda pretendia abandoná-la. Eu havia ido à festa convidada por Dorzinha e como jornalista, fazendo a cobertura. Dudu também, com Fiona e o filho (um capeta louro de olhos pretos, lindo) porque ia rodar um clip da banda durante o show no Rock in Rio para ser veiculado no mundo inteiro.

A festa foi uma tragédia hilária, mas só para quem viu de fora ou com a distância do tempo. Era uma feijoada e ninguém tinha avisado a Genu que quatro dos cinco integrantes do grupo eram judeus e não comiam carne de porco. Rita tratava Dorzinha como íntima porque achava que ela era amiga de Genu deste os tempos em que ele era road e sabia que seria bom para seu marido que o gringo voltasse para os Estados Unidos falando bem dele. Naqueles quase dez anos de casamento, eles tinham ficado cada vez mais cúmplices e menos apaixonados, mas isso quase ninguém sabia. Dizia-se que ambos tinham casos. De vez em quando, ela era vista com muita frequência com um diretor ou ator de quem se dizia grande amiga, mas, em público, Rita e Genu se comportavam como namorados. Ela continuava linda, mas pessoalmente estava mais que balzaquiana, embora ainda fizesse personagens bem jovens, no máximo com filhos pequenos, nas novelas. Só não era mais a grande protagonista, mas sempre tinha bons personagens, “com família e cenário próprios”, explicou-me certa vez, numa entrevista. “Isso é que conta em novela. Quando você não tem família nem um cenário seu, é mera escada para os outros atores.” Na festa, ela estava disposta a cumprir seu papel de estrela anfitriã, até porque, além de mim, havia também outros jornalistas e até a imprensa internacional.

Dudu mal falou com Dorzinha mas não despregou os olhos dela. Fiona forçava uma atitude de indiferença, de sobriedade britânica, que não convencia nem a ela mesma. Estranhou o modo frio de Dudu com aquela moça que eu conhecia e que, segundo ela sabia, era da mesma cidade onde ele sempre passava férias na adolescência. Estranhou especialmente porque, depois de cinco anos no Rio, quase se acostumara com o jeito íntimo como os cariocas se tratavam. Até cumprimentava todo mundo com beijinhos e se conformara com a falta de paixão de Dudu, que a tratava mais como um irmão, um grande amigo, embora fosse razoavelmente fiel. Ao menos nunca ficara sabendo de nada dele, se bem que, britanicamente, também não procurara. Mas pelo menos aprendera a se vestir cariocamente e não tinha mais aquela pele vermelha de quem foi esquecida no sol. Pelo contrário, estava mais magra, usava muito preto (como só ia ser moda logo depois, no Brasil, mas já era costume na Inglaterra, desde o início daquela década) e, se chamava atenção, era por um exotismo sofisticado. Que ela parecia não fazer o menor esforço para ter.

Fiona, no entanto, não mudara tanto assim, só modificara sua aparência. De início, não entendeu porque Dudu fora tão frio com a mulher brasileira daquele americano, com quem eu me entendera imediatamente e que, pelo jeito, ele também conhecia há muito tempo. Estranhou mais ainda quando ele parou de prestar atenção no que ela dizia e seguiu Dorzinha com os olhos pidões quando ela foi servir uma caipirinha para o marido, enquanto cruzava o olhar com Dudu. Só então desconfiou que ela era a pessoa com quem ele falava semanalmente quando eles chegaram ao Brasil e que morava numa cidade (Inhapi) cujo nome era impronunciável para ela. Veio me perguntar se era isso mesmo e, como eu não tive jeito de negar, seus olhos encheram-se de lágrimas e medo. Mas logo ela se recompôs, pegou o filho pela mão e foi apresentá-lo a Dorzinha. Disse que sabia que ela era amiga de infância de seu marido e, portanto, queria tornar-se amiga dela também. Confesso que, na hora, não entendi e tenho impressão de que vi um certo desapontamento no rosto de Dorzinha. Mas acho que foi só impressão porque, dali a pouco ela passou a ignorar Dudu, ou melhor, a tratá-lo como se não o conhecesse. E parou de tratar Grey como uma esposa apaixonada prestes a deixar a festa para sumir num quarto com ele. Era como se fossem um casal como qualquer outro e Dudu, um estranho desinteressante.

Ele achou que a culpa era do americano e juntou-se a Genu na hostilidade a Grey, como um exército de rebeldes nativos combatendo os ianques invasores. Eram valorosos soldados brasileiros em guerra contra os Estados Unidos, devido à exploração de nossas riquezas naturais e, principalmente, ao rapto de sua amada (dos dois, bem entendido). Cabia a eles resgatar as riquezas, a amada e a honra nacional, ainda mais nesse momento que o Brasil se libertava do

jugo americano e entrava numa era de democracia, com a eleição de Tancredo Neves que, já era certa, mas só aconteceria dali a poucos dias, minutos antes do show do grupo heavy metal, não no Rock in Rio, mas numa votação no Congresso, em Brasília. Só faltava mesmo resgatar Dorzinha desses ianques imundos. Foi o que Dudu comentou rindo, quando soube da história da exclusividade do estúdio. Genu não lhe contou a da brasileira quente. Grey, que arranhava o português, fazia o possível para ignorar a provocação, mas enlaçava a cintura de Dorzinha toda vez que passava por ela como que para mostrar quem era o dono daquela mulher. Uma das modelos convidadas mudou o tipo de tensão quando, repentinamente entrou na sala para reclamar que o baterista da banda a bolinara. Genu perdeu a paciência e a compostura. “Minha filha, a bolinagem não está incluída no seu cachê? Se não está, eu pago a diferença”, disse baixinho, mas para todo mundo ouvir.

Dorzinha, vendo a confusão armada, afogou-se em caipirinhas e terminou à noite jurando amor eterno a Grey, desde que Dudu e Genu a perdoassem. A inglesa desistiu da indiferença britânica e ficou só desanimada mesmo, enquanto a estrela global fingiu surpresa e indignação com muita classe, de grande dama. Merecia um Oscar. Afinal era boa atriz e sabia dizer bem um texto, mesmo se improvisado. Grey queria ir embora, mas o baterista e a modelo tinham se entendido e sumido da vista de todo mundo. “Perderam-se na floresta” gritou Genu em inglês. “E serão comidos pelos animais selvagens. Não temos leões como na África, mas nossas onças são maiores que leopardos”, exagerou Dudu no mesmo tom e na mesma língua. “Não, eles estão tomando banho pelados lá no banheiro da piscina. Eu ia fazer xixi e vi”, delatou, em português mesmo, o filho de Dudu, com sua melhor carinha de anjo. Fiona ficou vermelha com a indiscrição do filho, mas todo mundo riu e o ambiente ficou mais leve.

No fim, salvaram-se todos e a matéria virou mero texto legenda, sem a história da modelo e do baterista, que só saiu numa revista de fofoca. A moça foi embora com ele e, tempos depois, apareceu num filme estrelado por Robert de Niro, esbarrando nele e dizendo “Sorry!”. Nunca mais voltou – ou pelo menos não tentou ser modelo ou atriz de novo- nem fez nada nos Estados Unidos que chegasse ao Brasil. O show do grupo foi um sucesso, especialmente porque aconteceu no dia 15 de janeiro, em seguida ao do Barão Vermelho, pouco depois da eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, em Brasília. O vocalista do grupo, já sabendo do contexto, havia providenciado uma enorme bandeira do Brasil e, já na entrada, correu pelo palco desfraudando-a e gritando. “Parabéns, Brasil!”, em português mesmo. O clip de Dudu virou um clássico porque ele incluiu essa corrida no show, imagens de estúdio e de locações cariocas. Rola nas emissoras até hoje, como um dos melhores já feitos, verdadeiro clássico.

Grey foi embora dois dias depois do show, porque o grupo tinha apresentações em Buenos Aires e Santiago do Chile. Na entrevista coletiva, quando eles foram criticados por tocarem num país onde o presidente Augusto Pinochet torturava e matava as pessoas, o vocalista respondeu. “Então, temos mesmo que ir lá, para levar essa mensagem de liberdade! Se o presidente é um bandido, o povo não tem que ser castigado por isso.” A frase virou manchete dos jornais brasileiros, mas o grupo não teve problemas para tocar no Chile. Dorzinha ainda ficou uma semana sozinha no Rio (para rever os amigos e matar a saudade do sol, explicou a ele) e deu um jeito de encontrar-se com Genu e com Dudu. “Não na mesma hora e no mesmo lugar, fique claro. Foi com um de cada vez e os dois acham que foram o único. Será que quando a gente tiver 80 anos, pelancudo e cabeça branca ainda vai estar com esse fogo todo?”

O grupo foi embora direto de Santiago para os Estados Unidos, mas Dorzinha e Grey voltaram para Boston via Governador Valadares porque ela queria ver Nina, que então tinha 11 anos e ainda morava com os avós. Rita Silveira, a estrela global de Genu, sofreu o golpe de não ser mais protagonista da novela das oito, mas irmã mais velha dela, vilã, mãe de uma adolescente. Dudu, com Fiona e filho, foi passar uns meses na Bahia, onde havia artistas lotando estádios e vendendo muitos discos sem que o Sul maravilha se desse conta. Ele queria fazer um filme sobre esses músicos, que tinham um samba mais marcado, misturado com reggae, salsa e outros gêneros caribenhos. Fiona achou ótimo sair do Rio e contou-me depois que, enquanto estiveram em Salvador, Dudu parecia de novo ser o marido que ela tivera em na Inglaterra. O filme que eles fizeram foi, na verdade, um grande vídeoclip, de longa metragem, com o cantor Luiz Caldas passeando pela cidade e se encontrando com outros grupos e explicando aquela música. Fez muito sucesso, especialmente porque Caetano Veloso e Gilberto Gil elogiaram tanto os grupos quanto o documentário. Genu gostou do projeto, fez preciosos contatos com gente do showbiz baiano e aproveitou para lançar a trilha sonora do filme que vendeu horrores. Eu fui para Londres, como correspondente de uma revista recém fundada e perdi o contato com todo mundo.

Em meados de 1987, de volta ao Rio, soube que Dorzinha também estava de volta, viúva, mas ninguém sabia ao certo onde ela morava. O telefone era de Santa Teresa. Mas o apartamento, um conjugado amontoado de panelas, panos e roupas prontas, era numa rua transversal da Lapa, descobri depois de investigar aqui e ali. Quando fui visitá-la, ela me contou que ficara viúva de Grey e descobrira, só então, que ele ganhava muito dinheiro, vivia como rico, mas gastava tudo que ganhava e ainda fazia dívidas confiante no trabalho que faria no futuro. “Ele morreu num acidente de vôo livre e eu fiquei meio perdida. Só voltei ao mundo

dois meses depois, quando recebi uma ordem de despejo do apartamento enorme em que morávamos era alugado e não dele, como Grey me garantia”, contou. “Tive que sair em poucos dias e usar quase todo dinheiro guardado para pagar os dois meses de aluguel. Só deu para pagar a passagem de volta e uns paninhos para recomeçar tudo de novo.”

Estranhei o apartamento desarrumado, ela que era tão caprichosa com sua casa e Dorzinha me disse que estava para sair dali em uma ou duas semanas. Conhecera um sambista, Jorge Sete Cordas, que tocava com Rosalina de Inhaúma, partideira já bem entrada nos 50 anos, que finalmente estourara junto com o Fundo de Quintal, Jovelina Pérola Negra e Zeca Pagodinho. Eles se viam todo dia. Ultimamente ia ali só para trabalhar e dormia todas as noites com “meu pagodeiro”, como se referia a ele. Mas estava prestes a propor-lhe o acordo de moradia que sempre dera certo. Só tinha dúvidas quanto a seu status no showbiz. “Estou abandonando a boa música popular brasileira pelo pagode do povão. Será que estou no caminho certo?”, questionou. Só lhe fiz duas perguntas. 1) havia outra opção? 2) ela queria correr o risco de perder seu pagodeiro? Dorzinha não respondeu, mas dali a um mês convidou para uma feijoada na cobertura do seu pagodeiro, com direito a samba até o nascer do sol. O apartamento pequeno e simpático, uma cobertura em Botafogo, a primeira moradia de Dorzinha fora de Copacabana. Comentou comigo que negociara com seu pagodeiro, que queria levá-la para Oswaldo Cruz, onde ele nascera e vivera até então. “É perto da Portela, mas imagina se eu ia precisar andar uma hora de carro para chegar ao Rio de Janeiro”, ironizou quase como uma carioca da zona sul. Mas, como dona da casa, parecia uma cabrocha da escola azul e branco, cantando todos os refrões e sambando com a bandeja de cerveja, batida ou tira-gosto, que oferecia com fartura aos convidados.

Em novembro, quando fui para os 80 anos de dindinha Lucília, soube de outra história. Grey exigira o divórcio quando uma moça americana que conhecera em Los Angeles ficara grávida dele e só então Dorzinha soube que entre os papéis em inglês que ela assinara no casamento estava um contrato pré-nupcial que lhe tirava o direito de pedir pensão, divisão dos bens ou mesmo permanecer na casa dele, se houvesse separação. Foi uma luta conseguir tirar pelo menos 200 dólares da conta conjunta em que ela depositava sua poupança, que calculava em mais de 20 mil dólares. Um primo meu que vivia em Cambridge, cidade universitária na região de Boston, e fazia faxina para professores do MIT e de Harvard a acolheu, arrumou-lhe uma vaga num conjugado com oito moradores na periferia da cidade e um trabalho na cozinha de um restaurante industrial. “Ela contou que, além de cozinhar sacos de 20 quilos de comida, entrava dentro da panela para lavá-la. Chegava em casa exausta, mas não podia dormir enquanto

a moça com quem dividia a cama não se levantasse”, contou dindinha Lucília. “Pois é, o lugar onde ela morava era tão cheio que cada cama era dividida por duas pessoas. A companheira dela trabalhava de garçonne num restaurante e fazendo faxina em supermercado de madrugada. Vê se isso é vida?”

Não era, ao menos para Dorzinha. O baque foi demais, pois pensara seriamente em naturalizar-se e ter o tal filho americano. Nos últimos tempos, como Grey bancava tudo, ela relaxou e trabalhou menos, tornou-se gastadeira, coisa que nunca fora. Sentia que ele estava mais distante, passava mais tempo viajando, mas achou que casamento era aquilo mesmo. Não diziam sempre isso, que casamento acaba com a paixão? Até sentiu uma intuição de ciúme quando ele passou a ficar longas horas no telefone, fechado no escritório, mas sabia que as reuniões de músicos duravam muito tempo mesmo. Por isso, demorou para acreditar que estava sendo abandonada mais uma vez. Casamento então não era a segurança da mulher?

Ela contou tudo isso para dindinha Lucília e Célia, filha dela, quando desesperada com a decadência financeira e a falta de perspectivas americanas, ligou a cobrar de Boston e, pela primeira vez, pediu ajuda em dinheiro. Pelo amor de Deus, mandassem uma passagem e ela ia trabalhar até lavando privadas para pagar. Afinal estava prestes a fazer isso nos Estados Unidos, sem esperança de mudar de vida. Dindinha Lucília mandou o dinheiro da passagem e mais um pouco para ela recomeçar no Rio. Garantiu que, por seis meses, ia cuidar de Nina, então morando em Governador Valadares para terminar o 1º Grau, fazer o 2º e, se possível, uma faculdade. Isso tinha acontecido há um ano e há três meses Dorzinha já podia pagar as despesas da filha.

Dindinha Lucília me contou tudo isso e pediu discrição. Que eu não contasse nem a Dorzinha que sabia da história verdadeira. Só aí juntei outras histórias e entendi que ela havia inventado uma biografia para si. Tinha nascido numa fazenda de seus pais, em Governador Valadares e aprendido a cozinhar no restaurante deles, o melhor da cidade, que aproveitava os produtos da fazenda. Viera porque Gal Costa, que comia lá sempre que seguia em direção à Bahia, ficara amiga da família e a convidara para passar as férias no Rio, assim que ela fizera 18 anos, ali pelos fins dos anos 70. Eu, dois anos mais nova, tinha completado 25 em 1980. Sim, “seu pagodeiro” tinha menos de 30 anos e, por isso, ela estava prestes a completar a mesma idade. Eu tinha ficado quatro anos mais velha que ela, pois estava com 32. Contava ainda que, apaixonada pelo Rio, resolveu ficar.

Como sabia cozinhar, trabalhou em restaurantes famosos (lembrava o nome de alguns que frequentou), fez banquetes para amigos, só por diversão, e passara alguns tempos fora

estudando culinária, primeiro na escola do Senac em Barbacena e depois no exterior, uns tempos em Boston e outros na Europa (onde nunca tinha estado, só sabia de histórias que Enrique e outros músicos lhe contavam). Ah, sim, aprendera a costurar aqui, vendo as roupas dos amigos de Gal e chegara a fazer alguns figurinos dela. Uma vez, quando contava para um rapaz, muito interessado, como aprendera a fazer os hambúrgueres da Itália, chamei-a num canto e, pisando em ovos, disse que tomasse cuidado porque na Itália aprende-se a fazer pasta. Ela agradeceu. “Você tem razão. É melhor ficar calada e prestar atenção que todo mundo acredita nas histórias que contam sobre a gente. Os amigos do meu pagodeiro pensam que eu nasci no meio do samba porque desde as primeiras vezes que saí com eles prestei atenção nas músicas e sai cantando baixinho.”

Genu adorava essas mentiras. Contou que, certa vez, num coquetel, ainda no tempo em que ela estava com o argentino, ouviu-a dizer que o conhecera numa temporada que passara lá convidada para um festival de comida brasileira. “Ela corou quando viu que eu tinha ouvido. Mas eu fiz a maior cara de crédulo e ela continuou a na maior cara de pau. Tinha elaborado tão bem a história que acho que até acreditava. A verdadeira história da Dorzinha é um segredo nosso, como nossa intimidade quando moramos juntos.” Aliás, lembrei eu, ela nunca contava para ninguém que tinha vindo trazida por Genu, como se esse pedaço fosse de outra vida.

Quanto a sua própria história, Genu não mentia sobre a origem humilde, filho de doméstica mãe solteira. À guisa de explicação, contou-me uma história sobre Dezinha Carvalho Abrantes, uma dondoca que andou gravando há uns dez anos e que, dizia-se, quase havia causado a separação de Genu e Rita. Uma vez o acompanhou numa viagem à Bahia, porque achou que iam se casar, e o seguiu quando ele foi ver a mãe, porque queria conhecer sua família, suas origens, como dizia. Ele tinha contado outra história, que sua família era de classe média, pai médico e mãe professora (“acho que eu queria ser igual ao Gilberto Gil”, comentou rindo). Ficou morrendo de vergonha quando se viu descoberto, pois a mãe ainda trabalhava na mesma casa da infância e adolescência de Genu e os recebeu de avental, na cozinha, até patroa chegar e convidá-los para a sala de visitas. Não sem antes ralar carinhosamente com a mãe dele, lembrando que Genu era de casa e, agora, um importante executivo.

“Mãinha já tinha um apartamentinho que eu tinha dado, mas continuava trabalhando como doméstica porque dizia que ficar em casa à toa era muito chato, era o melhor jeito de ficar doente e pensar coisa errada. Dezinha riu quando soube que minha mãe era empregada de uma família de classe média e disse que minha vida verdadeira era muito mais interessante, que agora ela entendia muita coisa que achava esquisita em mim. O meu charme sem refinamento, veja só. E era elogio. Aí parei de inventar um passado. Mas a gente sempre esconde umas partes

e enfeita outras. Até porque tem coisas que ninguém acreditaria. Por exemplo, como é que virei produtor musical se não sei nem batucar no tampo da mesa e desafino até dublando? Até hoje não sei como.”

Sua jogada mais recente era a melhor explicação. Ele foi dos poucos executivos das gravadoras a acreditar que aquele sucesso do samba em 1986, quando apareceram Zeca Pagodinho e Jovelina Pérola Negra, entre outros, não era passageiro, modismo que seria esquecido no ano que vem. Queria ter sua própria gravadora, pois conhecia todo o processo, já fizera todo tipo de trabalho nas multinacionais, de varrer estúdio a contratar e tratar com estrelas nacionais e internacionais. E acreditava sinceramente que o samba, bem trabalhado, ia ser o grande sucesso dos anos 90. Cansado de lidar com os gringos da multinacional, propôs a eles a criação de um selo exclusivo para samba. Pediu demissão e fundou logo sua própria gravadora quando viu que eles não recusariam, mas iam adiar a resposta indefinidamente. Quando era menino pobre, filho de doméstica na Bahia, aprendeu que não se briga com os mais ricos porque eles são poderosos. Nem com os mais fracos porque podemos precisar deles, que não esquecerão a humilhação. Nem se sai de uma casa batendo a porta. Por isso a própria multinacional ia distribuir seus discos. Decidiu também apostar no tal do disc laser, ou CD, tecnologia recente que resultava num disco com um lado só, menor que os antigos compactos, mas que podia ter mais de uma hora de música gravada. “Se eu der um para minha mãe, ela coloca como enfeite na sala”, costumava brincar.

Sua gravadora ia ter só CD, embora fosse samba, um gênero popular, comprado por gente com pouco dinheiro. Ele apostava que a classe média, a elite e os universitários, ou seja, quem compra disco caro, ia aderir ao samba em pouco tempo e que o CD, assim como o equipamento para tocá-lo iam ficar muito baratos em menos de uma década. Os executivos da matriz americana de sua gravadora concordavam quanto ao preço do CD, mas nem queriam ouvir falar em samba, se tinham um enorme catálogo de funk e rap, que começava a ser sucesso de massa nos Estados Unidos e, segundo eles, logo chegariam ao Brasil. Se quisesse gravar samba, ele deveria continuar comelepê que era o povão podia comprar. Mas Genu queria investir só em CD, gravando samba, um gênero popular. E ia também começar a vender discos nos shows, como fazia o pessoal independente. “Pelo menos 10% das pessoas saem do show querendo levar um disco. Então, vamos atendê-las. E os músicos, se ganham uma porcentagem maior, vão querer vender também”, filosofava. Tinha tudo para dar errado, inclusive esse era seu principal desacordo com os gringos da multinacional, que achavam que disco se compra em loja e que os artistas, especialmente os sambistas, iam levar o produto e dar cano na hora de pagar. Mas Genu já tinha aprendido também que toda idéia genial é estapafúrdia até dar certo

e foi em frente. Seu primeiro contratado foi Jorge Sete Cordas, o pagodeiro de Dorzinha, que era compositor de mão cheia, queria ter sua própria carreira e ainda sugeriu o segundo disco, com um pessoal amigo dele de Pilares, que tocava chorinho aos sábados de tarde num bar de lá. Um grupo liderado por Setezinho, seu padrinho musical.

Ah, sim, Genu continuava morando com a estrela global, agora quase ex-estrela, que fazia a vilã, irmã mais velha do mocinho. Cada vez mais insegura, submetia-se a dietas e tratamentos rigorosos em busca de uma juventude que só ela achava perdida. Ao menos na telinha, continuava linda, mas dizia-se que era preciso horas de maquiagem para alcançar aquele resultado e que ela estava sempre de ressaca, quando não bêbada. Em vez de aproveitar a popularidade que as vilãs sempre alcançam, desesperava-se porque elas não são convidadas para eventos, não fazem publicidade, embora o público as adorasse. Genu me contou que nem se lembrava mais a última vez que tinham dormido juntos, pois a enorme casa de São Conrado era suficiente para eles se espalharem, morarem juntos sem conviverem. Nos últimos meses podia contar as vezes que tinham transado, sem muito ânimo, e raramente conversavam. Quando isso acontecia era com carinho, mas sem muito interesse e animação.

Ela achava que ele ia trocá-la por uma garota mais jovem, dessas cantorazinhas que estão aparecendo aos montes recentemente e estava tão apavorada com a idéia que nem percebia que as amigas com que ele aparecia nas revistas de fofoca eram mais velhas ou da idade dela. Para estas, Genu tinha o apartamento no Leblon e a desculpa de que, com a nova gravadora, muitas vezes fazia serão. A estrela global nunca questionou esse arranjo, com medo de perder até o status de mulher de alto executivo. Para ele também o arranjo era bom, pois se era casado, todo mundo sabia, não haveria cobranças, possibilidade de compromisso com outras mulheres. E ele não pretendia ter nenhuma fixa. “Nesse ponto sou honesto”, dizia. “Quando começa a ficar sério, a haver envolvimento dela eu termino tudo, me afasto, há sempre muito trabalho ou uma viagem para fazer.”

Quanto à estrela, seu sentimento era quase de piedade. “Chega a ser patético o esforço dela para parecer ter menos de 25 anos, quando todo mundo sabe que as mulheres com mais de 30 ou mesmo 40 anos estão no ponto certo. Mesmo quando eu era garoto, eu achava isso”, comentou comigo quando fomos ao tal bar de Pilares conhecer o grupo de choro, tão bom que estourou antes do pagodeiro de Dorzinha. Ele queria que eu fosse a responsável pela área de comunicação de sua gravadora e me levou para o choro no subúrbio, por sinal, ótimo.

Dorzinha foi a anfitriã perfeita, íntima dos chorões e das mulheres deles, muito querida por todos. “Tem alguém que conheça e não goste de Dorzinha?”, cochichou-me embevecido, quando o violão de sete cordas do grupo de chorões disse que ela e o pagodeiro Jorjão eram os

filhos que não tinha tido com sua patroa, a falecida Dorotéia. Ele se chamava Manoel Ribeiro dos Santos, mas tinha apelido de Mané Sete Cordas ou Setezinho, pois assim sua mulher o chamara desde a primeira vez que haviam se falado, quando ainda havia a Praça Onze. A história deles fora um caso de amor fulminante que virou até samba de sucesso nos anos 40, *Moça de Saia Rodada*, composto por Geraldo Pereira, grande amigo dele e padrinho do casamento. Devia ser tão velho que, mesmo com a pele retinta, tinha os cabelos completamente brancos, contraste que ficou lindo na capa do disco, feita pelo fotógrafo Locca Faria, que se encarregou também de filmar um lindo videoclipe com o grupo tocando em diversos pontos do bairro de Pilares. Um dos primeiros clipes de música instrumental, que as emissoras de televisão ainda exibem como clássico.

Dudu também foi ao bar, pois Genu queria que ele fizesse um filme sobre esse samba suburbano. Na verdade, não estava muito interessado. Fiona tinha voltado para casa, desistido do Brasil e dele (mais dele, porque o Brasil nunca foi interesse real dela) e, na viagem a Europa para ver o filho, há três meses, conheceu uma atriz de 20 anos no avião e começou a namorá-la. Estava embevecido e queria deixar o cinema e os documentários para produzir-lhe e dirigir uma peça. A moça era linda, simpática, inteligente e culta e foi uma facada no coração de Dorzinha ver Dudu só ter olhos para ela e fazer tantos planos. “Cheira a dinheiro velho, na família há muitas gerações. Assim é fácil”, reclamou baixinho comigo. Genu percebeu, é claro, e quase destratou a menina, que lhe roubava Dorzinha. Afinal, não tinha armado o circo no subúrbio para desviar a atenção dela desse jeito. Achou a menina mimada, boboca. “Uma patricinha, como está na moda dizer.”

Dudu foi para exibir a nova namorada, a ninfetinha, como logo ficou apelidada carinhosa ou pejorativamente. Ele tratou o pagodeiro com uma gentileza de classe superior, mas adorou os chorões. Tratou Dorzinha como velha amiga e os dois sumiram por uma meia hora em que o pagodeiro se exibia no violão de sete cordas e Genu ficou inquieto. No dia seguinte, Dudu me telefonou e contou que tinha ido ao choro para vingar-se de Dorzinha. Seis meses antes, os dois tinham se encontrado e decidido, finalmente, viver o romance sempre interrompido. Mas a Fiona ainda estava no Brasil e não se decidia se ia ou ficava. Depois de um mês na quitinete da Lapa, esperando vaga no coração e na casa de Dudu, Dorzinha avisou que não estava disposta a esperar mais. Tiveram uma enorme briga e ela deu o ultimato: era naquele dia ou nunca mais. Esperou mais dois dias, ele não deu sinal de vida e ela propôs ao pagodeiro morarem juntos oficialmente.

Na semana seguinte, a Fiona embarcou para Londres, completamente arrependida de ter ameaçado deixar Dudu. Depois daquela festa para os roqueiros heavy metal na casa de Genu,

háviamos ficado mais próximas. Ela dizia que, conhecendo a família de Dudu (e eu era sua prima) poderia entendê-lo melhor. Mas não adiantou porque ele ficava cada vez mais distante. Uma vez veio me contar que não sabia mais o que fazer com Fiona em casa, pois ela não tinha defeitos, mas também não o entusiasmava. Nem na cama, perdera totalmente o tesão por ela. “Acho que gosto dela como uma irmã mais velha”, confessou para meu horror.

Durante um tempo vivi entre as confidências de um e outro, equilibrando-me para não cometer uma indiscrição e um ficar sabendo que o outro me tinha como confidente. Dudu não queria desfazer o casamento porque sabia que Fiona iria embora para a Inglaterra com o menino que ele adorava. Mas cada dia tinha menos paciência e tesão por ela. Fiona sentia-se humilhada, mas não desistia de reconquistá-lo, pois não imaginava viver sem ele. Fazia planos, inventava viagens, jantares românticos, arrumava-se melhor (quase aprendeu a se vestir como carioca, com aquela elegância displicente), mas nada adiantava. Ele era gentil, mas frio. Quando ela me contou que tentara uma mãe de santo eu me perguntei onde estava aquela anglicana racional, mas não quis desanimá-la.

Não sei o que aconteceu primeiro, se a volta de Dorzinha ao Rio ou a ameaça o de Fiona de voltar para Londres de qualquer forma, com ou sem Dudu. Ela achava que poderia reviver, dez anos depois, o biênio de felicidade do início de seu casamento e parece que Dudu até pensou em acompanhá-la (ou lhe disse que pensou, porque para mim negou, disse que jamais cogitou de sair do Rio, ainda mais quando Dorzinha estava de volta). O fato é que, quando ela disse que ia de qualquer jeito, se ele quisesse devia vir junto, Dudu começou a arrumar trabalhos importantes aqui e nunca dava para ir. A data da partida foi chegando e Fiona começou a se arrepender de sua decisão, quase tentou voltar atrás, mas juntou um resto de orgulho e embarcou com o filho na data marcada, aos prantos, mas só depois que Dudu jurou que ia encontrá-los em breve na Europa, especialmente porque o menino, cada vez mais parecido com ele, ia sentir muita falta do pai. Creio que sua promessa foi sincera. Ele pretendia ir e foi mesmo encontrar-se com os dois pouco tempo depois da partida de Fiona e do menino.

No dia em que Fiona foi embora, Dudu ligou para Dorzinha assim que voltou do aeroporto. Não queria perder tempo e traria sua amada da adolescência (ou seria da infância?) para casa no mesmo dia. Mas o telefone da quitinete estava na secretária eletrônica e assim ficou na semana seguinte. Depois foi desligado e Dudu só soube da existência do pagodeiro quando encontrou Dorzinha jantando com ele no bar Capela, na Lapa, depois de um show dele no Asa Branca, a casa que Chico Recarey havia aberto na Lapa no início da década. O rapaz lhe foi apresentado como seu namorado há alguns meses e atual marido, pois estavam morando junto. Ela fez questão de dar o novo endereço e convidá-lo para uma feijoada que faria no

sábado seguinte. Ele ficou tão bravo que acordou com febre no dia marcado e teve a maior gripe de sua vida na semana seguinte. Chegou até a lamentar a ausência de Fiona, que ao menos cuidaria dele nesta situação e amaldiçoou mil vezes Dorzinha, culpando-a por sua separação e conseqüente solidão e pela febre.

A ninfeta era usava o nome artístico de Duda Matias, mas seu nome era, de verdade, Maria Eduarda Caetano Matiozzoni e ela era descendente, por parte de pai, da uma família de industriais e fazendeiros de café de São Paulo. O Caetano da mãe era de Minas, fazendeiros de gado leiteiro e donos de laticínios milionários, na Zona da Mata mineira, lá pelos lados de Viçosa e Ponte Nova. “Sou o resultado da política café com leite”, disse ela quando contava sua origem. Hugo Sukman, jovem crítico de música do *Jornal do Brasil* e amigo de Genu, e eu rimos muito da piada. Genu não prestou atenção e Dorzinha riu sem graça, mas me chamou no canto para perguntar do que a gente tinha rido. “Essa moça é meio esnobe até nas piadas”, comentou quando eu lhe expliquei. Mas Duda distribuía simpatia, sem a menor afetação. Dizia ter 22 anos e, quando conheceu Dudu, voltava de uma temporada de cinco anos entre Londres e Paris, onde estudara dança e teatro. Era bem clara, de olhos azuis brilhantes, com enormes cílios e tinha cabelos fartos, meio castanho escuro, com mechas em claras, quase loiras. Corpo escultural, embora delicado como se fosse quebrar por alguém que não a tocasse com a devida delicadeza.

No entanto, era alegre, sem frescuras, com um sotaque paulista longe que era engraçado (para as mulheres) e sexy (segundo os homens). E conversava com todo mundo, fossem os pagodeiros, Dudu, Genu (que sabia ser um poderoso executivo) ou as amigas suburbanas dos sambistas, como se não houvesse coisa melhor a fazer no resto do dia. Poucas semanas depois de sua chegada, Dudu me chamou para um chope a dois porque “queria saber o que a prima achou da futura estrela do teatro e cinema brasileiros”, conforme me disse. Contou que ela passava a manhã entre a academia de ginástica e a clínica de estética e duas vezes por semana passava boas horas da tarde no salão de beleza. “Está certo, pois ela vive de sua aparência e realmente há poucas mulheres mais bonitas, não é mesmo?”, derreteu-se na ocasião. “Mas ela é também uma companheirona, inteligente, ótima atriz. Temos um sexo ótimo e ela me trata como se eu fosse o único homem interessante do mundo. Acho que juntei tudo que procurava na Fiona e na Dorzinha.... Até hoje não me conformo de ela não ter esperado a Fiona ir embora para tentarmos nossa vida em comum. Bom.... já era. Agora tem a Duda e ela será minha estrela.”, concluiu Dudu como se estivesse plenamente convencido do que dizia.

Genu soube do pagodeiro antes de vê-lo com Dorzinha. Ao menos nisso tinha tido mais sorte, contou-me quando fui a recusar sua proposta de fazer a assessoria de comunicação, dois dias depois do choro no subúrbio. E quem lhe contou foi uma das muitas moças que levava para o apartamento do Leblon, a título de serão para levantar a gravadora. Ele comentou que queria um sambista bom, pouco conhecido para ser o primeiro grande lançamento da empresa e a moça falou do pagodeiro. “Acho que ele está namorando aquela sua amiga de infância, a tal da Dorzinha, aquela que cozinha e faz roupa”, disse ela sem saber das relações verdadeiras dos dois e, por isso, sem qualquer maldade. Acostumado com as negociações duríssimas e às relações ambíguas do showbusiness, não acusou o golpe, mas naquele dia brochou.

Duas semanas antes, tinha proposto a Dorzinha ela vir para o apartamento do Leblon e os dois ficarem juntos de novo. Quando ela soube que ele ia continuar morando com a estrela em São Conrado, sua casa oficial, agradeceu e disse que a quitinete da Lapa era o que podia pagar no momento e tinha aprendido nos Estados Unidos a só viver com seus próprios recursos. “Duvido que ele não esteja pagando as contas dela. A Dorzinha é maravilhosa, mas não tem cabeça para ganhar dinheiro nem para gastá-lo. Precisa de um homem para sustentá-la”, disse. “Melhor que fosse você, não é mesmo?” respondi. “Bom, pelo menos por uma vez o apartamento do Leblon foi usado para organizar a nova gravadora. Não sou totalmente mentiroso e o pagodeiro e os chorões vão arrebentar a boca do balão.”

Arrebentaram mesmo e o samba e o choro viraram mania de um público sofisticado e de adolescentes que lotavam qualquer barzinho, dos mais chiques aos mais fuleiros, passando pelos transados e descolados. O repertório era dos anos 40 para trás, quando os avós daquele público era da idade deles. Os sambistas antigos, que tinham ficado esquecidos começaram a gravar com Genu e a vender muito em CD, que tomou o lugar dos elepês e, em 1992, ele estava ainda mais rico e todo mundo queria estar na sua empresa. Eu tinha me casado com um inglês que conhecera em Londres e passara estes cinco anos lá, com vindas ocasionais em que ia direto para Juiz de Fora encontrar com a família e pouco ficava no Rio. De vez em quando lia nos jornais brasileiros notícias sobre Genu e Dudu, que tinha virado conceituado diretor de cinema, teatro e televisão. Fizera até uma novela de enorme sucesso e um seriado na TV Manchete, levantando a emissora e sendo sondado para um contrato longo na Rede Globo. Criou um curso de direção e também abafou com um programa em que misturava bastidores de gravação com histórias de ficção. Nesse período, não ouvi falar de Dorzinha. Dindinha Lucília tinha morrido e Célia, sua filha que era ligada à família dela, estava morando em Belo Horizonte.

De volta ao Rio, decidi retomar os contatos. O telefone de Genu em São Conrado não existia mais e no apartamento do Leblon morava outra pessoa. Depois de falar cinco vezes com a assessora de imprensa da gravadora e deixar três recados com a secretária, desisti dele. Mas fui encontrá-lo na festa que Dudu deu de despedida para Duda, a ninfeta. Ela fora convidada para fazer uma ponta num filme de Woody Allen, cantando *Garota de Ipanema* como se fosse Astrud Gilberto e falando duas frases. Achava que as portas de Hollywood estavam se abrindo para ela, inclusive porque falava um inglês perfeito, um pouco britanizado, mas até isso era vantagem no cinema americano. Ainda parecia ter os 22 anos de cinco anos atrás, mas seus traços haviam perdido um pouco da suavidade, só um pouco. Adorava Dudu, mas a carreira era a razão de sua vida e era preciso aproveitar a juventude, já que em Hollywood não havia papéis para mulheres de meia idade. “Quando eu chegar de lá, daqui a uns 20 anos, eu volto para fazer novela no Brasil”, brincou ela quando contou as novidades. Dudu fingiu que sentia muito a partida da amada, prometeu esperá-la e ir visitá-la nos Estados Unidos, mas não convenceu. A atriz era ela.

Num almoço dali da dois dias, Genu me contou que a estrela global se separara dele, depois de sofrer uma overdose com os remédios para a eterna juventude. “Acho que quando viu a morte de perto, tomou vergonha e decidiu virar adulta. Só então me contou que tinha 48 anos, quatro mais que eu e não os 38 que insistia em tentar me convencer. Decidiu se internar e pediu para eu ficar com nosso filho uns tempos. Ele está com quase 18 anos e está muito bom conviver só nós dois. De vez em quando minha filha baiana aparece e somos uma família feliz”, contou. “Ela é médica e ele toca um violão esperto num grupo de samba, mas quer estudar produção musical nos Estados Unidos e acho que vou mandar. Afinal, ele herdou o talento musical do pai e terá a maior gravadora independente do País”, riu.

E a Dorzinha? “Sumiu. Só sei que o pagodeiro foi embora com a antiga mulher, mãe dos filhos dele e namorada de infância. Quando ela viu que ele estava com dinheiro, podia lhe dar boa vida, pediu para ele voltar e o rapaz não conversou. A mim, ele explicou que a família é a coisa mais importante do mundo, mas a Dorzinha ia ficar no apartamento da Tijuca, onde ele teria livre acesso. Fiquei puto, ou melhor, magoado. Ela tinha recusado o mesmo comigo e ia ficar com aquele pulha, que nem dava a ela o devido valor. Ia mesmo procurá-la para falar isso, mas ia adiando para não dar muito na pinta.”

Não chegou a procurá-la porque, uma semana depois de o pagodeiro voltar para casa, a mulher dele foi até o apartamento e aprontou um barraco que acabou na delegacia e saiu no jornal, com foto e tudo. O pagodeiro ficou igual a um pavão, achando lindo duas mulheres se atracarem por ele. Na verdade, Dorzinha só não apanhou nem teve foto publicada no jornal por

que o porteiro do prédio a acolheu até o dia seguinte. “O nome dela saiu no jornal, assim como a cara irada da mulher ao sair do prédio e o pagodeiro se pavoneando ao deixar a delegacia com ela. Achou-se o máximo porque as duas mulheres eram bonitas e nem conseguiu convencer com a cara compungida que tentou armar para as fotos. Dorzinha entendeu que era hora de sair dali, mesmo que fosse para um albergue.”

E você não aproveitou para manifestar sua solidariedade?, perguntei-lhe “Olha. até quis, mas minha vida estava uma merda na época.” Genu contou que, naquela época, há uns dois anos, seu filho andava com uns trombadinhas no colégio e a estrela no auge dos comprimidos, vivia doidona, comendo a geladeira inteira ou passando dias a água sem pão. Ele propôs a Dorzinha viverem de novo junto, agora um casamento de adultos, não de adolescentes como foi do fim dos anos 60, mas tinha que esperar essa chuva passar. Ela aceitou que ele alugasse um apartamento para os dois, ao contrário do que acontecera todas as outras vezes em que ele fizera a proposta. Disse que tinha aprendido a esperar e acreditava que essa situação ia se resolver. Genu alugou um apart para ela enquanto procurava apartamento ideal.

O caldo entornou na estréia da Maria Bethânia no Canecão. Uma cantriz gaúcha, recém chegada ao Rio, bibelô de olhos azuis que canta um samba maravilhoso com aquele sotaque de lá começou a rondá-lo para ser estrela de sua gravadora. “É estranho gaúcha cantando samba, mas eu fico de pau duro só de lembrar”, explicou Genu. “Pois bem, a moça podia ser minha filha, mas estava toda oferecida e, no dia do show, me ligou toda provocadora e prometendo o paraíso. Isso na voz porque, no texto, queria assistir à estréia de Bethânia.” A cantriz nunca tinha ido a uma no Canecão nem visto um show da rainha. Como Genu tem bom coração, aceitou leva-la. “Eu disse à Dorzinha que tinha que cancelar a ida ao show porque... sei lá por quê!!! Inventei uma desculpa esfarrapada que ela aceitou sem reclamar. Mesmo pelo telefone eu senti a tromba que ela armou.”

A gauchinha era o máximo, sensacional e Genu investiu no disco para ser um sucesso. Ele ressaltava que não procurou nem forçou nada, ia lançar o disco de qualquer jeito. Ela é que se insinuou. O problema é que, dali a dois dias, duas colunas sociais e três de fofocas tinham foto dos dois no Canecão. Numa delas, a gauchinha estava com a mão na sua perna, quer dizer, na coxa, quase lá, e a legenda era muito sacana. Numa das revistas, ela negava estar namorando, apenas se conheciam mais de perto. A secretária de Genu atrasou o quanto pôde a entrega do clipping do dia e ele apavorou-se quando viu o que tinha sido publicado. Ligou para o apart imediatamente, mas Dorzinha não estava. Achou melhor não ligar de novo, deixar para conversar pessoalmente à noite, mas naquela tarde, seu filho foi preso numa favela, com um papelote de cinco gramas cocaína. Ele passou a tarde, a noite e o dia seguinte entre a polícia e

o esporro que lhe deu, seguido de uma conversa de homem pra homem. Dali a dois dias, quando foi ao apart, Dorzinha não estava, não havia qualquer bilhete e o porteiro disse que ela tinha saído com uma mala na véspera dizendo que ia viajar para Minas. Mas não estava na casa da mãe. Ou a mãe disse que não. “Isso foi há dois anos, pouco antes da overdose da estrela e nunca mais soube dela.”, lamentou Genu. “Já pensei em por detetive atrás dela, mas é meio ridículo, não é não?”

Dorzinha saiu do apart e foi para Ouro Preto, onde Dudu estava gravando um documentário para a BBC, mostrando de onde havia saído o ouro que financiara a Revolução Industrial no século 18. Essa era a tese do pai de Fiona, que passara a estudar melhor a Inconfidência Mineira e o ciclo do ouro depois do casamento da filha com um brasileiro e de ler o livro *A Devassa da Devassa*, de seu amigo e ex-aluno Kenneth Maxwell, a quem considerava o melhor talento da nova geração de historiadores ingleses e profundo conhecedor daquelas lonjuras onde Fiona resolvera se meter. Para o pai de Fiona, Rio de Janeiro, Amazônia e Ouro Preto eram a mesma coisa e, embora racionalmente soubesse das dimensões do Brasil, não conseguia imaginá-las. Emocionalmente achava que a distância entre Rio de Janeiro e Vila Rica era quase a mesma de Londres a Liverpool, mas a viagem demorava pouco mais que o dobro (conforme Fiona e Maxwell lhe haviam avisado) porque era preciso atravessar a floresta (ele não acreditava que houvesse estradas modernas e boas cidades no meio do caminho). A Amazônia ficava mais distante, assim como a Irlanda era longe de Londres. E não adiantava Maxwell e Fiona lhe explicarem que a viagem era quase tão longa, de avião, quanto entre Rio e Londres. Maxwell aliás desistira de explicar o Brasil para o pai de Fiona, mas não perdeu a oportunidade de voltar a Ouro Preto como consultor do documentário. E aproveitou a semana que passou lá para se perder nas ladeiras da cidade e beber com seus amigos da república Consulado, um dos primeiros lugares que conheceu na cidade porque a foto do casarão que a abriga é uma das imagens mais conhecidas da antiga capital mineira.

Quando Dudu e eu nos encontramos no aniversário de 70 anos de minha mãe, ele contou que Dorzinha chegou a Ouro Preto de repente, sem avisar e logo se instalou no seu quarto na pousada. “Não faço a menor idéia de como convenceu o porteiro e a dona”, contou. “Fiquei surpreso porque desde aquele domingo do choro em Pilares, a gente mal se falou e ela sabia que eu ainda estava com a ninfeta. Meio de saco cheio porque a menina era muito nova, insegura e atriz é foda, mas isso ela não sabia.”

Para explicar sua chegada, Dorzinha contou a Dudu que o pagodeiro tinha ido embora, mas omitiu a história com Genu, assim como o barraco da mulher do pagodeiro. Como os jornais do Rio não chegavam a Ouro Preto a tempo de serem lidos (ou seja, de manhã) Dudu

nem podia imaginar. Também não queria perguntar nada, só aproveitar e curtir aquelas semanas com Dorzinha. “Pela primeira vez na vida eu sabia ia encontrá-la a minha espera quando chegasse em casa, ou seja, no hotel. Acho que o período mais feliz da minha vida foi quando me dei conta disso, no segundo ou terceiro dia depois que ela chegou. Não sei o que ela fazia durante o dia, mas de noite estava linda, amorosa, tudo que eu tinha sonhado desde a adolescência. Desde quando a gente era par constante nas férias em Governador Valadares.”

Maxwell adorou ouvir as histórias que Dorzinha contava de Governador Valadares, terra de pedras preciosas e de imigrantes para os Estados Unidos e caiu de amores pelo feijão tropeiro que ela preparou na Consulado, em homenagem ao ex-aluno Humberto Freitas e à mulher dele, Beth Von Kruger, que apareceram lá com os dois filhos pequenos para uma visita. Amigos há muitos anos sem se ver, Humberto havia servido de guia nas primeiras viagens do historiador inglês a Minas para pesquisar a Inconfidência Mineira. Dorzinha adorou Beth. “Ela é tudo que eu queria ser: linda, chique, culta, simpática e muito simples. Me chamou para um lanche na casa dela, junto com as amigas lá de Ouro Preto e até me convidou para visitá-la na Bahia, onde mora com a família. Deu endereço e marcou data. Genu, que é baiano, nunca me chamou para ir lá”, reclamou Dorzinha quando me contou sua estada em Ouro Preto.

Dizem que mulher sente o cheiro da rival de longe e parece que foi o que aconteceu com Dudas Matias, a ninfeta. Quando Dudu estava em dúvida se voltava direto com Dorzinha para o Rio ou lhe propunha um tempo para terminar o casamento, a garota chegou a Ouro Preto. Ou melhor, telefonou de manhã avisando que chegava à noite. “Eu devo ter ficado pálido, tremendo, alguma coisa assim, porque a Dorzinha estava saindo do banho quando eu pus o telefone no gancho e perguntou se eu estava passando mal, se havia sido uma má notícia. Eu disse que não. Só chaturas de produção. Fui covarde, preferi adiar a má notícia. Cheguei atrasado na gravação porque eu e Dorzinha demos melhor trepada da nossa vida naquela manhã.”

Melhor tivesse dado a notícia. De tardinha, quando chegou à pousada e ia se preparar para jantar, uma produtora veio perguntar a Dudu se a mulher dele ia ficar no quarto com ele ou separado. Dorzinha ia chegando e deu meia volta. “Eu levei um tempão para criar coragem para ir falar com ela e quando cheguei lá ela tinha arrumado as malas e chorava desconsolada.” Disse que até entendia, quando rico se misturava com pobre esse último sempre levava a pior, mas Dudu poderia ter avisado que a mulher dele ia chegar. Ela não precisava passar isso. Ele jurou que pretendia deixar a ninfeta, mas precisava achar um jeito de não magoá-la. “Claro, a filha da cozinheira é que pode ser magoada. A sinhazinha, jamais”, disse ela. Dudu tentou consertar contando que só tinha sabido de manhã que a ninfeta vinha, que aquele telefonema

quando eles estavam acordando era dela, mas piorou tudo. “Então, ela ia chegar para nos dar um flagrante ou você ia jogar minhas coisas na rua para ela não perceber?” O telefone do quarto tocou. Era a recepção avisando que a ninfeta tinha chegado e Dorzinha saiu correndo porta afora. Dudu soube que ela pediu abrigo na Consulado naquela noite, mas nunca mais conseguiu rastro dela.

Foi Dorzinha quem me telefonou seis meses depois, quando eu já estava trabalhando como repórter num jornal diário. Ela viu meu nome assinando uma matéria e ligou para lá, como se tivesse me visto na véspera. “Estou morando em Paquetá, deixei o samba e aderi à Jovem Guarda. Afinal, quem já fez 30 anos como eu tem que cultivar um pouco o passado”, disse enigmática. Convidou-me e ao Peter para passar o fim de semana com ela, garantindo que tinha espaço de sobra para muitos casais na Praia da Moreninha e ia nos fazer uma surpresa.

Detesto surpresas, mas Dorzinha sabe convencer e lá fomos nós a Paquetá. Foi surpresa atrás de surpresa. A casa era um sobrado enorme, com um restaurante no térreo, sem luxo aparente, mas muito aconchegante, transadíssimo. Dorzinha parecia uma aristocrata de muitas gerações, inclusive na aparência. Usava cabelos curtos e um vestido branco, simples, mas certamente de griffe (ou feito por ela copiando as revistas de moda?), pequenos brilhantes nas orelhas e nenhuma outra jóia porque cuidava da cozinha do restaurante. Andava pelos enormes ambientes e comandava nove empregados (três na cozinha e seis no salão) como se viesse de uma família que os tinha há muitas gerações. O companheiro de Dorzinha era Léo Costa, galã da Jovem Guarda, mais galã que músico, mas sucesso incontestável nos anos 60. Lembro como eu e Dorzinha colecionávamos as fotos coloridas dele que saíam na revista Manchete. A cara era a mesma, mas parecia que alguém tinha amassado o papel em que a foto fora impressa. Ele assumia ter 58 anos, mas eu achava mais fácil serem 68. Peter me cochichou que ele parecia um rascunho do Mick Jagger e riu muito quando eu lhe contei que nos anos 60 era considerado um sócia melhorado.

Peter e Leo se entenderam às maravilhas e assim Dorzinha conversamos à vontade. Ela contou que o pior ano de sua vida tinha sido 1990. “Fui abandonada três vezes, em menos de um mês, fiquei sem ter onde morar e minha sorte é que tinha uns trocados e o apartamento da Lapa, de um amigo meu, um travesti, estava vago porque ela viajou para a Europa, onde ia dar uns shows.” Dorzinha voltou para lá quando chegou de Ouro Preto, mas sua versão dos fatos, como sempre acontecia, era diferente da que Genu e Dudu contaram. Em primeiro lugar, ela nunca pretendeu ser a amante zona sul do pagodeiro e tinha pedido apenas uma semana para

encontrar outro lugar. A mulher dele é que entendeu errado e ele, mais ainda, pois na véspera, tinham saído e dormido juntos quase a noite toda.

Genu veio com um papo de que não podia se separar, que o filho precisava dele, logo ele que trabalhava 16 horas por dia e via o menino, quando via, nos fins de semana. Por não ter para onde ir e também por necessidade e vontade de reviver aquela paixão de adolescente, ela aceitou o trato do apart hotel, mas ele esfregou a gauchinha das fuças dela. “Você sabe que eu finjo de morta para não morrer, mas ele nem me deu chance de acreditar nas mentiras dele. Aquelas fotos no jornal me disseram o que ele não tinha coragem. Eu não ia ser a outra, mas uma das muitas outras”. Saiu para dar uma volta bufando porque sua vontade era quebrar o apartamento inteiro e, quando voltou, tinha um recado dele na secretária eletrônica, dizendo que chegaria à noite. Só que ele não tinha aparecido no dia do show, não veio naquele outro dia nem no seguinte. Para Dorzinha era claro. “Em vez de me pedir para sair, ele tinha desaparecido”. Ela saiu do apartamento onde acredita que ele colocou a tal gaúcha cantora e atriz. Tinha lido no jornal que Dudu estava em Ouro Preto e que a tal atriz, mulher dele, estava fazendo uma peça de sucesso em São Paulo. Pegou o ônibus e foi para as Gerais.

O ônibus entrou em Ouro Preto quando amanhecia e Dorzinha se animou toda com a visão do sol surgindo lá no fundo daquele mar de montanhas, entre aquelas casas velhas respirando história. Achou que seria ótimo acordar Dudu com a surpresa de sua chegada. Mas ele não estava na pousada, tinha saído de madrugada para gravar a aurora que os Inconfidentes presenciaram. Ela disse que era mulher dele, estava sendo esperada para a tarde, mas se adiantara e viera de ônibus. O porteiro ficou em dúvida e preferiu enrolar até a dona da pousada chegar e dar permissão, contrariada, sabendo que não era verdade, até porque já tinha visto uma foto daquele diretor com outra mulher muito mais jovem, loura e bonita. “De repente, essa aí é a mulher verdadeira e a outra é que é a outra”, disse para a arrumadeira dos quartos que logo fez a fofoca. “Esses artistas cariocas não têm mesmo vergonha na cara, trocam de mulher como a gente troca roupa de cama. Se pagar a diária para dois e não fizer escândalo não é problema meu.”

Ela preferiu não explicar, mas Dudu se comportou como se fosse mesmo seu marido. “Fiquei até pensando como teria sido nossa vida se eu tivesse desistido de ir para o Rio e esperado ele se formar para se casar comigo. Hoje eu teria quase 40 anos, e seria a mulher de um advogado gordo e careca, talvez juiz, doida para sair em coluna social de jornal do interior. Acho que a gente teria uma vida mais tranqüila, mas muito mais aborrecida”, riu. Os dois ficaram pouco mais de uma semana em plena lua de mel. “Na cama, ele fazia planos para nossa volta ao Rio, como se a ninfeta não existisse e eu fingia que acreditava. Cheguei mesmo a

pensar que era possível, até o dia em que, depois de jurar amor eterno de manhã, recebeu a moça à noitinha. Praticamente me expulsou do quarto, com uma história de que não queria magoar a ninfeta, que ela não merecia. E eu, mereço? Mereço sim, para deixar de fazer planos com um cara que desde criança deixou claro que eu era para diversão. Mulher para casar era alguém como as primas dele, colegas de faculdade ou aquelas moças que voltaram cheias de liberdades do exílio com ele.”

Ela não manifestou muito entusiasmo quando disse que a ninfeta tinha ido embora ou que Genu estava sozinho, morando com o filho, sem mulher fixa. Alegou que agora estava com Léo Costa e que tinha encontrado seu porto seguro. “Não é lá essas coisas na cama, mas me trata como rainha. Nem sei para que tanto empregado e uma casona como esta, mas quem passou dos 30, como eu, tem que trocar os prazeres terrenos pela segurança ao lado de um homem. Tem que ter um chapéu em casa para se fazer respeitar, como dizia minha mãe”. Achei graça nessa filosofia de vida e nem lembrei, na hora, que Dorzinha já devia estar com quase 40, pois eu estava com 37.

A filha, Nina, continuava morando em Governador Valadares e, com 18 anos, já estava na Faculdade. “Engenharia, vê se isso é profissão de mulher”, disse. O pai tinha morrido e o irmão mais novo não quis fazer faculdade, mas tinha um ótimo emprego como técnico na Usiminas. As irmãs estavam casadas, espalhadas entre Caratinga e Governador Valadares, um irmão era sócio numa empresa de ônibus urbano em Palmas, capital daquele Estado Novo, Tocantins, e o outro tinha duas limusines em Nova York. A mãe morava com Nina, mas agora era mais cuidada que cuidava. “Por esse lado está tudo bem, só a Nina ainda dá despesa e eu até contratei uma empregada para a mamãe, mas ela nunca deixou a mulher cozinhar ou passar a roupa dela. Então dispensei e até essa economia faço agora. Qualquer hora eu fico rica.”

Dorzinha e Léo tinham se conhecido um ano antes. Ela morava num conjugado em Copacabana (“parecia aquele primeiro onde morei com o Genu, na pré-história do mundo”, riu ela, quando me contou) e ele tinha uma turma de baralho, de tarde, e futebol, de manhã, na praia. Dorzinha sempre achava que ele se parecia com alguém, mas nem lembrava do ídolo da Jovem Guarda, “até porque a cara dele amassou muito, não é?”, riu de novo. Ela caminhava na praia e, de vez em quando, levava suas roupas para as senhoras que faziam parte do grupo de Léo comprar. Nesses de vez em quando, esquecia o olhar nele, tentando lembrar com quem ele se parecia, de onde o conhecia e só desviava, sem graça, quando ele sorria em franca paquera. Porque Léo olhava para Dorzinha com desejo, queria aquela mulher e arquitetava o bote. Afinal, ele tinha seus recursos e ela parecia batalhar muito para viver. Era fácil seduzir uma mulher nessa situação. Ninguém parecia perceber aquela paquera, mas sempre alguém encompridava

a conversa, comprava uma roupa e encomendava outra. Ou seja, depois de algum tempo, Dorzinha aparecia na roda de baralho quase todo dia.

Uma amiga comum decidiu apressar as coisas. Estavam todos programando uma tarde em Paquetá (“uma tarde de domingo, para lembrar Dorival Caymmi”, ressaltava Léo) e, no dia em que marcaram a lancha que os levaria à ilha, faltava uma pessoa para completar a lotação. Então chamaram Dorzinha que estava lá vendendo suas roupas. Ela pensou se não seria chato passar a tarde com aquela velharia, mas ele, achando que a hesitação era por falta de dinheiro, disse que ela seria sua convidada. Como tal, teve o direito de sentar-se a seu lado na lancha e, quando o grupo chegou a Paquetá, ele revelou que tinha uma casa lá, fechada. Surpreendeu todo mundo com o tamanho do imóvel, que devia ter sido luxuoso em outros tempos, mas agora estava decadente e praticamente fechado há alguns anos. Dorzinha que era seu alvo, não se impressionou. Ela só se entusiasmou depois do almoço, quando ele pegou o violão e começou a cantar seus sucessos dos anos 60. “Aí me deu o estalo, lembrei que ele era o Léo Costa, de quem a gente era fã e colecionava retratos e não o larguei mais naquela tarde, cantei todas as músicas junto.”

Léo interpretou aquilo como um sim a suas propostas ainda nem feitas e Dorzinha se surpreendeu quando, na lancha de volta, ele pegou sua mão como namorado. Sem saber o que fazer, não se soltou e até aceitou um beijo leve, nos lábios, quando ele a deixou em casa. No dia seguinte, recebeu flores e um convite para jantar no Copacabana Palace. “Só aí entendi que ele queria me comer”, contou Dorzinha com simplicidade. “Como assim?”, perguntei. “Ora, ninguém manda flores e convida para um restaurante caro só para conversar. E que conversa eu teria com ele? Se fosse só pelo papo, ele chamava uma das coroas da turma, ou várias. Como eu estava sem lugar para morar, e já tinha passado dos 30 anos (dos 40, quase corrigi), sabia que ele era a chance de ter alguém que cuidasse de mim. Depois do que tinha acontecido com Genu e com o Dudu eu tinha desistido de encontrar um grande amor, precisava de um bom companheiro que me apoiasse.”

Por isso, ela aceitou o convite para o jantar e também para conhecer o apartamento dele, um enorme três quartos na Avenida Atlântica, sem a mínima personalidade, parecendo de temporada. Mas, antes que rolasse o segundo beijo ela avisou que não era mulher para ser cozinhada, com quem ele ia sair, ter um ótimo sexo, fazer uns agrados e deixar esperando em casa. Disse que via-se que ele era um homem sem mulher que cuidasse de suas coisas, de sua casa e aceitava se ele a quisesse na casa e na cama. Léo assustou-se. Contou a ela que sua última mulher criara muitos problemas, tinha tido uma vida amorosa atribulada, muitos filhos e muitas

pensões a pagar. Pediu um tempo para pensar e levou Dorzinha até o apartamento dela. Mas deu-lhe um longo beijo de despedida e prometeu procura-la em breve.

Durante uma semana agiu como se nada tivesse acontecido e ela achou que ele tinha desistido. Não mudou seu jeito de tratá-lo, mas não olhava mais longamente, porque já sabia ele era o primeiro galã de sua infância. Oito dias depois do jantar, Léo foi à casa dela cheio de flores e com um anel de pérola para dizer que sim, queria que ela viesse morar com ele, mas havia só uma condição, não teriam filhos nem se casariam porque já tinha tido muito dos dois, filhos e divórcios. Ela avisou que também não pensava nisso, pois já tinha uma que criava com dificuldade e não poria outra no mundo. Mas não contou que já passara dos 40 anos e dificilmente engravidaria. Aliás, os dois não falaram em idade, pois esse assunto os forçaria a omitir muitos dados evidentes. Assim, no dia seguinte, entregou as chaves de seu apartamento e mudou-se para o de Léo. A primeira providência de Dorzinha, depois de dar um jeito de lar no apartamento da Atlântica, foi reativar a casa de Paquetá, onde promovia almoços dominicais para os amigos dele. Foi um deles quem sugeriu a idéia do restaurante e, como Léo sempre cantava suas músicas nessas reuniões, seu show foi automaticamente incluído no cardápio. Gostaram tanto daquela vida que resolveram fechar o apartamento de Copacabana e ficar só em Paquetá.

O restaurante começou com um público cinquentão que queria voltar à adolescência com o repertório dele. Depois de alguns meses, os almoços de sábado e domingo lotavam e foi instituído o jantar de sexta-feira. A casa virou um point em Paquetá. Justiça seja feita, a comida de Dorzinha, seu bom gosto para arrumar a casa e sua alegria ao receber os clientes, aliados ao repertório e ao charme de Léo com o público fizeram a receita do lugar. De vez em quando, ela subia no palco e cantava também, com tanto sucesso quanto ele, pois compensava a voz pequena jogando charme para a platéia, algo entre Wanderléia e Carmem Miranda. “Estive na música a vida inteira”, brincou ela ao receber os elogios de Peter, quando acabou seu set. Para mim, confidenciou que estava tomando aulas de canto e adorando. “Uma vez, o argentino disse que a música era seu único refúgio nesse insensato mundo. Era quando ele se encontrava com Deus. Acho que foi a única verdade que ele me contou porque a música era a única coisa que o tirava do jogo. E cantando às vezes me sinto aquela pessoa que eu sempre sonhei ser e nunca consegui”, confessou. “Mas esse repertório do Léo é muito fraquinho. Tento convencê-lo a abrir mais, porque ele toca e canta muito bem, é muito mais músico do que sempre mostrou e nunca parou de compor. Mas fica com medo de perder esse público fiel e não ganhar outro mais sofisticado.”

A campanha de Dorzinha para melhorar o repertório de Léo Costa deve ter sido bem sucedida porque no verão de 1993/1994, o restaurante deles era um sucesso. Os shows noturnos viraram vespertinos e virou moda passar o dia em Paquetá para ir aos almoços musicais que se estendiam até a hora da última barca para o Rio. Os jornais começaram a fazer matérias de comportamento, mas Dorzinha não cantava mais. Ficava atendendo os clientes e era objeto de desejo de 11 entre dez homens que iam ali, acompanhados ou não. Dizia ter completado 30 há pouco, mas tinha feito 40 em 1993, se cuidava muito e seu corpo estava na melhor forma, até porque aprendera a se vestir de uma forma discretamente sexy. Continuava falsa magra, como nos tempos da adolescência, mas agora seu tipo de corpo, quadris largos e seios fartos, estava na moda, modelos faziam implantes para tê-los daquela forma, mas Dorzinha jurava que nunca tinha feito qualquer tipo de plástica, sequer fazia ginástica. Ela distribuía seu charme de uma forma que os homens sentiam no ar uma promessa, mas as mulheres ficavam seguras de que ela não era risco porque tinha mais o que fazer. De toda forma, havia quem dissesse que ela tinha amantes, muitos, que nem tentava escondê-los do marido, um velho babão que também fingia não notar.

Num desses almoços a que compareci, ela me contou que parou de cantar porque Léo havia ficado enciumado com o sucesso dela e começou a boicotá-la no palco e a tratá-la sem a mesma delicadeza diante dos clientes. “Entre um casamento sólido e uma carreira incerta fico com o primeiro”, filosofou pragmática. “E depois, o público ia perceber nossa falta de sintonia que, pra dizer a verdade, é a causa do nosso sucesso como restaurante. É daí que vem o dinheiro e não do courvert que pagam para nos ouvir cantar.”

Genu apareceu lá uma vez. Léo ficou alvoroçado com a presença daquele alto executivo que ele pensava ter vindo para ouvi-lo e, quem sabe contratá-lo para um novo disco. Ele tinha até algumas inéditas para misturar com seu repertório antigo. Genu levou a estrela global, agora uma simpática senhora que tinha um programa para donas de casa num canal a cabo recém estreado. Explicou a Léo, de olho em Dorzinha, que era muito amigo da ex-mulher, que o filho tinha ido para os Estados Unidos estudar e que atualmente não tinha namorada, até porque, oficialmente, ainda era casado com a estrela, que adorava o status de mulher de grande empresário. Não moravam mais juntos, mas perto um do outro “por causa do filho” e, às vezes se encontravam para um jantar, um chope, um show ou uma peça de teatro. “Se comesse um terço das mulheres que me atribuem, eu ia viver na cama. Seria ótimo, mas eu não trabalharia, não teria o dinheiro que tenho e elas iam me abandonar assim que queimasse minhas economias”, disse e fez Léo concordar e rir muito. Contou que tinha conhecido Dorzinha mais

de dez aos antes (“Ah, quando ela chegou aqui para fazer vestibular de Comunicação?”, perguntou Léo). “Sim”, respondeu Genú surpreso e enternecido com a história inventada. E emendou. “Até chamei Dorzinha para trabalhar comigo nos shows, mas acho que o dinheiro que os pais dela mandavam dava para ela se manter e ela queria mesmo era estudar.”

Dorzinha contou que aí interveio para que a mentira não saísse do controle e que Rita Silveira não se manifestou, fez a maior cara de paisagem. Afinal, ela sabia, melhor que ninguém, que as histórias que se contam publicamente nem sempre podem ser verdadeiras. Ela mesmo tinha inventado uma idade e uma biografia que não condiziam à realidade e não queria nem se interessava em desmentir Dorzinha, só por ciúmes de Genu. Aliás, há muito tempo, sabia da ligação dos dois, mas fingia ignorar porque ele também nunca foi explícito nessa relação. Agora mesmo, com Léo Costa, ela tinha um exemplo dessa dissimulação e, como Genu lhe tinha consideração de marido, não via por que desfazer aquela situação que convinha a todo mundo. Ele fazia cara de adorar o show e quando terminou, elogiou muito Léo, especialmente suas versões para sucessos da Bossa Nova e da Tropicália e as dele mesmo. Pediu que ele lhe enviasse uma fita demo para um possível disco. Léo fez-se de difícil e disse que pouco saía de Paquetá. “O Rio de hoje me assusta, mas a Dorzinha pode levá-la daqui a algumas semanas”, prometeu. Dorzinha fez uma cara de macarrão sem molho e resmungou qualquer coisa que, por motivos opostos, os dois interpretaram entusiasmados que sim.

Léo gravou a fita como se fosse o disco de sua vida e Dorzinha fingiu, como pôde, algum entusiasmo. Dez dias depois, ela foi à gravadora de Genu com a fita. Que, se foi ouvida algum dia, não foi naquele. Mal se encontraram, se atiraram nos braços um do outro e, por pouco, não são surpreendidos pela secretária da presidência da gravadora. Por sorte, ela era discreta, conhecia os hábitos de seu patrão e, numa vez que estive lá na gravadora para entrevistar um artista, ela me contou que só estranhou que a moça, mulher de um coroa chamado Leó Costa ou Silva, tenha saído muito brava do escritório, depois de umas boas duas horas com Genu. Ao contrário das outras, que sempre saíam com o maior sorriso de satisfação, verdadeiro ou fingido para não desagradar o poderoso chefe da música brasileira.

Dorzinha me contou que tudo havia saído ao contrário do que ela planejara. Nunca acreditou naquela história de disco, mas Léo tinha certeza de que ia dar certo e começou a dizer que ela o sabotava, preferia um ídolo esquecido que em ação. “Fui um amor com a secretária porque ela tem que gostar de mim, ser minha amiga, mesmo que o patrão dela me odeie”, ensinou. Mas começou a esbravejar assim que ela fechou a porta. Então era justo brincar com os sentimentos de um velho? Desde quando ele se interessava por aquele tipo de música? Ele

tinha faro suficiente para saber que Léo Costa era sucesso restrito a Paquetá e não tinha mais pique nem voz para um show que não fosse saudosista.

Genu nem se preocupou em responder. Deu a volta na mesa, afagou os cabelos de Dorzinha e os beijos começaram ali mesmo. Mais de uma hora depois lembraram-se que tinham que sair dali e também um negócio a tratar. Genu disse que até lançava o disco, mas queria Dorzinha de volta. Mas respondeu-lhe que não poderia casar-se pois ainda não se divorciara da estrela, que aceitava que ele vivesse com outra mulher, mas não a separação legal. Agora que não era mais estrela global, não queria perder ao menos esse status de mulher de presidente da maior gravadora independente do País, e ele até entendia seu lado. Alegou também que Léo faria uma troca interessante, perderia a babá (Dorzinha), mas teria a carreira de volta.

“Acho que sufoquei de indignação. Então a proposta era a de sempre, eu era a mulher da rua, para ficar escondida porque quem merecia o status de esposa era outra. Gritei com ele que eu não era babá de meu marido e sim sua esposa legítima e ele não precisava me prostituir para ter uma carreira de músico. Saí batendo a porta e chorei pelo menos uma hora na primeira praça que encontrei. Lavei o rosto num bar desses moderno com cara de botequim que tinha perto, comi quase uma torta inteira de chocolate, sem nem me preocupar com a dieta obrigatória depois dos 30 e voltei para Paquetá. Disse ao Léo que o Genu tinha ouvido e gostado da fita e esperava uma ligação dele. Ele me fez enormes declarações de amor, disse que eu era a mulher que ia alegrar sua velhice e me prometeu fazer feliz pelo resto da vida.”

Nenhuma dessas promessas foi cumprida. O disco nunca foi gravado e Genu, depois de enrolar Léo, durante um tempo, deixou até de retornar seus telefonemas ou esperava três ou quatro dias para fazê-lo. Certa vez, ligou e pediu para falar com Dorzinha que, ao reconhecer sua voz, chamou Léo e disse que o telefonema era para ele. O bar saiu de moda no verão seguinte, mas ainda tinha um público fiel e Léo Costa não era pobre, tinha muitos imóveis comprados na época da Jovem Guarda e os dois viviam sem sobressaltos financeiros ou afetivos. Por iniciativa dele, o lucro do bar, pequeno mas constante, ia direto para uma poupança comum, não era usado nas despesas de ambos, que também não eram grandes, pois pouco saíam da ilha e Léo tinha ótima saúde.

No dia 28 de abril de 1995, cheguei ao jornal e tive a notícia. Léo Costa, o cantor da Jovem Guarda, tinha morrido e eu precisava ir a Paquetá apurar como tinha sido. A notícia de que ele sofrera um enfarte enquanto dormia que me deram a princípio era verdadeira e Paquetá vivia uma comoção. Léo e Dorzinha tinham se tornado pessoas queridas, batalhadoras pela qualidade de vida da ilha e eles estavam planejando três dias de festa naquele 1º de maio. Ela

posou com muita dignidade para as fotos, como a viúva jovem que trouxe alegria aos últimos anos de vida de um ídolo nacional, mas quando o circo acabou e eu fiquei em Paquetá para passar aquela primeira noite com ela, Dorzinha, aos prantos, me contou que a culpa era dela e de Dudu, mas não quis falar mais. (??!!)

Até onde eu sabia, Dudu tinha trazido Fiona de volta porque não agüentava de saudade do filho e queria que ele fosse criado no Brasil e não como um inglês. Ela só aceitou se reatasse o casamento e ele me havia contado que até tinha vivido de novo momentos felizes com sua família. Com o pedido dele para voltar, Fiona ficara menos ansiosa e, em consequência, ele sentiu-se menos pressionado. Ao menos foi essa sua explicação. Além disso, depois de dez anos no Brasil, ela não se sentia mais em casa na Inglaterra e seu filho, então quase adolescente, não se adaptou às escolas inglesas, à rigidez com que meninos dessa idade são tratados na Europa e chegou a um ponto que sequer queria falar inglês. Quando Dudu apareceu na Inglaterra propondo a volta deles para o Brasil, Fiona já pensava em fazê-lo, sozinha mesmo, mas fingiu que só voltava se o casamento fosse reatado. Dudu aceitou até porque sentia falta da adoração irrestrita que Fiona sentia por ele, da admiração que ela tinha por seu trabalho e tudo mais que ele fazia. Precisava sentir de novo que era amado e admirado quase incondicionalmente, depois de alguns anos com a ninfeta, linda, inteligente, culta, mas totalmente autocentrada. E depois de correr atrás de Dorzinha em vão (ao menos é o que ele me contava) era bom viver de novo ao lado de uma mulher que o adorava e o aceitava.

Os dois viviam muito em casa, o filho estava adorando estar de volta ao Brasil, ser tratado como um reizinho na escola e poder fazer (quase) tudo na casa dos amigos. Na Inglaterra, me contara ele, meninos de 12 anos só têm um direito, obedecer. Aos pais ou aos meninos que já têm 16 e dão porrada se você não fizer o que eles mandam. Dudu parecia mesmo empenhado em fazer aquele casamento funcionar de novo, mas uma dia, lá por meados de 1994, uma amiga do casal os convidou para conhecer um restaurante gracinha em Paquetá, com música ao vivo e comida deliciosa. “Eu estava tão desligado que só quando chegamos lá me lembrei que era a casa de Dorzinha e do velho da Jovem Guarda”, jurou-me ele, sem estar muito convencido do que falava. Fiona, se lembrou do romance dos dois, não demonstrou em público nem falou no assunto quando eles voltaram para casa. Mas Dudu sentira voltar a antiga paixão. “Dorzinha estava melhor que antes. Acho que ela já passou dos 40, mas é uma mulher maravilhosa, não aquela menina de beira de estrada de Governador Valadares, ou uma patricinha como a ninfeta. Está no ponto.”

Só então me lembrei que, nessa época, voltando de uma viagem a Juiz de Fora para ver a família, Peter me contara que tinha ido ao restaurante e encontrado Dudu lá com a Fiona.

Voltamos a nos freqüentar. Fiona estava feliz como alguém que chega à praia, depois de quase se afogar no mar. Contou-me que sofrera cada dia daqueles cinco anos que passaram na Inglaterra e não havia sido só com a falta de sol ou da alegria do carioca (com os quais, é verdade, nunca se acostumara) Tivera tempo de sobra para arrepender-se de ter partido e arquitetar uma volta honrosa. Nunca levava a sério a relação de Dudu com a ninfeta, até porque ele nunca falara em divórcio, mas também não lhe pedira para voltar ao Brasil e fingira não entender quando ela propunha uma volta. O filho salvou aquele casamento. Naqueles anos todos, Dudu visitava o menino pelo menos duas vezes no ano e passava uma semana, 15 dias ou até um mês em casa, como se o casamento ainda existisse, embora o sexo fosse raro, como ele me contou uma vez. Mas quando completou 12 anos, David implorou ao pai para voltar ao Brasil porque não agüentava a Inglaterra, os ingleses e tudo mais. Foi pouco depois de a ninfeta ir embora e de Dudu, tentar, sem sucesso, reatar o contato com Dorzinha. Diante da falta de perspectiva e feliz de sentir-se amado, voltou com Fiona.

Enquanto refazia seu casamento com Fiona, nunca falou de Dorzinha, mas tinha um projeto de um programa feminino vespertino apresentado por um homem maduro, com idade perto dos 60. “Já pensou, as mulheres acima de 40 anos vão ouvir com a maior atenção aquele cara que elas queriam para marido. Ele não vai dizer isso claramente, mas vai prometer com os olhos e os gestos que, se elas fizerem tudo que ele ensina, vão conquistar o seu chapéu para ter em casa, como se dizia lá em Minas.”

Achei a idéia totalmente canalha, mas concordei que podia dar certo. Só não sabia que Dudu tinha tido aquela idéia para incluir Dorzinha em sua vida de novo. Desde a história de Ouro Preto eles não se falaram mais e agora, quando ele chegava com uma oferta de trabalho assim para Léo Costa, ela não teve como afastá-lo mais. Léo adorou, é claro, voltar, ainda mais que teria que gravar só uma vez por semana. Mas o piloto do programa ficou uma droga completa, sem solução. “Ele achou ridículo ficar dando conselho a uma mulher sobre como cozinhar uma carne, por a mesa para um jantarzinho a dois ou se sofá e cortina de estampados diferentes podem combinar numa sala. Achava que era coisa de veado e não teve o menor pudor de dizer isso na frente do maquiador e do figurinista, que ficaram putos, achando que aquele velho machão não filmava bem, ia ser um fracasso”, contou Dudu. “Mas ele queria fazer um programa e sugeriu uma idéia bacana. Reunir três ou quatro homens para falar de sacanagem, comentar o que estava acontecendo no mundo, na hora do almoço, para o pessoal se informar e descontraír. Mais ou menos um telejornal que misturava sacanagem e noticiário do dia. Claro que ele ia ser um desses caras.”

Até podia ser, mas a encomenda era para o programa feminino e, se o apresentador certo não tinha sido encontrado, não adiantava propor outra coisa. Foi isso que ele tentou explicar quando ela apareceu na sua produtora, cobrando uma resposta sobre os programas, qualquer um deles, pois Léo estava ansioso como criança e ela sabia que Dudu não tinha a menor intenção de fazer programa nenhum. Não adiantou ele explicar que achava ótima a idéia do jornal dos machões, mas precisava resolver o outro programa. “Ela veio com aquele papo de que eu me achava de uma classe melhor, que podia usar e abusar deles e nada me acontecia, mas que não permitiria que eu humilhasse o Léo como sempre havia feito com ela. Disse que gente como eu merecia desprezo e mandou eu só aparecer lá com o contrato para ser assinado. Disse de novo que sabia que eu era um canalha metido a besta, mas não queria que Léo descobrisse isso”, contou Dudu dois dias depois do enterro, que teve a presença de velhos ídolos da Jovem Guarda, velhos fãs, uma enorme coroa de flores enviadas por Roberto Carlos e outra de Genu, além de Dudu olhando de longe, com a cara mais fechada que já o vi estampar em toda a minha vida.

Fui ao escritório dele para saber da história direito e também porque rolou um boato de que o enfarte acontecera porque Léo dera um flagrante em Dorzinha com o amante e não suportara a cena. Genu havia me contado essa história e jurara que não tinha nada com isso, pois não a via desde a história do disco. “Como ela não é de trair, só pode ser coisa com o Dudu”, profetizou. Fui avisar a meu primo para precaver-se da fofoca, mas ele confirmou que houve mesmo a intenção (ao menos da parte dele), não a traição. No dia em que Dorzinha foi à produtora, saiu pisando como um princesa ofendida e Dudu não suportou seu desprezo. Correu atrás e alcançou-a na esquina, abraçou, pediu perdão e os dois se beijaram loucamente ali mesmo, naquela esquina movimentada do Jardim Botânico. Atravessaram a rua e ele confessou que tinha falado do programa para vê-la outras vezes, mas tinha gostado da idéia do telejornal machão e ia desenvolvê-la. Disse ainda que se sentia um merda porque, nunca tinha conseguido merecê-la, nem ser inteiramente de outra mulher, nem de Fiona, mãe de seu filho. “Que aliás deveria ser nosso e não de Fiona”, completou. Mas que Dorzinha não sumisse da vida dele, que essa idéia era insuportável. Dali para o motel de Botafogo foi menos de meia hora, mas ao sair de lá, já de noite, ele prometeu que ia fazer o programa, algum deles, com Léo.

Demorou mais do que ele esperava devido à crise econômica do País e da falta de dinheiro geral. Naquele 28 de abril, ele tinha ido a Paquetá de manhã para marcar, finalmente a data do piloto do telejornal machão, que seria apresentado num canal a cabo, outra novidade daquela época. O programa feminino tinha sido descartado porque já havia uma overdose deles nas diversas emissoras, mas não havia nada para homens no horário do almoço. Léo estava na rua e ele deu logo a notícia a Dorzinha que o abraçou agradecida. Ele não quis solta-la, beijou-

a de leve e disse que o principal motivo de o programa acontecer era aquele sorriso de felicidade e o brilho nos olhos dela, que se afastou, mas não a tempo de evitar que Léo visse o beijo e ouvisse o que se seguiu. Passou direto pelos dois e, quando Dudu pediu para marcar a data do piloto, ele respondeu que talvez estivesse muito velho para trabalhar de novo. Era melhor procurar outro apresentador. Dudu insistiu que ele era o apresentador ideal, porque as mulheres gostavam dele e os homens admiravam seu jeito machão e doce, que sem ele o programa não aconteceria e Léo ficou de pensar. “Juro que fui sincero, o programa só aconteceria com ele, que é ótimo comentando as notícias do dia, com esse jeito meio cafajeste bondoso, machão assustado, mas seguro de suas idéias antigas. Só tinha falado aquilo com a Dorzinha porque queria agradá-la, ver aumentar aquele sorriso e porque desde Ouro Preto ela não me olhava com tanto desejo e respeito. Mas como sou um trapalhão, deu tudo no que deu”, concluiu Dudu.

Nos primeiros anos em que Dorzinha viveu com Léo Costa, os filhos dele se dividiam os que não gostavam e os que não morriam de amores por ela. Eram oito, espalhados por seis casamentos e, depois de algum tempo, alguns deles até concordavam que o pai, na velhice, tinha direito de desfrutar a vida como quisesse, até com aquela mulher que, diziam (mas ninguém provava), punha chifre com metade dos clientes do restaurante. O fato é que eles iam raramente Paquetá, tratavam Dorzinha com uma cortesia distante. Nos últimos meses da vida dele, haviam começado a ver algum valor nela, pela alegria do pai em sua companhia e por perceberem que seu patrimônio não havia diminuído, pelo contrário aumentara. Os filhos achavam que eles viviam exclusivamente da receita do restaurante e ainda sobrava para a poupança comum do casal. A exceção era a penúltima mulher dele, que tinha se separado grávida e recebia uma pensão generosa para a filha que tinha 11 anos quando Léo morreu.

Com a morte, quase houve um consenso de que Dorzinha continuaria com o restaurante e vivendo na casa ao lado (ambos imóveis de Léo), mas não seria sua proprietária nem teria direito à herança, até porque ele já tinha mais de 70 anos quando começou a viver com ela. Só então Dorzinha soube que Léo, na verdade, tinha 75 anos e não os 62 ou 63 (variava de acordo com o humor) que dizia ter. Quase houve consenso porque a penúltima mulher de Léo, que tinha um quiosque montado por ele na praia e a filha de 11 anos, quis a casa, embora já morasse num outro imóvel que Léo havia comprado em nome da menina quando ela completou 7 anos. A mulher se sentia usurpada de seus direitos por Dorzinha, embora já estivesse separada de Léo há muitos anos, praticamente a idade da filha, quando o marido encontrou a nova companheira. E fosse a única ex que não mantinha boas relações com ele, apesar da filha comum.

Ela tinha vivido com ele em Paquetá e, ao se separar, ganhara uma casa na ilha, além de uma barraca na beira da praia, para se sustentar. Raramente a abria, como me contou Dorzinha. “Logo que soube da nossa ligação, ela apareceu aqui para aprontar uma cena. Eu disse que o problema era dos dois e fui dar uma volta. Quando voltei, o Léo a tinha dispensado. Num outro dia, quando ele não estava aqui, ela voltou dizendo que a conversa era comigo. Como eu disse que não havia assunto entre nós, ela fez um escândalo na porta do restaurante”, contou Dorzinha na noite da morte de Léo. Disse ainda que este era o seu único receio, mas lembrou que a ex-mulher tinha freios. “Nesse dia em que ela veio aqui e fez um escândalo, passou um rapaz que eu não conhecia, cochichou alguma coisa no ouvido dela e a levou docemente pelo braço. Depois, uma vizinha me contou que ele era o gerente do bicheiro aqui da ilha, um grande amigo de Léo. Quando Léo chegou, soube da história e deu um sorriso. Disse que o problema estava resolvido e a barraqueira, como ele a chamava, não nos incomodaria mais.”

Durante os anos em que os dois viveram juntos isso foi verdade, mas logo depois do enterro, ela tentou conseguir um mandado de busca e apreensão na casa deles, alegando que Dorzinha poderia roubar bens do marido e lesar a filha deles. Andou ligando para revistas de fofoca contando a história do abraço e dos chifres (“nunca vi nada, mas onde há fumaça há fogo”, dizia) e só não conseguiu os dois intentos graças à intervenção do filho mais velho de Léo, da idade de Dorzinha (mas achava que ela era dez anos mais nova), advogado e sócio numa grande banca comercial e da ala dos irmãos favoráveis a ela. Barrou o mandado conversando com o juiz assim que foi avisado por um oficial de justiça e conseguiu com seu assessor de imprensa tirar a notícia do possível adultério dos jornais.

Quando soube que a ex-mulher do pai (“a barraqueira”, como ele também a chamava) havia pedido judicialmente a interdição da conta corrente conjunta de Léo e Dorzinha, chamou todo mundo no escritório e determinou: Dorzinha não ia ficar com nada de Léo, nem a casa onde morava e nem a do restaurante, mas ia morar lá até morrer ou enquanto quisesse, sem pagar nada. E manteria o restaurante se fosse sua vontade, mas Nina não herdaria a casa. A conta conjunta e a poupança do pai no mesmo banco, evidentemente, eram de Dorzinha porque aquele dinheiro era o que rendia o restaurante e todo mundo sabia como a última mulher do pai trabalhara para montá-lo e fazer dele um sucesso. A barraqueira quis contra-argumentar, ameaçou recorrer daquela decisão, mas o filho lembrou que a briga não seria de parentes, mas com a banca de advocacia de um colega de faculdade, o especialista em direito de família e espólio mais conceituado do País.

Ela assinou os documentos reclamando e assim continuou enquanto esteve no escritório. Ao sair disse baixinho para Dorzinha. “Você venceu essa, piranha, mas vai ter mais.” O filho ouviu e chamou as duas de volta para avisar que, se a barraqueira incomodasse Dorzinha de novo, perderia a guarda da filha e a administração da pensão que lhe fora deixada por Léo Costa. Afinal as desavenças com a menina, embora nem adolescente ainda, já tinham chegado até ele. Avisou também que ela teria um processo por calúnia se alguma notícia sobre adultério envolvendo o pai fosse publicada em qualquer jornal ou falada em qualquer programa de rádio. A uma Dorzinha apavorada com essa possibilidade, ele disse rindo. “Não se preocupe porque a gente já molhou a mão da barraqueira, aumentamos a pensão da menina e ela sabe que só tem a perder se brigar com a família. Está só exercendo o *jus spernandi*, mas não ataca mais. Se acontecer, me procure. Se não, seja feliz.”

Eu tinha ido com Dorzinha a esta reunião, a pedido dela, que disse me considerar a única pessoal confiável de suas relações, a única que sabia de suas verdade e mentiras sem deixar de ser sua amiga. “Já inventei tanto a minha vida que nem consigo separar o que aconteceu mesmo do que é história pura”, riu ela triste. “Mas quem se interessaria por uma pobretona de beira de estrada, semi-analfabeta, sem eira nem beira. Sem talento ou educação granfina para compensar?”

Genu, certamente se interessou e, na semana seguinte, quando Dorzinha reabriu o restaurante, esteve lá oferecendo os préstimos no bar, na condução da vida e até na cama, para consolá-la. Claro que esta última parte ele não falou, mas nem precisava. Dorzinha ficou feliz e eles passaram a se ver com alguma frequência, embora cada um em sua casa, ele com a estrela cadente, com quem havia voltado a morar, “a pedido do filho”, mas segundo Genu jurava, cada um vivendo sua vida. Dudu só telefonou algumas vezes, porque tinha ficado com medo da repercussão da história do adultério e Fiona, pela primeira vez na vida, fez uma cena de ciúme nada britânica e ameaçou voltar para casa com o filho se ele não a respeitasse, pelo menos em público.

Ela me contou que se sentiu um a verdadeira atriz e até se envergonhou da cena, mas se sentiu “quase uma brasileira”. Segundo Fiona, na Inglaterra, as mulheres não demonstram ciúmes dos maridos porque estes sentimentos não cabem no casamento e sim nas relações extraconjugais. Contou que até tentou ter essas tais relações fora de casa, mas só conseguia gostar e ter vontade de ficar com Dudu. E ele, quando desconfiou, teve uma reação típica de marido brasileiro. Fico no maior baixo astral, jurou que não a perdoaria nunca e manteve a promessa por umas quatro ou cinco semanas, além de ter cortado relações com o candidato a amante. Ela sentiu-se nos céus, pois não achava que Dudu desse tanta importância a ela. E viu

que finalmente tinha se adaptado ao Brasil. Então, se tinha um casamento à brasileira, nada mais natural que fizesse uma cena de ciúme como as mulheres daqui faziam sem a menor vergonha, como se fosse um direito matrimonial. Ela contou que sentiu-se meio ridícula e achou que Dudu ia esfriar mais ainda com ela, mas surpreendeu-se com sua reação. Ele pediu desculpas e jurou que ela era a única mulher com quem ele queria viver a vida inteira e prometeu ser só dedicação a ela e ao filho. Creio que ele tentou com muita convicção.

Durante um bom tempo, eles viveram felizes. “Quase como no início, lá na Inglaterra”, me disse Fiona uma vez, quando eles deram uma festa para comemorar a maioridade (21 anos) de seu casamento. Afinal, eles não consideravam os cinco anos de separação. “A gente só morou em países diferentes, mas estava casado o tempo todo”, costuma dizer Fiona, com tanta convicção que até parecia acreditar no que dizia. O mais engraçado é que o filho, David, agora queria completar a faculdade na Inglaterra. Depois de toda uma adolescência só vendo defeitos no país natal da mãe. Fiona recusava-se a acompanhá-lo e Dudu nem queria ouvir falar no assunto. Durante um bom tempo, se Dorzinha esteve com ele, os dois não contaram para ninguém. Depois da morte de Léo Costa, sequer falavam um do outro, não se freqüentavam e Fiona achou ótimo. “No fim, os homens sempre voltam para casa”, filosofava ela feliz.

Sem o rival de toda vida por perto, Genu achou que sua hora chegara e insistia com Dorzinha para fechar o restaurante e vir morar no apartamento que ele compraria para ela na zona sul, mas ela insistia também que nunca fora mulher para ser escondida num matadouro. Ela alegava também que, pela primeira vez, se sustentava e achava muito boa essa independência (“na verdade, é só para apavorá-lo porque a coisa de que homem tem mais medo e de a gente não precisar deles, nem para pagar as contas”, confidenciou-me uma vez). A freguesia do restaurante não diminuía e sempre havia músicos interessados em se apresentar para aquela platéia pequena, mas aberta a todo tipo de música, seleta, formadora de opinião. Cantores e músicos famosos como Beth Carvalho e Zeca Pagodinho sempre apareciam por lá e davam canja e Rildo Hora resolveu lançar lá seu disco instrumental, aproveitando as paredes do belo casarão para uma exposição de pintura de sua mulher, Marizette Hora, artista plástica consagrada que fizera também a capa do CD. E o filho deles, Misael, começando carreira como pianista, passou a, fazer, a cada 15 dias, shows que começavam à tardinha na sexta-feira e iam até a última pessoa sair do bar, geralmente alta madrugada, quando era servido um café da manhã para quem deveria pegar a primeira barca da manhã para Rio. Músicos jovens e talentosos como ele apresentavam-se como convidados e o restaurante sempre lotava nessas ocasiões. Ou seja, o lugar dava lucro suficiente para Dorzinha viver bem e havia se tornado lugar da moda, para comemorações de gente do society e da alta diretoria de estatais

estabelecidas no Rio, e ponto de referência para músicos, pela amizade com a dona e o cuidado que ela tinha com a produção do show. E também porque, corria a boca pequena, que Genu era freqüentador assíduo e havia sempre o agradável risco de ser ouvido por ele e cair em suas graças. Havia até a lenda de que Dorzinha havia apresentado o baiano Genu ao samba e feito sua cabeça para criar a gravadora de tanto sucesso. Nenhum dos dois se preocupava em desmentir essas histórias.

Ela continuava jogando charme para homens (sem intranqüilizar as mulheres) e esse era o único motivo de atrito com Genu, que morria de ciúme e medo de algum deles ocupar seu lugar na cama e no coração dela, já que ele não decidia o divórcio com a estrela. E havia mesmo um bando de homens sedutores, especialmente músicos e toda a tropa que andava em volta dela. Até Jorge Sete Cordas andou aparecendo lá (sem a mulher), pesquisando o ambiente para saber se lançava seu disco independente (tinha saído da gravadora de Genu após a vendagem fraca, na opinião do músico, de seu segundo disco e, depois de passar por algumas multinacionais). Ela o recebeu com uma atenção fria, conversou algum tempo sozinha numa mesa com ele. Segundo Dorzinha, falaram da possibilidade de ele se tornar atração fixa lá nas segundas-feiras, um dia só para convidar os músicos para dar canja, proposta que ela considerava difícil, pois não acreditava que as pessoas viriam a Paquetá numa segunda-feira, com tanta opção de restaurante e música no centro do Rio e na zona sul. Ele saiu contando que relembrou os velhos tempos e quase reviveram sucessos. “Não vai demorar, especialmente se rolar a roda das segundas, como ela está pensando em fazer”, disse a um amigo comum nosso, completamente ignorante da ligação entre Genu e Dorzinha.

O encontro, é claro, chegou ao conhecimento de Genu na versão de Jorge Sete Cordas. Mesmo sem acreditar e sabendo como ele era falastrão, não conseguiu evitar o ciúme e houve uma discussão entre Genu e Dorzinha. Essas cenas de ciúme, que não tinham ocorrido nem quando os dois moravam juntos, começaram a acontecer com alguma freqüência, embora pouca gente soubesse. Eles me contavam (em horas e dias separados, cada em versão própria) e eu ficava pisando em ovos para não tomar partido de um ou de outro até porque eram rusgas que duravam pouco, logo eles estavam juntos de novo, aos sorrisos, mas sem manifestações públicas de um envolvimento além da amizade. Afinal, para o público externo, Genu era marido de Rita Silveira, o que também era causa de ciúmes e desavenças entre ele e Dorzinha. Quando brigavam por estes motivos, ele sempre aparecia numa revista de fofoca com alguma mulher famosa, por sua profissão ou pela beleza. Dorzinha se mordida de ciúmes, mas não dava o braço a torcer. Fingia que não lia aquelas revistas, embora guardasse todas e, nas brigas dos dois, costumava mostrá-las a Genu.

No fim de 1998, a estrela cadente subiu de novo. Foi convidada para um papel pequeno mas simpático numa novela, deu tudo de si e mais um pouco e o foi a campeã na preferência do público. Seu personagem cresceu, ganhou família e cenário e ela começou a aparecer em capas de revistas de celebridades, assinou contrato com uma marca de cosméticos e passou a ter muitos convites para festas e viagens. Genu nunca foi com ela. Alegava que eram compromissos de trabalho e o verdadeiro motivo era que a ausência da esposa oficial lhe dava liberdade para dormir e acordar na casa de Dorzinha, em Paquetá. O sucesso de Rita cresceu a ponto de a protagonista da novela, uma jovem atriz de 35 anos (mas aparentando 22) ter dado um chilique e deixado a história no meio alegando colapso nervoso e estafa (para a direção da emissora) e hepatite (para a imprensa especializada). Em meados de 1999, quando a novela acabou, a estrela era a protagonista e começou a namorar publicamente o diretor da novela. Achei que, finalmente, Genu e Dorzinha iam reviver a paixão juvenil. Mas não foi assim que aconteceu.

Quando a estrela anunciou que ia se divorciar para casar se com a paixão de sua vida, a derradeira e definitiva (o tal diretor que a trouxera de volta ao estrelato), numa revista de celebridades, com direito a viagem para as montanhas com e fotos dela abraçada ou com as mãos entrelaçadas com seu novo amor, Genu ficou completamente puto. Não por ciúme, mas por ter sabido por sua assessora de imprensa, que, sem outro jeito, colocou o exemplar da revista sobre sua mesa. “Eu estou esperando essa notícia há pelo menos dez anos, dei o maior mole pra essa mocréia que queria o status de mulher de milionário e ela nem me avisa que não precisa mais”, reclamou em palavras bem menos gentis, num almoço para o qual me convocou no mesmo dia. “E logo hoje, que eu ia passar lá em Paquetá para conversar com a Dorzinha, tomar um vinho e tudo mais. Se ela leu essa merda, e é claro que leu porque algum espírito de porco já mostrou, vai me receber com cinco pedras já no cais. Vou ficar por aqui e levar uma dessas cantrizes que me enchem o saco para um samba na Lapa, encher a cara, trepar muito com a menima e esquecer essa confusão toda. Amanhã penso nisso de novo.”

Dorzinha não acreditou mesmo que Genu havia sido traído pela estrela. Na versão dela, ele adiava o divórcio para evitar assumi-la publicamente. “É muito mais chique ter uma artista de televisão como mulher que uma pobretona, dona de restaurante, sem eira, beira ou nome. Não deixa de ter razão, só não precisava me enrolar.” Não melhorou nem um pouco a foto dele com a cantriz publicada em três jornais (um deles, no alto de página) dizendo que, se a estrela tinha um novo amor, Genu também se consolava com a futura revelação de sua gravadora. Não adiantou nada eu ter jurado que ele até tentara evitar a publicação, pelo menos no jornal onde

eu trabalhava. Ela estava tão brava que deu uma bronca em Dudu e o fez sair correndo, pois ele apareceu “por acaso”, no dia em que a mesma foto apareceu numa revista de celebridades, dividindo a página com a da estrela com seu diretor.

Dudu me contou que tinha ido fazer o levantamento de locações para uma minissérie que se passava em Paquetá aproveitara para almoçar com ela e passar uma tarde passeando pela ilha. Dorzinha o recebeu com alegria, mas quando ele deu-lhe um beijo nos lábios e não no rosto, ela perguntou como ia a história com a inglesa e ele disse que eram bons companheiros, mas paixão ele tinha por Dorzinha. Foi posto para correr ali mesmo. “Ele insiste que eu sou mulher para sexo e para levar a sério é essa inglesa transparente”, xingou. “Vem pra cá no fim de semana com o Peter, os meninos e quem você quiser que a gente vai se esquecer desses chatos.”

No fim de semana fomos todos, mais Roberto, amigo meu de Juiz de Fora, que tinha acabado de ficar viúvo, com as duas filhas já casadas. Ele era a geração empobrecida de uma família que tinha sido milionária na primeira metade do século 20 com a indústria leiteira. Era o único que trabalhava entre os primos de sua idade e conseguiu recuperar boa parte do dinheiro ou pelo menos não vender todas as fazendas, como queriam os irmãos e primos. Nunca fora bonito ou charmoso, mas aquele amigo de quem todo mundo gosta, mas não quer namorar. Ele parecia não se importar muito com isso e não insistia muito em paquerar, preferia ser o amigo de todas. Dizia-se na cidade que ele só gostava de envolver-se com prostitutas e era popularíssimo na zona. Ele negava tudo, mas revelava que de vez em quando ia ver suas amigas lá, pois não tinha os preconceitos de outros rapazes de sua idade e meio. Elisa tinha sido a primeira garota com quem se envolvera seriamente. Os dois foram muito felizes durante 25 anos, mas ela tivera um câncer linfático e nem todo o dinheiro que ele gastou no Brasil e no exterior foi suficiente para salvar-lhe a vida, nos dez anos entre a descoberta da doença e sua morte. Um ano depois do casamento da segunda filha e uma semana depois do nascimento do primeiro neto, ele ficou viúvo.

Encontrei-o no enterro de Elisa. Não nos víamos há muitos anos e ele ficou realmente consolado com a lembrança de uma amiga de tantos anos. Achou Peter o homem perfeito para mim e desde então passamos a nos freqüentar. Apesar de rico, bem estabelecido e ter um cabelo quase branco que lhe dava um charme maduro, continuava sendo esquecido pelas mulheres e não parecia interessado nelas. Se tinha voltado a freqüentar as prostitutas, ninguém sabia ou falava nisso. Levava uma vida de monge, segundo as filhas. Elas até gostariam que ele se casasse de novo – ou pelo menos namorasse alguém, tivesse um caso – porque achavam doentio

ele continuar morando na mesma casa, sem ter se desfeito das roupas e objetos pessoais da mulher, mesmo passados seis meses da morte. Estava tudo lá, como se ela tivesse ido viajar e fosse voltar no dia seguinte.

Quando a filha mais velha me contou, eu sugeri que ele viesse passar uns dias comigo e Peter no Rio e, naquele fim de semana, ele conheceu Dorzinha. Ela não lhe deu atenção especial, até porque o restaurante lotou no fim de semana. Por isso, mesmo, não fez tanto charme para os outros fregueses também. Roberto não me pareceu atento a ela, mas sorriu com simpatia de duas ou três frases engraçadas que ela disse no decorrer do fim de semana. No sábado, apareceu uma cantora que se dizia sambista, mas não acertava nem a letra de *Com que Roupa*, de Noel Rosa, e ainda se recusou a voltar para o quarto set, alegando que não estava previsto no contrato, embora a casa ainda estivesse cheia e o público, pedindo bis. No domingo, a cantora não apareceu e, em seu lugar, Dorzinha cantou com sua voz pequena, quase afinada, e uma graça que lembrava Carmem Miranda. Roberto sabia a letra de todas as músicas, as antigas e as recentes, e pela primeira vez na vida, soube que ele gostava de música. Ele disse que este tinha sido um dos bons hábitos que Elisa lhe ensinara.

Aquele era um fim de semana de despedida minha e de Peter, que tinha que passar um ano na Inglaterra, devido ao trabalho. Pedi licença sem remuneração no trabalho e fomos todos. Enquanto estive lá, troquei e-mails com Dudu, que me contou que estava trabalhando para televisão e saindo com uma roteirista de seu programa. “Vamos fazer coisas incríveis no trabalho porque já fazemos quando estamos só nos dois”, me escreveu. Apaixonado? “Espero que sim”, respondeu. Contou ainda que a roteirista quis conhecer o tal bar famoso de Paquetá e ele ligou para Dorzinha perguntando se poderia levar a namorada lá. “Ela disse que o lugar era público e que quem pagasse a conta era bem vindo.”

E Fiona, o que aconteceu com ela? Dudu me contou que, logo após a única cena de ciúme de sua vida, passou alguns meses tentando ser um bom marido, não pensar em Dorzinha (conseguiu não falar nela), mas fracassou nos dois intentos. “Tenho carinho, todo carinho do mundo pela minha mulher, mas nenhum tesão”, lamentou. “E ela resolveu ser brasileira, viver um romance para o resto da vida, em vez de ser como as inglesas, que têm o marido mais ou menos como um móvel ou um carro de luxo, parte do patrimônio pessoal que a gente não mexe muito. Uma coisa muito útil que você trata bem e usa de vez em quando. Adoraria ser como alguns casais amigos dela lá da Inglaterra, que são companheiros, cúmplices mesmo, mas cada um vive sua vida afetiva para um lado.” Dudu até pensou em voltar para a Inglaterra para não ficar longe do filho que fora mesmo estudar lá e foi Fiona quem, de início, não queria voltar. Dizia que ambos já haviam se acostumado com o Brasil.

Mas David gostava da idéia de ter os pais por perto e a mudança começou a ser planejada. Quando faltava pouco mais de uma semana para a viagem, Dudu apareceu com um filme inadiável, proposta irrecusável de outra co-produção Brasil/Inglaterra a ser filmada em Minas Gerais. Ele ficaria mais quatro meses e depois iria ter com os dois. Fiona propôs adiar a viagem também e Dudu teve um trabalhão para convencê-la a viajar sem parecer que a dispensava. Depois daquele filme, ele emendou numa minissérie na televisão e, depois... Depois começou o verão e ele quis se despedir do sol carioca. Desta vez, Fiona não insistiu para que ele fosse para a Inglaterra nem para vir de lá. Apesar de saber que eu estava morando em Londres, ela nunca me procurou e, quando tentei entrar em contato, sempre tinha mil compromissos, agenda cheia e nenhum tempo para um chá à tarde ou um almoço. “Aqui não é como o Rio, que as pessoas ligam para se encontrar daqui a dois minutos. Estou com a agenda cheia até o fim do mês. Me liga daqui a 15 dias para a gente marcar”, disse ela, mais me dispensando que sendo britânica.

Quando Dudu levou a namorada/roteirista a Paquetá, Dorzinha quase não falou com ele, mas tratou a moça com seu melhor sorriso, adivinhou que ela tomava vinho do Porto antes da refeição e, no fim do dia, eram amigas de infância. Quando ele quis saber o porquê da frieza com um velho amigo e tanta gentileza com uma estranha, ela respondeu como que ensina uma lição óbvia: “Você já está conquistado, não é mesmo? A moça deve querer voltar aqui, mesmo sozinha”, e não falou mais com Dudu. Ele ficou puto, achou o bar um saco e deu um jeito de ir embora mais cedo, reclamando da comida, da música e da antipatia da dona do lugar. Genu me mandou um e-mail e foi nos visitar de passagem por Londres. Estava com a cantriz e perguntou se a gente tinha notícias de Dorzinha porque ela não atendia seus telefonemas nem nada. “Acho que ela desistiu de mim, mas está enganada se pensa que eu desisti dela”, confessou a Peter, longe de mim e da cantriz.

Quando voltei ao Brasil, em meados de 2000, liguei para Dorzinha e o telefone dela em Paquetá estava desativado. O restaurante tinha sido vendido e o novo dono não tinha o endereço da antiga proprietária, mas sim o telefone de um procurador dela. Que era o filho advogado de Léo Costa. Ele me contou que, cerca de três meses antes, Dorzinha lhes devolvera a casa e o restaurante porque estava de mudança para o interior de Minas. “Ela chegou com um documento assinado por um colega mineiro. Já estivemos juntos em algumas causas e em lados opostos em outras. Ele é brilhante, um dos mais conceituados de Minas. No documento ela dizia que entregava a casa e o restaurante e que ninguém lhe devia nada nem ela a nós. Acho que

arrumou outro homem como meu pai. Ela merece alguém que cuide dela. É uma mulher fabulosa”, comentou com entusiasmo.

Dois meses depois, tendo retomado meu trabalho de repórter, recebi um release do show de lançamento da cantora Dorzinha no Centro Cultural Carioca, antiga gafieira que virara casa de shows descolados. O release vinha de Gilda Mattoso e eu vi que era um trabalho de alto nível, para acontecer mesmo. “É uma cantora nova, do interior, que passou uns tempos fora do País e agora está de volta”, me contou Marquinhos, sócio de Gilda, explicando que não haveria entrevista exclusiva da cantora, mas uma grande coletiva, na verdade um showcase só para a imprensa especializada em que ela responderia as questões dos jornalistas. Só as profissionais, não falaria sobre vida pessoal. Dali a alguns dias, começaram a aparecer notas sobre o show, que Gilberto Gil oferecera um samba inédito para ela, que Gal Costa tinha adorado a fita demo que ela lhe enviara, que Wagner Tiso tinha feito dois arranjos para o disco que ela estava gravando, sempre alguma notícia envolvendo estrelas consagradas da música brasileira, que Paulão Sete Cordas ia fazer a produção do disco e os arranjos do show e que Zeca Pagodinho ia dividir uma faixa com ela. Fiquei curiosíssima quando soube que o laticínio de Roberto patrocinava tudo e pedi uma entrevista exclusiva com a nova cantora. Que me foi negada pela assessoria de Gilda Mattoso, pois não poderia haver exceções por decisão da cantora e dos patrocinadores do show.

Não precisou, porque Dorzinha me ligou dois dias antes da data da grande coletiva/show. Tinha sabido da minha volta pela assessora de imprensa, quando pedira para ver a lista dos jornalistas que compareceriam. Ardía por contar as novidades, as que não podiam sair no jornal. Ela contou que, na primeira vez em que estive no restaurante comigo, Roberto pediu seu telefone e ficou de procurá-la. Quando, se eles não se falaram? “Uma hora, no sábado, que você foi ao banheiro e o Peter fingia ter um ataque epilético. Desculpa, tentava sambar”, riu ela. Como ele não deu sinal de vida nos fins de semana seguintes, Dorzinha pensou que era mais um que se encantava na hora e se esquecia dela antes de chegar à barca para a Praça 15.

Mas numa terça-feira, mais de dois meses depois, Roberto telefonou e perguntou se podia aparecer no fim de semana seguinte. Ela respondeu que todo cliente que voltava era uma alegria para ela e para a casa e perguntou quantas pessoas viriam para fazer a reserva. “Vou sozinho, não como cliente da casa, mas como pretendente a você. Posso?”, corrigiu. No susto com tanta firmeza e decisão respondeu que sim, mas se arrependeu e pensou em avisar para não vir pelo menos 20 vezes. Sua ajudante de cozinha impediu que ela mandasse Roberto embora antes ele ter aparecido. Ceição, uma negra gorda e alegre, nativa de Paquetá e muito entendida em assuntos de candomblé e orixás, mãe de quatro rapazes, cada um de um pai, que ela fez

estudar até o curso técnico (“Emersom, o mais novo vai para a universidade, nem que eu tenha que trabalhar de manhã, de tarde, de noite e de madrugada”, dizia ela). Ceição entrou na história em favor de Roberto. “Se é só pretendente, como diz, não há compromisso. Se você não gostar, não precisa de rolar nada”, aconselhou experiente e contadora de casos. “Mas não tome nenhuma decisão antes de ir pra cama com ele ou, ao menos, dar uns beijos e uns amassos. Às vezes a gente não dá nada por um homem e ele, além de ótimo na cama, nos resolve a vida. O pai do Emilson, meu segundo menino, era assim. Bom até não poder mais, no quarto e na rua, porque era responsável, trazia o salário inteirinho todo mês e só me pedia o da condução todo dia. Se ele não tivesse morrido de enfarte, tinha sido pai dos outros dois menores.”

Dorzinha não gostou nem desgostou de Roberto. “É um homem diferente dos que sempre convivi, lembra aqueles fregueses de meu pai ou tios seus lá de Minas, fazendeiros e comerciantes do interior. Cultos, mas não refinados e nem um pouco interessados no que vai rolar no showbiz, nas novelas e fofocas de televisão ou em quem é a nova celebridade, não sabe nada dessas coisas”, descreveu e nem reparou quando eu lhe lembrei que Roberto é comerciante e fazendeiro no interior de Minas como meus tios e os fregueses do pai dela em Inhapim, só que separado deles por três décadas. “Sempre fico sem saber sobre o que conversar porque há muitos anos não tenho outro assunto. Aí fico quieta, ouvindo.”

Parece que esse silêncio e a atenção conquistaram Roberto. Ele chegou na sexta de tardinha, sentou-se na varanda como um cliente normal e pagou a conta com a maior gorjeta que os garçons de restaurante já tinham visto. Lá pelas 10 horas da noite, disse que estava cansado, ia para o hotel e, para despedir, abraçou Dorzinha e beijou-a levemente, na bochecha. “Não entendi nada, pois estava preparada para um discurso sobre esperarmos mais um pouco para ir adiante, nos conhecermos melhor”, contou ela.

No dia seguinte Roberto encheu o restaurante de flores e deu a ela um bilhete carinhoso. Saiu para dar uma volta na hora de maior movimento do restaurante e voltou à tardinha, quando ela dava uma canja. Sentou-se numa mesa longe do palquinho, meio às escuras, e ficou olhando-a embevecido. “Eu não queria que todo mundo percebesse a história antes de saber se minha proposta era conveniente ou se ela a aceitaria. Mas tinha certeza de que queria aquela mulher”, me contou Roberto quando, curiosa, liguei para ele para saber sua versão. Desta vez, não era muito diferente da história que Dorzinha contou.

Quando o restaurante estava quase vazio, lá pelas 11 horas da noite, ele chamou-a para dar uma volta. Queria mostrar a lua minguante nascendo linda, num ponto de Paquetá, naquela época do ano. “Eu ri porque, morando lá há mais de cinco anos, nunca tinha prestado atenção na lua nascendo aqui ou ali. Aliás, nunca entendi por que, desde os tempos em que vivia com

Genu, os cariocas aplaudiam o por do sol ou a lua nascendo. Só aplaudia também porque estava chegando e não queria que notassem minha ignorância. Mas só contei para ele a primeira parte da lua e de morar lá há muito tempo”, riu Dorzinha. De volta para casa, foram direto para o quarto dela, amaram-se (“nada demais, até meio sem graça, mas carinhoso e atencioso comigo”, disse ela). Depois de algum tempo, bem antes de amanhecer, ele vestiu-se despediu-se e voltou para o hotel onde estava hospedado. No dia seguinte, apareceu para o almoço, mas foi embora antes das 5 horas porque devia voltar para Goianá, perto de Juiz de Fora, onde ficava sua principal fazenda, na segunda de manhã.

Neste mesmo dia, ela recebia, em casa, mais flores e uma caixa com um colar de pérolas e um bilhete dizendo que ela era mais perfeita que todas aquelas pedras. Pedia para voltar dali a 15 dias, mas dizia que considerava o pedido aceito se não houvesse resposta. Dorzinha preferiu não responder e, dali a duas semanas, ele chegou no fim da manhã de sábado, não na sexta, à tardinha, como da primeira vez. Ela tinha passado a sexta-feira inquieta e a noite inteira sem dormir, achando que ele desistira. Sem entender por que ele pedira para vir, gastara aquela nota preta com as pérolas e sumira desse jeito. “Vai que ver pra ele é pouco”, brincava Ceição, emendando nos casos. “O pai do Emilson, o meu segundo, que está na Marinha, era assim. Ele me entregava dois salários mínimos e ainda pedia desculpa por ser tão pouco. Mal sabia que o pai do Email, meu mais velho, não comparecia com grana, vivia me pedindo dinheiro até para ir ao bar tomar cerveja com os amigos e, muito raramente, quando me dava uns trocados, passava um mês dizendo que me sustentava.”

Dorzinha até tentou prestar atenção nessas histórias, mas ficou mesmo foi ansiosa e por isso recebeu Roberto com seu mais lindo sorriso e a alegria mais autêntica. Desajeitada (acho que pela primeira vez na vida, diante de um homem que queria conquistar), ela ainda disse que não poderia conversar com ele porque estava no auge do preparo do almoço, mas Ceição, toda cúmplice, disse que tomava conta de tudo. E os dois foram para a varanda e depois para o banco da praça em frente conversar até a chegada dos primeiros clientes. De novo, Roberto passeou na hora de pique do restaurante, voltou para vê-la cantar sentado num canto escuro. Quando a casa estava quase vazia, e levou-a para outro ponto da ilha, onde a lua crescente sumia no mar.

Só que, desta vez, quando ele se vestiu para voltar para o hotel, ela protestou. “Não sabia se ele era namorado, amante ou o quê, mas de todo jeito, quando um homem gosta e respeita uma mulher não sai fugindo depois do sexo”, reclamou Dorzinha. Ele concordou e achou uma ótima oportunidade para se entenderem. Não a queria a cada 15 dias, mas para sempre, mas não se sentia à vontade dormindo na casa que era dos filhos de seu ex-marido, que a deixavam morar lá por amizade ou gratidão. “Certamente eles não vão gostar de saber que ela põe homem lá e

podem até tirá-la da casa na hora que quiserem”, comentou comigo depois. “Eu também quero tirá-la do restaurante e levá-la para minha casa, mas vou fazer tudo dentro dos conformes”. Ele avisou que queria casar-se e morar em Goianá, cidadezinha perto do Juiz de Fora, onde tinha os laticínios e onde ficava sua principal fazenda. Sua casa precisava de uma mulher para por ordem, lidar com os empregados e cuidar dele, de sua casa, do coração e de seu corpo.

“Fiquei sem fala porque era a primeira vez que alguém me fazia essa proposta, desse jeito, Sempre a iniciativa tinha partido de mim, do Genu ao Léo, passando pelo pagodeiro e os outros músicos”, contou. “Para ganhar tempo, disse que havia coisas fundamentais a serem resolvidas antes de uma resposta, pois eu tinha responsabilidades além de mim.” Ele disse que, se eram os empregados, ele os pagaria até o restaurante ser vendido. Se fosse sua filha, já tinha pensado em tudo. A menina viria ficar com eles, terminaria Engenharia em Juiz de Fora e depois poderia trabalhar nos laticínios ou no emprego que escolhesse. Só então soube que ele tomara informações. Sabia da sua idade, da origem à beira da Rio-Bahia, dos músicos com quem vivera – não perguntou se sabia de Genu e Dudu, mas achou que sabia sim. Ele prometeu que, se Dorzinha aceitasse, não se arrependeria, a não ser que aquele palco fosse mais importante que ter uma família, viver um casamento sólido como fora o dele com Elisa. Só não aceitava dormir na casa que nem dela era. Foram dormir no hotel.

Roberto demorou mais 15 dias para voltar e chegou com o documento de devolução da casa e uma proposta mirabolante. Ela ia ser a mulher mais rica de Goianá, uma das mais ricas da Zona da Mata mineira, e não podia surgir assim do nada. Tinha que ter um passado glamuroso ou ser alguém dali. “Do contrário, vão inventar histórias, investigar seu passado e espalhar versões que não convêm”, explicou. Ela alegou que não ligava para falatório, mas ele a convenceu. “Tanto tempo no Rio te fez esquecer como as pessoas de uma cidadezinha do interior podem ser cruéis? Para que provocá-las. Melhor contar uma história que as deixe felizes.” E Dorzinha adorou sua nova história inventada por Roberto. Seu plano era realizar um show de lançamento como cantora, que saísse em toda a imprensa, de jornais e críticos sérios (ou ditos como tais, lembrei eu) às de fofoca mais vulgares, mas sempre num tom de elogio. Quando ela fosse apresentada à sociedade goianense, seria a cantora que largou a carreira no Rio para viver um grande amor. “Ele me prometeu que esse amor chegaria um dia”, riu Dorzinha. “Se não chegar não tem importância. Nós mulheres, quando chegamos perto dos 40 (50 Dorzinha, quase que a corriji) precisamos trocar a mão que excita pela que nos protege.” E ainda achou superromântico quando lhe contei que já tinha acontecido uma história semelhante, no Rio, na belle époque carioca, com a cantora lírica italiana era Gabriela Bezanoni havia abandonado uma carreira de sucesso na Europa para se casar com o empresário brasileiro

Henrique Lage, que lhe dera de presente o palácio do Parque Lage. “Aquele onde tinha uns shows de rock e gafeira antigamente? Roberto falou alguma coisa sobre isso, mas achei que ele tinha inventado essa história para me convencer...”, comentou ela.

Em vez de um show, marcou-se uma temporada de quatro dias, para lançar seu disco. Dorzinha era uma cantora de samba com passagens pela Europa (que ela não conhecia, mas ia conhecer durante a lua de mel, antes de voltar para Goianá). O CD tinha realmente música inédita de Gilberto Gil, um samba lindo, falando das agruras e felicidades por que passam os migrantes (como ele e Dorzinha) ao chegarem ao Rio. A produção era do renomado Paulão Sete Cordas, que acabara de fazer o disco *Tudo Azul*, da Velha Guarda da Portela, para o selo de Marisa Monte, e aproveitara os mesmos músicos, já aquecidos do trabalho anterior. Tinha também música inédita de Monarco, dois sambas de baluartes portelenses, os sambas de Assis Valente e Geraldo Pereira que o público adorava ver Dorzinha cantar. Havia um inédito de Guilherme de Brito e dois de Mamão, compositor de Juiz de Fora de quem Roberto ficara amigo quando ia a rodas de samba com a primeira mulher. Gravara também *Nancy Porta-Bandeira*, de Suely Costa. Esta música era resposta a *Só esta Noite*, lindo samba-canção de Mamão, no qual, após uma discussão com Nancy, sua namorada, ele reclamava da falta de carinho e ameaçava encontrar outro amor. Suely, amiga do casal e sabendo que Nancy não tinha a veia poética de Mamão, esbravejou com o compositor e encarregou-se de responder à queixa com outro samba tão bonito quanto. Dorzinha gravou os dois, é claro, e contou a história na contracapa do disco, num texto que ela mesma assinava, “mas foi ajeitado por um jornalista amigo do Roberto”, confessou. Havia até um samba de Dorzinha, que, ao menos do que eu soubesse, nunca fora compositora. “Sou uma compositora. Mas isso é segredo de Estado, nem o Paulão sabe, acha que o samba é meu e disse que eu tenho talento, deveria mostrar mais músicas”, explicou sorrindo

Cartazes com sua foto, muito bem produzida, foram espalhados pela cidade e todo mundo queria saber quem era essa mulher que ninguém tinha ouvido falar antes. Só alguns iniciados que freqüentaram seu restaurante em Paquetá, mas não a reconheceram direito com o novo visual, de cabelos longos caindo em cachos sedosos e não aquele emaranhado rebelde que para alguns homens, como Dudu e Genu, eram parte de seu encanto. Eu pedi para não fazer a matéria. Sabia demais da vida de Dorzinha para contar aquela história sem soar falso, mas aleguei uma doença no dia marcado para o showcase, expliquei a ela e Roberto por que não faria a entrevista e meu chefe engoliu o atestado médico que levei no dia seguinte.

A noite de estréia foi um sucesso e foi noticiada nas colunas sociais e nas de celebridades, embora poucas tenham comparecido. O show estava marcado para as 21 horas,

portanto ia começar às 22. Às oito e meia Genu chegou lá, sozinho, quase no mesmo minuto que Dudu, que também não estava acompanhado. Riram ao se verem naquela mesma situação que já durava mais de três décadas. Como a casa era pequena e havia muitos convidados, não se importaram terem a mesma mesa reservada para os dois, pediram cerveja e começaram a falar sobre novas cantoras, sobre cada surpresa que Dorzinha lhes fazia, mas sem confessarem um ao outro a pretensão de sair com ela naquela noite para casa, para o melhor motel da cidade ou um dali da Lapa mesmo, porque não estavam convencidos de que um terceiro havia conquistado Dorzinha. Genu contou até que oferecera sua gravadora para lançar o disco, mas Dorzinha recusara. Até então ele não falara com Roberto, nem tinha o menor interesse em fazê-lo. Tive que achar engraçado ver os vi juntos fazendo planos contra Roberto como se a vitória de um fosse a do outro. E aceitei o convite para sentar-me com eles, pois estava sem o Peter.

O advogado filho de Léo também apareceu, quando havia meia casa cheia, cumprimentou-me e sentou-se com a mulher numa mesa reservada para ele e outro advogado, que me foi apresentado como o de Roberto, o tal mineiro brilhante e, segundo apurei, um dos mais caros do País. Os dois eram parecidíssimos, só diferenciando a cor da camisa sob o paletó azul marinho. As mulheres davam impressão de terem feito escova progressiva no mesmo cabeleireiro que as deixara com mechas lisas e muito bem arranjadas e escolhido os vestidos (um tubinho azul marinho e outro grafite) na mesma loja e no mesmo dia. Mas os blazer eram diferentes. Um coloridíssimo e outro de um vermelho-tijolo sóbrio.

Quando todas as mesas estavam cheias e gente se acomodava nos espaços entre elas, Dorzinha chegou num vestido discreto e indecente. Era longo, mas tinha uma fenda enorme na perna direita, além de o tecido marcar todo seu corpo, escultural. Lembrei que, com dois anos a menos que ela (eu tinha 45 e ela, 47), eu já perdera há muito as formas da juventude. Ela parecia, realmente, alguém que tinha feito 30 anos anteontem, ou no máximo há um mês. Cantou com sua voz pequena, mas agora estava mais afinada lapidada e tinha uma graça muito maior do que quando cantava no restaurante. Certamente havia uma direção de cena ali, mas tudo parecia espontâneo. Dudu disse que havia se oferecido para dirigir o show, mas Roberto recusou delicadamente, avisando que era um trabalho independente e não havia verba para pagar um profissional tão prestigiado quanto ele. “Nem ouviu minha proposta artística e eu não estava pensando em dinheiro. Até pagava para dirigir o show, mas esse cara não deu espaço nem para eu insistir. Tentei ligar outras vezes, mas nem ela nem ele me atenderam”, reclamou. O público adorou tudo. As músicas, os arranjos, a voz de Dorzinha. Aplaudiu muito e pediu bis três vezes.

Meus dois acompanhantes puxavam esse coro e se precipitaram para o camarim assim que a música mecânica voltou. Tiveram que esperar uma boa hora e meia enquanto ela “se trocava”, como disse Roberto solícito. Quando eles não tinham mais assunto a inventar com Roberto, ela os atendeu com seu melhor sorriso, convenceu-os de que o show só foi tão bom porque eles estavam ali e apresentou os dois a Roberto, que disse já tê-los conhecido, sem qualquer traço de ironia na voz. Animado, Genu disse que ela era a melhor cantora surgida nos últimos tempos (“de maldade, lembrei que ele conhecia muitas cantoras novas”, me contou Dorzinha) e Dudu, que ela se portava em cena como uma profissional que sabe tudo do palco (“disse que o elogio vindo dele, que conhecia a fundo atrizes, valia mais, outra maldadezinha”). Genu disse então que estava ali porque queria lançar um disco ao vivo de Dorzinha e o momento era esse. Gravar em dois ou três meses e lançar no início de 2001. “Por que não um DVD, ou seja um disco com imagem dela, da banda, de todo seu processo de criação?”, completou Dudu, com completa aprovação de Genu e para uma Dorzinha que sorria reticente...

Roberto deu a palavra final. Explicou que sua mulher, embora grande e talentosa cantora, estava deixando o Rio e a música para viver no interior de Minas. Ele bem que insistiu para que ela não abandonasse a carreira, mas Dorzinha queria voltar às origens. Dudu ainda propôs um jantar a cinco (me incluindo nessa confusão), mas Roberto protestou cansado (de Dorzinha, não dele) e lembrou que no dia seguinte ela teria que estar tão linda quando no primeiro. “Afim, hoje são os amigos antigos e amanhã os que precisamos ganhar”, ensinou, sem a prepotência que Dudu e Genu lhe atribuíram, entre raivosos e invejosos, até me deixarem em casa naquela noite.

Não voltei mais ao show, mas sei que Dudu esteve lá num dia e Genu no outro, mas Dorzinha não recebeu o público no camarim. No domingo, ela telefonou para se despedir e me convidar para ser madrinha de seu casamento. “Olha que engraçado, vai ter igreja e vestido branco. Roberto queria véu e grinalda, mas eu o fiz ver que era preciso menos, para não perder a credibilidade”, contou. O casamento foi dali a um mês, na fazenda de Goianá, com três dias de festas, daquelas que não se vêem mais. A mãe e a filha de Dorzinha vieram de Governador Valadares, assim como as irmãs que moravam na região. Nina veio para morar em Juiz de Fora, terminar a faculdade e, finalmente, ficar perto de Dorzinha. A mãe dela não quis mudar-se para Juiz de Fora e muito menos para Goianá. Alegou que tinha sua horta e seu jardim em casa, suas rezas e amigas de igreja lá e não ia se enfurnar numa fazenda na velhice. “Levei a vida inteira para conseguir sair do mato, ter uma casinha na cidade e só saio de lá para o cemitério”, brincou ela, finalmente reconciliada com a filha que, afinal, saía melhor que a encomenda e totalmente o contrário e suas previsões. “E não esperem que eu faça essa mudança tão cedo.” Vestida de

seda verde escuro, com o cabelo quase branco amarrado num coque, destacando a pele bronzeadíssima (de trabalhar sob o sol ou diante de um fogão quente, pois ainda cozinhava, fazia banquetes e salgados para festas chiques em Governador Valadares), parecia uma proprietária de muitas terras e gado e não alguém nunca teve nem um palmo de seu no chão. Até o irmão de Nova York e o de Palma vieram ver Dorzinha tornar-se rica fazendeira. Roberto ofereceu-se para pagar as passagens, mas eles, orgulhosos, garantiram que tinham o suficiente para assistir ao casamento da irmã e até contribuir para a festa, o que foi firme e gentilmente recusado pelo noivo.

Genu e Dudu receberam o convite, mandado por Dorzinha, com direito a acompanhante sem nome especificado, ou seja, podiam levar qualquer uma pois, conforme ela sabia, não tinham se casado de novo. Mas não apareceram, só mandaram presentes: o mesmo jogo de copos de vinho de murano importado de Veneza, cujo preço deve ter, no mínimo, quatro algarismos, em euros. Eles juram que foi coincidência, nem se falaram sobre aquele “desastrado acontecimento” (palavras de Dudu). Aliás, desde aquela “noite trágica do show” (palavras de Genu).

Logo depois ela viajou para a Europa e ficou até o Natal de 2000. Combinamos de nos encontrar no réveillon, quando eu for a Juiz de Fora para ver a família. Genu me ligou quando soube que eu não ia passar o fim de ano no Rio. Depois de uma conversa enorme, sobre mercado musical, novas tecnologias, novos artistas etc etc etc, abriu o jogo e pediu para eu convencer Dorzinha a fazer o CD ao vivo com sua gravadora. Dudu ligou no dia seguinte, cheio de etcéteres, para falar o mesmo do DVD. Fiquei de conversar com ela, vou tentar cumprir a promessa. Dudu me ligou de novo logo que Peter e eu saímos do Rio e Genu, há pouco, quando estávamos chegando a Juiz de Fora. Queriam saber da resposta, mas o feriadão de réveillon está só começando....

Fim